

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Viviane Graciele de Araujo Valerio

**AS INTERAÇÕES E O BRINCAR NA E COM A NATUREZA:
CONSTRUINDO UMA INFÂNCIA DESEMPAREDADA NA CRECHE**

**São Caetano do Sul
2021**

VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO

**AS INTERAÇÕES E O BRINCAR NA E COM A NATUREZA:
CONSTRUINDO UMA INFÂNCIA DESEMPAREDADA NA CRECHE**

Trabalho Final de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Profissional – da Universidade de São Caetano do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Formação de Professores e Gestores

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva

**São Caetano do Sul
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

VALERIO, Viviane Graciele de Araujo

As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche / Viviane Graciele de Araujo Valerio. – São Caetano do Sul: USCS, 2021.

212 p.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marta Regina Paulo da Silva.

Dissertação (mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional, 2021.

1. Práticas Pedagógicas. 2. Brincadeiras. 3. Natureza. 4. Aprendizagem. 5. Creches. I. Título. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro**

**Gestão do Programa de Pós-graduação em Educação
Prof. Dr. Nonato Assis de Miranda
Profa. Dra. Ana Silva Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido e aprovado em 25/02/2021 pela Banca Examinadora constituída pelas professoras:

Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva (Orientadora – USCS)

Prof. Dra. Maria de Fátima Ramos de Andrade (USCS)

Profa. Dra. Daniela Finco (UNIFESP)

*Dedico este trabalho aos meus três filhos: Victor,
Monique e Giulia que são minha fonte de inspiração.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus e à natureza por Eles serem sempre tão generosos e presentes em minha vida.

Ao meu marido Edinaldo pela compreensão e companheirismo; a meus filhos Victor, Monique e Giulia que são minhas inspirações e meu maior combustível de vida; à minha mãe Angelina, por ser exemplo grandiosa de fé e coragem; a meus familiares que sempre me deram muito amor e carinho.

Agradeço também à minha orientadora professora Marta Regina Paulo da Silva por todas contribuições e parceria de sempre.

Às minhas amigas do mestrado, em especial à Natália Francisquetti Silva Vieira, pela ajuda e aprendizagens.

Às professoras Maria de Fátima Ramos de Andrade e Daniela Finco, pelas contribuições e ensinamentos na banca de qualificação e defesa.

À equipe da EMI Alfredo Rodrigues, às professoras e gestoras por terem participado desta pesquisa.

Meus agradecimentos à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul pela concessão da bolsa em que foi possível realizar o mestrado.

Por fim, a todas as crianças com quem tive e tenho o prazer de conviver, por deixarem suas marcas positivas por onde passam e por nos fazer acreditar em um mundo melhor e mais solidário.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul. Parte da compreensão de que as crianças declaram frequentemente e através de suas diferentes linguagens suas preferências e encantamento pelos espaços externos em meio à natureza para suas vivências, interações, investigações e experiências brincantes de aprendizagem dentro da creche, demonstrando sua insatisfação às rotinas rígidas e aos ambientes fechados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, cujo os procedimentos metodológicos foram: entrevistas semiestruturadas com as professoras e as gestoras da creche, análise do Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul e do Projeto Político Pedagógico da creche, e a Documentação Pedagógica da professora-pesquisadora. O referencial teórico está embasado nos estudos e pesquisas da sociologia da infância, pedagogia da infância, filosofia, bem como na legislação referente à educação infantil. A análise dos dados revelou que as entrevistadas reconhecem as preferências das crianças pelos espaços externos em meio à natureza, porém sentem-se inseguranças e receosas ante a possibilidade das crianças pequenas se machucarem com os elementos da natureza ou adoeçam em função dos banhos de chuvas, brincadeiras com água e o tempo frio. Outro aspecto que distancia a criança da natureza refere-se à “sujeira”, pois, segundo algumas entrevistadas, as famílias não gostam que as crianças se sujeem. Os horários inflexíveis da rotina com as trocas, refeições, entrada e descanso constituem-se para algumas docentes em limites para maior presença das crianças na natureza, bem como a dificuldade em controlar a disciplina das crianças nos ambientes externos. Contudo, apesar das dificuldades, algumas professoras vêm proporcionando contextos brincantes na natureza, o que vai demonstrando a construção do desemparedamento da infância na creche. Como produto educacional resultante desta pesquisa será elaborado um *E-Book* compartilhando ações e contextos brincantes na e com a natureza na creche pesquisada. Com isso ressalta-se a importância em desemparedar a infância dizendo sim às vontades do corpo com momentos que geram alegria e potência criadora de agir das crianças.

Palavras-chave: Desemparedamento da infância. Interações. Brincar na e com a natureza. Creche. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This research aimed to understand how the "childhood development" has been built in a day care center of the Municipal Education Network of São Caetano do Sul. It is part of the understanding that children often and through their different languages declare their preferences and enchantment through the external spaces in the midst of nature for their experiences, interactions, investigations and playful learning experiences within the daycare center, demonstrating their dissatisfaction with rigid routines and closed environments. This is a qualitative research, a case study, whose methodological procedures were: semi-structured interviews with the teachers and managers of the day care center, analysis of the Municipal Education Curriculum of São Caetano do Sul and the Pedagogical Political Project of the daycare center, and the Pedagogical Documentation of the teacher-researcher. The theoretical framework is based on the studies and research of childhood sociology, childhood pedagogy, philosophy, as well as legislation on early childhood education. The analysis of the data revealed that the interviewees recognize the preferences of children for external spaces in the midst of nature, but feel insecure and afraid about the possibility of small children getting hurt with the elements of nature or get sick due to showers, water games and cold weather. Another aspect that distances the child from nature refers to "dirt", because, according to some interviewees, families do not like children to get dirty. The inflexible routine schedules with exchanges, meals, entrance and rest are for some teachers in limits for greater presence of children in nature, as well as the difficulty in controlling the discipline of children in external environments. However, despite the difficulties, some teachers have been providing playful contexts in nature, which demonstrates the construction of childhood development in daycare. As an educational product resulting from this research will be elaborated an E-Book sharing playful actions and contexts in and with nature in the daycare center researched. This emphasizes the importance of disempowering childhood by saying yes to the wills of the body with moments that generate joy and creative power to act children.

Keywords: Childhood development. Interactions. Playing in and with nature. Daycare. Pedagogical practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comidinha com lama	96
Figura 2: Desvendando a natureza	99
Figura 3: Brincando com água, terra e areia	102
Figura 4: Unhas de pétalas	105
Figura 5: Brincando com as flores da natureza	109
Figura 6: Explorando a natureza com os pés	112
Figura 7: Brincando com lama	113
Figura 8: Abacates caídos	113
Figura 9: Tesouros da natureza	114
Figura 10: Sentindo a natureza com os pés	114
Figura 11: Aprendendo com experiências com terra	115
Figura 12: Comidinhas com as sementes da natureza	115
Figura 13: Elementos da natureza	120
Figura 14: Construindo com os elementos da natureza.	122
Figura 15: Fogueira construída pelas crianças	123
Figura 16: Pincel de folhas e gravetos	124
Figura 17: Observando a árvore e o céu	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento bibliográfico: IBICT	31
Quadro 2: Levantamento bibliográfico: CAPES	35
Quadro 3: Perfil das profissionais entrevistadas.	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BNCC: Base Nacional Curricular Comum

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DCNEI: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ETE: Escola Técnica Estadual Jorge Street

EMI: Escola Municipal Integrada

FATEC: Faculdade de Tecnologia Antônio Russo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBICT: Instituto Brasileiro de Informações em Ciências e Tecnologia

LDBN: Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PUC-RIO: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RCNEI: Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAL: Universidade Federal de Alagoas

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

UFPR: Universidade Federal do Paraná

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UPM: Universidade Presbiteriana Mackenzie

USP: Faculdade de Educação da Universidade

UNIRIO: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNIVAL: Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	25
1 INTRODUÇÃO.....	27
2 UM OLHAR SENSÍVEL PARA A INFÂNCIA E A CRIANÇA.....	38
2.1 Provocações...inspirações.....	38
2.2 A criança: “um vir a ser”?.....	43
2.3 Infância emparedada.....	47
3 CRIANÇA NA E COM A NATUREZA: INFÂNCIAS BRINCANTES.....	55
3.1 O brincar como direito.....	55
3.2 O brincar e a produção das culturas infantis.....	59
3.3 Quando eu brinco com a natureza a natureza brinca comigo.....	63
3.4 A criança precisa da natureza e a natureza precisa da criança.....	67
4 O PERCURSO METODOLÓGICO.....	77
4.1 A opção metodológica: o estudo de caso	77
4.1.1 Entrevistas.....	79
4.1.2 Análise dos documentos da creche.....	82
4.1.3 Documentação pedagógica da professora-pesquisadora.....	82
4.2 Análise dos dados.....	88
4.3 O campo de pesquisa.....	89
4.4 Sujeitos da pesquisa.....	91
5 “ACHADOUROS DE INFANCIA” NO QUINTAL BRINCANTE DA CRECHE.....	92
5.1 A criança como sujeito de direitos.....	92
5.2 O direito de brincar na creche.....	99
5.3 As interações e o brincar com a natureza: bons encontros.....	106
5.4 Desemparedar é preciso e urgente.....	120
6 PRODUTO EDUCACIONAL: “DESEMPAREDAMENTO A INFÂNCIA: AS CRIANÇAS E O QUINTAL DA CRECHE”.....	131
6.1 Descrição da Proposta do Produto.....	131
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE A – Parecer consubstanciado do CEP	143
APÊNDICE B- TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	150

APÊNDICE C- Roteiro de Entrevistas – Gestoras/Professoras	152
APÊNDICE D- Transcrição das Entrevistas.....	155

APRESENTAÇÃO

Uma infância carregada de sensibilidade e poesia, com experiências marcantes e significativas. Os cheiros, sabores, sons, nuances de cores e formas; as diferentes texturas, temperaturas, sutilezas e asperezas dos toques encontram-se enraizados em mim.

A imaginação, a liberdade e o brincar eram as palavras de ordem nesta infância, na qual o quintal da casa da minha avó como cenário principal e meus primos e primas como companheiros(as) de aventuras; era um tempo vivido intensamente e marcado pela duração de nossos interesses e desejos. Nesse brincar, éramos os(as) protagonistas do nosso quintal mágico e exercíamos o nosso poder de criação e transformação com liberdade e inventividade. Assim, procurávamos tesouros escondidos pelo quintal em meio à natureza, cavávamos buracos na terra a fim de encontrar outras terras, outros mundos, com outros habitantes e nos lambuzávamos com aquilo que experimentávamos (terra, areia, água, plantas, lama, pedras, gravetos, sementes etc.). As caixas de papelão viravam aviões, os pneus caminhões, os pedaços de tecidos transformavam-se em vestes e as plantas e flores eram nossas amigas, “pessoas” que dialogavam e interagiam conosco. A consciência dos sentimentos que essas experiências brincantes trouxeram me permitiu validar o que o poeta Manoel de Barros anunciava ao versar que “[...] o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade” (2003, p. 59).

Em minha formação básica, tive as primeiras inquietações sobre as estruturas e rotinas das salas de aulas convencionais, as organizações dos espaços e tempos das atividades e disciplinas da escola onde estudei. Já me incomodava, no período de permanência na escola, estar presa em espaços fechados com apenas vinte minutos de liberdade (recreio), onde era preciso a difícil escolha: comer ou brincar. Claro que eu escolhia o brincar e o interagir com meus amigos e amigas; afinal, ali era o único momento em que eu podia ser realmente eu, sem precisar disciplinar meu corpo, silenciar e representar papéis para agradar os(as) adultos(as).

Outra inquietação era sobre a distribuição das carteiras na sala, em que não se priorizava o contato com o outro e sim o isolamento e, conjuntamente, um empobrecimento do nível das relações afetivas, uma vez que o único olhar permitido era para a figura do(a) professor(a), que “detinha” todos os conhecimentos em sua

mente e nos seus livros; e nos transferia esses saberes no momento previsto e organizado por ele(a). Mais tarde, já no Magistério, pude compreender com Paulo Freire que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2008, p. 47).

Como o único contato permitido era com os materiais pedagógicos, o caderno me pareceu uma boa opção para expressar minhas angústias, sentimentos, desejos, curiosidades e expectativas no ambiente escolar. Mas como prender meus pensamentos em forma de letras, palavras e frases em espaços tão restritos como aquelas linhas finas dos cadernos convencionais? Por que eu não podia mais desenhar, pintar, cantar, dançar, dramatizar, gesticular e brincar para expressar as minhas ideias, meus sentimentos, emoções e pensamentos?

Michel Foucault (2014), em seu livro: “Vigiar e punir”, faz analogias entre os espaços das escolas e os espaços dos presídios, pelas formas de controle do tempo, disciplinamento dos corpos, punição e imposição do poder. Era exatamente isso o que eu pensava da escola - uma prisão, cheia de torturas psicológicas, na qual eu definitivamente não queria estar. Porque naquela escola eu não vivenciava as experiências brincantes do meu quintal mágico; ali era apenas um lugar de seriedade e de aprender a ler, escrever e usar os números. E minha infância brincante tinha que ser deixada do lado de fora, sendo-me negado o direito de ser criança dentro da escola.

Nessa perspectiva, os tempos e os espaços nas rotinas das instituições de ensino são pensados e organizados pelos(as) adultos(as) a fim de priorizar o silêncio e de disciplinar as crianças. Assim:

[...] disciplinar, organizar, regularizar, homogeneizar, enfim, criar hábitos relacionados ao trabalho industrial, tornando as crianças das classes trabalhadoras dóceis e obedientes para que, mais tarde, pudessem se adequar sem problemas ao trabalho nas indústrias. (PINTO, 2007, p. 107)

Para a arquiteta Mayumi de Souza Lima (1989), em nossa sociedade a organização dos espaços escolares está atrelada ao poder de dominação daqueles que detêm o poder sobre os mais vulneráveis. No caso, o adulto (mais forte), visando disciplinar as crianças (mais fracas) e condicioná-las a determinado comportamento. “Logo, o espaço também é um instrumento de poder” (p.37).

De acordo com as citações dos autores e autora acima mencionados, percebe-se que as regras das instituições de ensino, com seus horários, espaços e rotinas rígidas advêm de uma sociedade capitalista e sob o efeito das políticas da

globalização. Conduzida pela lógica do mercado, muitas instituições educacionais seguem o padrão de uma cultura escolar hegemônica, voltada para a submissão da lógica adultocêntrica e o autoritarismo, oferecendo um currículo pragmático, esvaziado de sentido para a criança, priorizando apenas o cognitivo, a fim de prepará-las para os anos escolares posteriores e para o trabalho, transformando a educação em mercadoria em que “[...] os espaços cuja pedagogia silenciosa, inscrita em suas paredes nos ensina a disciplina, a segregação, o controle, a punição.” (FARIA, 2009, p. 98).

No ano de 1998, iniciei minha formação acadêmica no curso de Pedagogia e, durante o período em que estudei a infância, fui tocada pela curiosidade das crianças bem pequenas em descobrir, sentir, explorar, ler e interpretar o mundo ao seu redor. Lembro-me como se fosse hoje, a fala de uma professora que nos apresentava o pedagogo francês Célestin Freinet e sua proposta pedagógica de aprendizagem através das experiências, das aulas passeios e da livre expressão. Ela nos dizia enfaticamente: “Nós professores devemos falar menos e ouvir mais o que as crianças têm a nos dizer através de suas diferentes linguagens (choro, sorriso, silêncio, olhares, gestos, movimentos, expressões, etc.); e elas não devem andar atrás de nós educadores, somos nós que devemos andar atrás delas, escutando-as, respeitando-as e acolhendo seus desejos, vontades e interesses”.

Comecei minha experiência como professora de Educação Infantil no ano de 2004, em uma escola particular e, lembrando a fala da minha professora, procurava oportunizar espaço às vozes das crianças, tendo uma escuta sensível, sem julgamentos; e levando em consideração seus anseios, angústias, desejos e, principalmente, sua vontade de estar do lado de fora da sala, interagindo, brincando e construindo seus conhecimentos, longe das paredes de cimentos das salas de aulas convencionais. Desde então procuro realizar as atividades educativas nos espaços externos, tendo o sol, as nuvens, o vento, a natureza como pano de fundo para a construção das nossas descobertas, aprendizagens, interações e socialização, juntos com os pássaros, as formigas, as borboletas, as minhocas, os tatuzinhos de jardim nesta grande teia que é a vida.

Como nos mostra tão sabiamente Paulo Freire (2008, p.119), quando discute sobre a importância de escutar o(a) educando(a) em suas dúvidas, em seus receios, suas incertezas: “E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele”, porque a escuta nunca é autoritária, nunca é imposição; a escuta é aceitação e respeito às diferenças.

Em 2012, ingressei na Prefeitura de São Caetano do Sul, também como professora de Educação Infantil e nessa trajetória de oito anos, as crianças que permanecem na creche/pré-escola em período integral (nove horas), em espaços fechados, com pouco tempo para brincarem livremente, comprovaram o que eu já imaginava. Há uma necessidade e urgência de romper, desconsiderar as paredes de cimento, dizendo sim à vida, à liberdade, ao brincar e ao interagir com os ambientes naturais, descobrindo e construindo dia a dia suas aprendizagens e assim manifestando suas culturas nas vivências e interações na e com a natureza. Na creche em que trabalho atualmente, reencontrei o quintal brincante da minha infância, cheio de possibilidades para um possível e necessário “desemparedamento da infância”.

Lea Tiriba (2018), educadora e ambientalista, pontua que quando entramos em contato com algo ou alguém que aumenta nossa potência, isso nos fortalece, nos torna melhores e mais felizes, e que assim somos capazes de produzir história e cultura com vivências do que é bom, do que alegra. Nesse sentido, o brincar na e com a natureza é um excelente aliado e potencializador para a construção de uma aprendizagem significativa e prazerosa, assegurando os bons encontros que nos tornam mais felizes, sendo, portanto, um ambiente propício para as manifestações das culturas infantis.

Nessa trajetória, chego ao Mestrado em Educação com o desejo de compreender melhor como vem ocorrendo o “desemparedamento da infância” na creche em que trabalho, sendo este, portanto, o objeto de estudo desta investigação.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge de inquietações e reflexões acerca das crianças pequenas passarem seus dias nas creches e pré-escolas em espaços fechados por longos períodos, muitas vezes sem acesso às janelas e com pouco ou nenhum, tempo e espaço para brincar e interagir com liberdade em contato com a natureza, tendo assim seus corpos disciplinados por rotinas rígidas que desconsideram a criança como sujeito cultural e social, com vontades, desejos e interesses próprios.

O modelo escolar hegemônico ainda prevalece na maioria das instituições educacionais em nossa sociedade capitalista, em que se observa a pouca importância destinada ao brincar. No caso da Educação Infantil, embora se reconheça a brincadeira como um dos eixos do trabalho pedagógico (BRASIL, 2010; 2017), as marcas do adultocentrismo e do grafocentrismo ainda se fazem presentes no cotidiano de muitas creches e pré-escolas. Com isso, observa-se a compreensão do(a) professor(a) como único(a) detentor(a) do conhecimento e a criança como um ser incapaz de participar das decisões que dizem respeito à sua vida, incapaz de saber o que é bom para si e para o coletivo; enfim, “uma tábula rasa”.

Nesse sentido, cabe ponderar se esta compreensão da criança como um ser da “falta” não segue sendo atrelada a um certo entendimento do significado da palavra infância, que perdura até os dias de hoje. Afinal, em sua etimologia, infância, que vem do latim, significa “sem linguagem”, “sem fala”, portanto, alguém que precisa aprender a falar, se educar. Por sua vez, o significado da palavra educar, também do latim, *educare*, é composta por “ex” fora e “ducer” guiar, assim é possível compreender que educar significa guiar para fora algo que está dentro (desejos, dúvidas, anseios, inseguranças etc.), mas como guiar para fora o que está dentro?

Meninos e meninas leem e comunicam o mundo desde que nascem, através do brincar e de tantas outras linguagens (SILVA, 2017). Isso implica ao(à) adulto(a), em especial ao(à) professor(a), escutar o que eles e elas estão a dizer; e mais, é preciso ser afetado(a) por essa escuta de modo a respeitar e potencializar suas leituras de mundo, acreditando, de fato, que são seres ativos e potentes. Sendo assim, “[...] escutar é uma atitude que requer a coragem de se entregar à convicção que nosso ser é só uma pequena parte de um conhecimento mais amplo; escutar é

ter sensibilidade para ouvir e ser ouvido, em todos os sentidos” (RINALDI, 2017, p. 208).

Segundo Silva (2017) escutar as crianças implica em nos silenciarmos. Para a autora, o silêncio possibilita escutar os movimentos das crianças, seus gestos, olhares, desejos, interesses, saberes, de modo a estabelecer um diálogo que tem como marca o respeito a todas as formas de expressão pelas quais meninos e meninas dizem o mundo. “Vale ressaltar que este silêncio não significa omissão ou abandono, mas um profundo respeito à capacidade das crianças e às suas formas de pensar e agir no mundo” (p. 92).

Partindo da premissa que a criança é um ser potente, que interage, explora e experimenta, lê e interpreta o mundo desde o momento de seu nascimento, quando chega à creche ou à pré-escola ela já possui uma história de vida e muitos saberes que precisam ser considerados. Como afirma Freire (2008, p. 123), “Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento”.

As crianças, no interior das instituições educacionais, vêm demonstrando a urgência de se romper com as paredes de cimento das salas de aula convencionais, escolhendo os espaços externos aliados à natureza como cenário para as suas vivências, brincadeiras, descobertas e aprendizagens, resultando no que a pesquisadora Léa Tiriba (2018) chama de “desemparedamento da infância”.

A maioria das instituições educacionais em nossa sociedade configura-se como um lugar que limita e condiciona os corpos e prioriza o silêncio acreditando que só se aprende com o corpo parado e que o(a) adulto(a) precisa ter o poder, o domínio, o controle da sala, assim ele(a) pode ensinar, “transmitir” o conhecimento. Concordando com Foucault (2014), tais instituições se assemelham com os presídios, os hospícios e os quartéis por limitar não apenas os corpos dos indivíduos, mas também o tempo de cada ser humano.

Assim, a espontaneidade, a socialização e as interações não são bem-vindas nesse modelo escolar e são interpretadas como desordem, bagunça, indisciplina, visto que as crianças não podem aprender com seus corpos em movimento. Nesse cenário, presenciamos também a pouca importância destinada ao brincar, haja vista a negação e escassez dos tempos, espaços e materiais para as brincadeiras em que as crianças possam se entregar com mais liberdade. Como destaca Hoyuelos (2019, p. 155) são

nas doces violências em que a criança está submetida em que há “[...] um roubo impune do seu direito fundamental à brincadeira”.

Marcellino (1989), ao denunciar o “furto do lúdico”, explicita que na nossa sociedade contemporânea, em especial na escola, a lógica da produtividade vem de modo crescente furtando as possibilidades de vivências do lúdico na infância, em nome de preparar as crianças para o futuro, assim: “[...] o lúdico vem sendo negado cada vez mais precocemente” (MARCELLINO, 1989, p. 60). Entendendo por “lúdico” da cultura da infância o brinquedo, o jogo, a brincadeira, o lazer, enfim aquilo que traz alegria e prazer às instituições educacionais, em sua grande maioria, trinta e dois anos depois da denúncia de Marcellino, segue furtando-se o lúdico da vida das crianças.

Nesta sociedade adultocêntrica e utilitarista, cujas palavras de ordem são poder e domínio, muitos(as) professores(as) acreditam que exista um padrão de comportamento e que a aprendizagem só ocorre nos momentos que eles(as) preveem em suas propostas e ações pedagógicas, afirmando, por vezes, saberem o momento exato em que a criança aprende e como aprende. O intuito principal: preparar essa criança para ser adulto(a), não a reconhecendo como alguém que o é no presente, mas como alguém que virá a ser. Assim, onde fica afinal a infância? Essa infância do presente, do agora. Como dar visibilidade às vozes das crianças nessa sociedade extremamente adultocêntrica? Como organizar contextos educativos que valorizem e potencializem suas produções culturais?

De acordo com Freire (2008, p. 93), “A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta”. A criança lê e diz o mundo, desde sua razão infantil (SILVA, FASANO, 2020), mas a supremacia do(a) adulto(a) desconsidera essa leitura e muitas vezes não escuta essa criança, acreditando ser o(a) único(a) a saber o que é melhor para ela, o que a potencializa e o que a alegra, impondo suas vontades.

Se o(a) adulto(a) entende a criança como uma “tábula rasa”, não dá visibilidade às vozes das crianças e não se abre ao diálogo, como ele(a) poderá interpretar suas manifestações em suas diferentes linguagens? Como compreender a criança quando não considera o brincar como sua linguagem universal e um direito da infância?

A natureza traz um universo de possibilidades e encantamento para as crianças, pois além de ser um espaço de convivência com diferentes formas de vida, é um convite à aventura e a descobertas a partir de vivências sentidas. Sensíveis, que

nos transformam e nos deixam marcas, tamanho é o encantamento que produz, pois são viveiros de investigações e aprendizagens pela riqueza de diversidade que existe nesse contato, como as nuances de cores, texturas, formas, odores, temperaturas, sons e sabores. As crianças precisam e merecem viver esses encontros recheados de potências com a natureza, pois só poderão amar e preservar aquilo que conhecem e convivem.

Nesse sentido, considerando as crianças como protagonistas no seu processo de aprendizagem, uma vez que elas são exploradoras, investigativas, criativas e que anseiam desvendar o mundo ao seu redor e que também escolhem os ambientes externos para suas interações e vivências dentro da instituição educacional, esta pesquisa tem como pergunta orientadora: como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul?

O objetivo desta pesquisa foi compreender como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul. Para tanto, teve os seguintes objetivos específicos: I) identificar e analisar as possibilidades e desafios de desconsiderar as paredes de cimento das salas convencionais da creche, tendo os espaços externos aliados à natureza como ambientes brincantes; II) Identificar quais as compreensões das professoras e gestoras acerca do brincar na e com a natureza; III) Verificar as compreensões das professoras e gestoras sobre o “desemparedamento da infância” na creche.

O trabalho faz uma interlocução com a legislação referente à Educação Infantil e com os estudos e pesquisas da sociologia da infância, pedagogia da infância e filosofia. Dentre os(as) interlocutores(as) encontram-se: William A. Corsaro, Manuel José Jacinto Sarmiento, Léa Tiriba, Carla Rinaldi, Gilles Brougère, Marta Regina Paulo da Silva, Gandhi Piorski, Richard Louv, Walter Benjamin, Jorge Larrosa e Walter O. Kohan.

Trata-se de um estudo de caso realizado em uma Escola Municipal Integrada (EMI) no município de São Caetano do Sul/S. P., que atende crianças de 0 a 3 anos. Como procedimentos metodológicos utilizou a análise dos documentos oficiais da creche, entrevistas com as cinco professoras e duas gestoras da instituição investigada e a documentação pedagógica do ano de 2019 da professora-pesquisadora.

No delineamento da pesquisa, foi realizado o levantamento bibliográfico na plataforma do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos Capes, no intuito de verificar investigações correlatas que tratem da temática sobre as interações e o brincar de crianças pequenas na natureza e em creches.

Na primeira etapa da busca na plataforma do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), que teve como recorte temporal 2005 a 2020, foram utilizados os seguintes descritores: criança, natureza e brincar. Foram identificadas 332 publicações. Analisando os títulos das pesquisas, percebeu-se que muitas referiam-se à natureza humana e à natureza da Educação Infantil, provavelmente por conta da amplitude na palavra natureza. Refinamos a busca com os seguintes descritores: educação infantil, brincar e natureza, apurando 63 resultados. No processo de leitura dos títulos dos trabalhos apresentados, observamos que o público alvo na grande maioria era de crianças da pré-escola e maiores de três anos de idade. Acrescentamos novos descritores a fim de especificar a escolha de crianças bem pequenas: creche, brincar e natureza. Essa busca trouxe 11 resultados, nos quais a grande maioria considerava o brincar como ferramenta pedagógica, ou um brincar dirigido pelo(a) adulto(a) em ambientes internos das instituições de educação. Esses últimos foram descartados. Com o intuito de pesquisar as interações e o brincar em espaços externos aliados à natureza dentro da creche, selecionamos a partir da leitura de seus resumos os 7 trabalhos que mais se aproximam da nossa temática. Estes cujo objetivo é o de compreender as concepções e a organização de práticas pedagógicas sobre o brincar e suas criações com elementos naturais. Valorizando a brincadeira como algo próprio da cultura infantil e por permitir que as crianças nas instituições de educação infantil passem a maior parte do tempo ao ar livre.

Quadro1- Levantamento bibliográfico: Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT)

Título	Autor(a)	Tipo de publicação	Instituição	Ano de publicação
Criança, natureza e educação infantil	Léa Tiriba	Tese	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-RIO	2005
Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa	Maria Cristina	Dissertação	Faculdade de Educação da	2005

Redonda Centro de Estudos	Meirelles Toledo Cruz		Universidade de São Paulo- USP	
Relações e concepções de criança com/sobre a natureza: um estudo em uma escola municipal	Maria Leonor Pio Borges de Toledo	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-RIO	2010
Uma educação infantil centrada no brincar: as experiências na Te-Arte	Rozana Machado Bandeira de Melo	Dissertação	Universidade Federal de Alagoas - UFAL	2011
O brinquedo e a imaginação da terra: um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo.	Joubert Gandhy Maranhão Piorsky Aires	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba.	2013
Pátios invisíveis: a dimensão do verde na educação infantil.	Cíntia Ribeiro Rondon	Dissertação	Universidade Presbiteriana Mackenzie UPM	2014
Pátio escolar coberto: a qualidade ambiental, estética e funcional em escolas de educação infantil.	Thyssie Ortolani Rioli	Dissertação	Universidade Estadual Paulista UNESP	2016

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Estas sete dissertações tiveram uma contribuição maior para a pesquisa por ter em comum as interações e o brincar na natureza. Retratam a inteireza da criança no seu brincar livre e espontâneo em conectividade com a natureza e seus elementos, através da imaginação e da criatividade da criança, manifestando suas culturas infantis.

Na primeira dissertação “Criança, Natureza e Educação Infantil” (TIRIBA, 2005) a autora não teve como objetivo central de seu estudo o brincar com a natureza, mas os fatores que concorrem para que as crianças sejam distanciadas da natureza e permaneçam emparedadas dentro das instituições de educação. Defendendo o processo de “desemparedar a infância”, a pesquisadora investiga as múltiplas interações da criança na natureza, entre elas o brincar como linguagem da criança, uma vez que meninos e meninas declaram sua preferência pelos espaços externos aliados à natureza para suas vivências nas instituições.

A investigação “Para uma educação da sensibilidade: experiência da Casa Redonda Centro de Estudos”, de Maria Cristina Meirelles Toledo Cruz (2005), discorre sobre os fundamentos da educação da sensibilidade na Casa Redonda idealizada por Maria Amélia Pinho Pereira, que compreende a natureza e a criança como “algo sagrado”. Através de um estudo de caso, a pesquisadora nos mostra como a natureza é o habitat natural da criança e o chão da infância, apresentando a importância do corpo através do brincar livre como linguagem sensível e expressiva da criança, e suas produções culturais com os quatro elementos da natureza (fogo, água, terra e ar). As crianças têm a natureza como fonte essencial de aprendizagem e à medida que convivem com ela, desenvolvem respeito e amor à todas as formas de seres vivos.

A pesquisa intitulada “Relações e concepções de crianças com/sobre a natureza: um estudo de uma escola municipal” (TOLEDO, 2010), teve como objetivo investigar a relação das crianças com a natureza e as concepções que apresentam dela. A pesquisadora constatou que o pátio sendo o local da escola com maior possibilidade de contato e interações com a natureza, não era utilizado com frequência pelos meninos e meninas e quando utilizado, era considerado um presente pelo bom comportamento das crianças.

Outra dissertação que também discute o brincar na natureza, as produções culturais infantis e a importância da Educação Infantil centrada no brincar é a de Rozana Machado B. de Melo (2011), intitulada “Uma Educação Infantil centrada no brincar: experiências na Te-Arte”. A autora compartilha o estudo que desenvolveu, discutindo a importância das ações do(a) professor(a) em potencializar contextos nos quais as brincadeiras e experiências das crianças com a natureza sejam momentos de manifestações culturais. Ressalta a importância do contato direto da criança com a natureza e o respeito ao brincar como linguagem própria da criança, pois nesta instituição educacional a brincadeira é a atividade principal e é por meio dela que se conhece o mundo.

Sob o título “O brinquedo e a imaginação da terra: um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo” de Gandhi Piorski (2013), a pesquisa teve como objeto de estudo a importância do interagir, o brincar e as manifestações culturais com os elementos naturais (terra, fogo, ar e água). Entendendo como brinquedo aquele construído pela criança a partir dos restos de materiais naturais em

suas experiências e interações através do brincar, o pesquisador discorre sobre o simbolismo e o imaginário infantil.

A pesquisa intitulada: “Pátios invisíveis: a dimensão do verde na educação infantil” (RONDON, 2014) apresenta um estudo sobre os pátios pioneiros de São Paulo voltados hoje para o público da Educação Infantil. Tendo a proposta pedagógica de Fröebel como inspiração para repensar os pátios atuais com a presença da natureza nas instituições, significando esse espaço como um local de convivência, movimentação e brincadeira pelo seu caráter lúdico. Para a coleta de dados contou com a análise dos documentos, imagens, projetos arquitetônicos e entrevista.

Na dissertação “Pátio escolar coberto: a qualidade ambiental, estética e funcional em escolas de Educação Infantil” (RIOLI, 2016), foi realizada uma investigação em oito escolas de educação infantil de Pederneiras/SP sobre os pátios como um local de possibilidades de contato, vivência e brincadeiras com a natureza e socialização entre as crianças.

O levantamento bibliográfico realizado no Portal Periódicos CAPES se deu através de diferentes descritores de busca, a fim de mapear as pesquisas sobre o brincar e as interações na e com natureza dentro das creches. Para a primeira busca foram utilizadas as palavras: educação infantil, brincar e natureza. Esta trouxe 68 resultados e, após analisar os títulos, verificamos se tratar da temática a partir do brincar, mas com crianças entre 5 e 7 anos, sem investigar as interações com a natureza. Sendo objeto da pesquisa as crianças bem pequenas, foi realizada uma nova busca, com os descritores: creche, brincar e natureza, o que resultou em 21 trabalhos. Após análise dos títulos e resumos, constatamos que a maioria investigava o brincar na creche a partir da visão das políticas públicas, ou a importância do brincar e a educação inclusiva (deficientes visuais, auditivos, mobilidades reduzidas, etc.), sendo mais uma vez o brincar compreendido como ferramenta pedagógica (brincar com jogos, parlendas, letras, números). Selecionamos dois artigos: “Criança, natureza e Educação Infantil” e “Educação Infantil entre os povos de Tupinambá de Olivença”, ambos da pesquisadora Léa Tiriba e também a dissertação “A organização do espaço na Educação Infantil: o que contam as crianças?” (MARTINS, 2010) e a tese “Criança e experiência afetiva com a natureza: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a educação infantil no Brasil” (SANTOS, 2016), mais próximos às interações e as práticas do brincar nas relações com a natureza.

Quadro 2 – Levantamento bibliográfico

Título	Autor(a)	Tipo de publicação	Instituição	Ano de publicação
Criança, natureza e educação infantil	Léa Tiriba	Artigo	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC	2006
A organização do espaço na educação infantil: o que contam as crianças?	Rita de Cássia Martins	Dissertação	Universidade Federal do Paraná- UFPR	2010
Educação infantil entre os povos Tupinambá de Olivença	Léa Tiriba	Artigo	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UNIRIO	2011
Criança e a experiência afetiva com a natureza: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a educação infantil no Brasil	Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos Santos	Tese	Universidade de Vale do Itajaí- UNIVALI	2016

Fonte: elaborado pela pesquisadora

No primeiro artigo, fruto de sua tese de doutorado, Tiriba (2006) discorre sobre sua pesquisa que através de um estudo de caso teve por objetivo investigar o porquê as crianças estão cada vez mais afastadas da natureza e permanecem em espaços cimentados entre paredes por longo período dentro das instituições de educação. No artigo intitulado “Educação Infantil entre os povos Tupinambá de Olivença”, Tiriba (2011) socializa o estudo que realizou junto aos Tupinambá de Olivença na Bahia, no qual investigou as vivências das crianças indígenas que frequentam as instituições de Educação Infantil. Na dissertação “A organização do espaço na Educação Infantil: o que contam as crianças?”, Martins (2010) buscou compreender os sentidos e significados que as crianças entre quatro e cinco anos de idade de uma instituição de Educação Infantil de Curitiba atribuíam aos espaços frequentados dentro da mesma. Na tese “Criança e experiência afetiva com a natureza: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a Educação Infantil no Brasil” (SANTOS, 2016), a pedagoga analisa alguns documentos orientadores, como a Constituição Federal de 1988, buscando identificar as concepções a respeito da relação brincante entre criança e natureza. Conclui sua pesquisa reconhecendo que o movimento do

Ministério da Educação busca articular Educação Infantil e Educação Ambiental promovendo a relação “criança e natureza”, porém os resultados não são concretos.

A partir deste levantamento foi possível constatar que vem sendo realizadas algumas pesquisas sobre a importância da relação da criança e do brincar na e com a natureza, porém o que se observa é que estas são, na grande maioria, crianças acima de 3 anos de idade. Pouquíssimos estudos tratam a importância da interação e o brincar das crianças bem pequenas com e na natureza. Assim, a partir das poucas investigações que apresentamos e que se aproximam da nossa temática, justificamos a relevância desta pesquisa no sentido de contribuir com a reflexão sobre as práticas pedagógicas em creches, bem como com outros estudos acadêmicos sobre a temática.

Esta pesquisa está organizada em seções, iniciando com a apresentação e introdução. Na sequência, a seção intitulada “Um olhar sensível para a infância e a criança” discorre sobre as concepções de criança e infância, reconhecendo a criança como sujeito social, de direitos e produtora de cultura. Nesse sentido, problematiza o “emparedamento” da infância, conceito construído pela pesquisadora Léa Tiriba, e a necessidade de “desemparedamento”, de modo que as crianças, enquanto seres da cultura e da natureza, vivam plenamente sua infância e nela possam se pronunciar criativamente através do brincar na e com a natureza, suas curiosidades, descobertas, desejos, sonhos e o que alegra e potencializa suas existências.

Na seção “Criança na e com a natureza: infâncias brincantes”, defende-se o direito da criança de brincar, sendo este assegurado em legislações, bem como a importância das brincadeiras no desenvolvimento e aprendizagem de meninos e meninas. Ainda nesta seção, disserta-se sobre o encantamento das crianças pelos ambientes externos aliados à natureza e pelos seres vivos que habitam esses espaços. Neste contexto, a natureza surge como um ambiente de vivências e interações por ser um espaço com muitas possibilidades para o brincar, experimentar, criar e transformar com seus elementos não simétricos e não estruturados com formas, cores, texturas, temperaturas, cheiros e sabores permitindo uma riqueza de potencialidades para as manifestações e produções culturais infantis.

Na seção “O percurso metodológico”, justifica-se a opção por uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, descrevendo o percurso trilhado durante a investigação e nele os procedimentos metodológicos adotados. A análise dos documentos oficiais da creche: Currículo Municipal de Educação de São Caetano do

Sul e Projeto Político Pedagógico; entrevista com as cinco professoras e duas gestoras da creche; a documentação pedagógica da professora-pesquisadora. Ainda nesta seção, os sujeitos envolvidos na pesquisa e a creche “EMI Alfredo Rodrigues”, campo desta investigação são apresentados.

Na seção “Achadouros de infâncias no quintal brincante da creche” apresenta-se a coleta, interpretação e análise dos dados a partir de quatro categorias de análise: concepção de criança e infância; a importância do brincar na creche; as interações e o brincar na e com a natureza; e o “desemparedamento da infância”; desvelando assim como a creche investigada vem construindo este desemparedamento no cotidiano da instituição.

A seção “Produto educacional - Desemparedando a infância: as crianças e o quintal da creche”, apresenta a proposta do produto final a ser desenvolvido com base nos resultados desta pesquisa. Trata-se de um *E-book* compartilhando as ações e contextos brincantes de aprendizagens nos espaços externos em meio a natureza com o objetivo de tornar visível as experiências em que as crianças interagem, exploram e constroem suas aprendizagens e manifestam suas culturas para além das paredes convencionais das salas da aula.

E por fim as “Considerações finais”, que revelam os desafios na construção do “desemparedamento da infância” na creche, que perpassam a construção de uma imagem positiva e potente da criança, o reconhecimento dos espaços externos em meio à natureza como ambientes potentes para o interagir e o brincar cotidiano e espontâneo e a ruptura com a cultura do medo, que gera insegurança e receio das crianças pequenas se machucarem, se sujam e ficarem doentes, o que termina por restringir suas experiências brincantes na e com a natureza.

2 UM OLHAR SENSÍVEL PARA A INFÂNCIA E A CRIANÇA

Nesta seção apresentamos algumas provocações e inspirações para pensar a infância. Pensá-la para além de um tempo tão somente cronológico, linear, cartesiano. Discorreremos também sobre as crianças e suas produções culturais, seres potentes e linguageiros. Então vem a proposição: desemparedar a infância, rompendo os muros visíveis e invisíveis que permeiam o cotidiano das creches.

2.1 Provoações... Inspirações...

CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olha índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continuam a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, e já é caçadora. Caça os espíritos cujo rastro fareja as coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixá-la, desenfiteçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas e espinhos que são maçãs medievais, papéis de estanho, que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre anfitrião inconstante, aguerrido. (BENJAMIN, 2013, p. 36)

“[...] seres estranhos dos quais nada se sabe, seres selvagens que não entendem nossa língua” (LARROSA, 2010, p. 183).

Não sabia o que fazer. As crianças eram um completo mistério, seres de alta periculosidade, um conjunto de risadas e lágrimas alternadas, nervos e energia à flor da pele, perguntas sem fim e exaustão absoluta. (SIERRA, 2009, p. 14).

Benjamin, Larrosa e Sierra nos provocam e nos inspiram a pensar sobre o universo infantil. A pensar como o mundo da criança é distante e diferente do mundo adulto; isso porque, para ela, o mundo é uma novidade e sobre ele lança um olhar desbravador, compreendendo-o e ressignificando-o de forma distinta da dos(as) adultos(as). “Caçadora”, o mundo abre-se a inúmeras possibilidades, uma vez que o observa não somente com os olhos, mas também com a imaginação, a fantasia, a sensibilidade, a sagacidade, com todo o seu corpo.

A criança, ao abrir os olhos, ao despertar, já encontra infinitas oportunidades, pois tem um olhar inaugural sobre o mundo e a tudo que nele habita. Sua sensibilidade

e imaginação permitem-lhe a audácia de explorá-lo, esmiuçá-lo, desenfeitiçá-lo e depurá-lo, como quem captura sua presa, com a mesma curiosidade de quem descobre o novo em algo que lhe é conhecido. Explora incansavelmente para nutrir suas indagações, até findar suas curiosidades e inquietações sem sobras ou arestas. Mas as provocações às experiências da infância são um contínuo sem fim, porque as crianças testam os limites, aniquilam fronteiras e são exímias navegantes rumo ao desconhecido, ao infinito, porque, como os heróis e heroínas, fazem história e conquistam o mundo.

Mesmo nos desentendimentos ou conflitos, minutos depois há a pacificação da infância, aquela seguida de sorrisos e abraços, tudo é resolvido e concluído no momento; geralmente a criança pequena não rompe vínculos ou carrega rechaços por dias, semanas e meses e nem trocam carinhos e afetos por mágoas, possivelmente, por enxergarem o essencial da vida com uma percepção e uma simplicidade peculiar da infância. Assim, elas percebem além do óbvio, do superficial, das limitações do automatismo desse mundo tão pragmático que os(as) adultos(as) vivem.

Seres selvagens, seres estranhos, de nervos e energia à flor da pele e exaustão absoluta, as crianças são instintos, sensações e intuições. São redemoinhos, turbilhões, potências, exploração incessante pela coragem de ousar sempre; e muitos recomeços, nada para depois, pois o único tempo que existe é o agora, o momento vivido, o momento da experiência viva e sentida. Assim, a infância é a terra arada para as experiências, porque, curiosas, elas se lançam sem ressalvas às novas descobertas para ultrapassar o já conhecido em busca do desconhecido, pois são ávidas em descobrir ou desvendar o mundo. “A infância é ou deveria ser um período de experimentações, sensações, sabores, cores, brincadeiras.” (FRIEDMANN, 2013, p. 25).

O tempo da criança é um tempo presente. Um tempo “*Aión*”, que é o tempo sem tempo, o tempo marcado pela duração do seu interesse, o tempo marcado pela experiência viva, o tempo da “[...] intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva [...]” (KOHAN, 2004, p. 54). Portanto, um tempo distinto de “*Chrónos*”, do tempo cronológico, sucessivo e linear. O tempo presente é único para a criança, que está inteira, entregue e é intensa em tudo o que faz. Um tempo “*Aión*” é aquele em que passado, presente e futuro se entrecruzam. Um tempo da intensidade e do regozijo

do agora. É um tempo, como nos diz Parrini (2017, p. 76): “[...] em que o pensamento é ganancioso”.

Kohan (2004, p. 54-55) cita o fragmento 52 de Heráclito, que diz que “[...] *aióné* uma criança que brinca (literalmente, ‘criançando’) e seu reino é o de uma criança”, um tempo que, como pontua o autor, “[...] parece com o que uma criança faz” (p. 55). O tempo aiônico é marcado pela intensidade daquilo que nos atravessa, nos transforma, assim como a criança, que quando brinca não percebe a existência de outro mundo além daquele em que ela está imersa, tamanha a intensidade e a seriedade com que se entrega a esses momentos. Dessa forma, como um ritual sagrado da infância, dotado de energia salutar que permeia esse tempo e espaço da experiência vivida, a criança nutre sonhos e fantasias, irradiando alegria e nos contagiando através do brilho de seu olhar.

A criança tem uma capacidade e percepção de transcender além da epiderme das coisas comuns, penetrando no coração das coisas; e, no tempo, transita facilmente entre outras dimensões, como se conseguisse tocar o infinito com a sensibilidade daquilo que é profundo, do essencial e do intuitivo. Por isso, a infância vem a ser um mistério tão fascinante e instigante a ser pesquisado.

Mas como pesquisar esse mundo mágico, cheio de imaginação e mistérios, quando a infância já nos escapou? Somos estrangeiros(as) nesse mundo. Não sendo mais a criança desordeira, nem caçadora, nem com a energia à flor da pele e nem com a capacidade de enxergar no mesmo algo novo, isso não mais nos pertence. Ou será que pertence?

Encontramos no poeta Manoel de Barros uma pista:

[...]
 Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias.
 Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal,
 lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira.
 Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro,
 lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa.
 Sou hoje um caçador de achadouros de infância.
 Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal
 vestígios dos meninos que fomos.
 [...] (BARROS, 2003, s/p)

Enxada às costas, cavar achadouros de infância. Infância que é resistência, que resiste às durezas do tempo *Chronos*, porque suas memórias instalam-se nos recônditos de nossa alma, podendo ser evocadas e revividas com um simples ato de observar atentamente algumas vivências das crianças livres, brincando na e com a natureza, dançando na chuva, pulando nas poças de lama, subindo em árvores,

experimentando a terra, a areia, a argila, as frutinhas no corpo, tão intensas na sua essência, no seu momento de júbilo, que parecem querer extrair memórias do momento vivido.

Eu recordo em mim essas memórias impregnadas no inconsciente, despertando emoções, sensações, sentimentos, vozes e imagens. Assim, sinto o vento no rosto, a textura na pele, o cheiro, a cor e o sabor; sinto essa infância latente, vibrante em mim, inspirando-me em tempo integral. E percebo que é necessário que nos debrucemos nos estudos sobre infância para que possamos transformar e ressignificar nosso olhar e prática junto às crianças; com elas, respeitando-as em suas singularidades e também as honrando nas suas inteirezas, valorizando, assim, as experiências sentidas e vividas por elas.

Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caeiro, traduz tão bem o pasmo essencial da infância e o olhar curioso e desbravador que tem a criança diante da novidade do mundo, da descoberta, de se encantar diante do novo, que lhe é algo habitual. Porque para a criança o mundo e a vida são uma eterna novidade:

O meu olhar é nítido como um girassol
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Olhando para a direita e para a esquerda
 E de vez em quando olhando para trás...
 E o que vejo a cada momento
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto
 E eu sei dar por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo essencial
 Que tem uma criança se ao nascer
 Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento
 Para eterna novidade do mundo...
 (PESSOA, 1988, p. 89).

A criança tem a capacidade de se maravilhar com as coisas do mundo; sua curiosidade e sua imaginação, que são próprias do seu espírito investigativo, tornam-na “caçadora”, uma vez que, “[...] mal entra na vida, e já é caçadora” (BENJAMIN, 2013, p. 36). E quanto a nós, adultos(as), como entendemos, respeitamos e acolhemos essa exímia “caçadora”, que lê e diz o mundo através de suas múltiplas linguagens, de forma tão diferente da nossa? Como compreender a criança em suas potências?

Segundo Rinaldi (2017, p. 305), “A criança é competente para criar relações, para se comunicar, para viver. Cada criança que nasce é um ‘poder ser’ de humanidade, é uma possibilidade, o começo de uma esperança”. A autora nos traz o significado de criança forte, poderosa, competente e rica em recursos e potências

desde o seu nascimento, pois procura incansavelmente e com incrível curiosidade a razão de todas as coisas. Porque tem um corpo que sabe falar e ouvir, um corpo dotado de sentidos, que é inseparável da mente, que lhe dá uma identidade para se relacionar com o mundo. E, nessa relação, conhecendo o mundo conhece a si mesma, porque razão e emoção não se separam.

Nesta perspectiva, “Essa procura pela vida e pelo eu nasce com a criança, e é por isso que falamos de uma criança competente e forte, engajada nessa busca em direção à vida, em direção aos outros, em direção às relações entre o eu e a vida” (RINALDI, 2017, p.122). Reconhecer o potencial e o poder que as crianças possuem é fundamental para não roubarmos delas a habilidade, a possibilidade, a criatividade, a inventividade, a fantasia e a alegria em interagir, explorar, perguntar, imaginar, examinar, vivenciar, sonhar e desvendar o mundo ao seu redor.

As crianças não desistem desta busca incessante pelo sentido daquilo que fazem, experimentam e vivenciam; e do sentido da própria vida. E, com perseverança, procuram respostas incansavelmente, pois desistir significa aniquilar suas possibilidades e esperança. Na construção de si mesmas, elas precisam compreender o mundo e os(as) outros(as) e nestas interações vão construindo suas identidades e seu pertencimento no mundo. “Não é possível viver sem sentido: significaria impossibilitar cada identidade, cada esperança e cada futuro.” (RINALDI, 2017, p.81).

Para ser acolhida e valorizada como alguém que não vive sem um sentido de vida e que precisa descobrir o sentido daquilo que faz e experimenta constantemente, a criança necessita ser escutada com uma sensibilidade que ultrapasse os ouvidos, porque elas são as maiores ouvintes da realidade que as cercam, pois escutam os sons, as cores, os cheiros, os aromas, as texturas, os outros. Elas escutam com maestria a vida:

Elas possuem o tempo de escutar, que não é apenas o tempo para escutar, mas o tempo rarefeito, curioso, suspenso, generoso - um tempo cheio de espera e expectativa. As crianças escutam a vida em todas as suas formas e cores, e escutam os outros (adultos e colegas). Elas logo percebem que o ato de escutar (observando, observando, mas também tocando, cheirando, sentindo o gosto, pesquisando). (RINALDI, 2017, p.126)

Escutar é dar valor ao(à) outro(a), é ser afetado, transformado e emocionado pela escuta, porque nos sensibiliza e nos conecta a outros seres humanos, não só pelas palavras, mas também pelos olhos, corpo, mãos, expressões, sentidos e sentimentos, reconhecendo o valor do ponto de vista e da leitura de mundo que fazem, aceitando e respeitando as diferenças. Nesse sentido, Rinaldi (2017, p. 209) destaca

que: “Por trás de cada ato de escuta, há um desejo, uma emoção, uma abertura às diferenças, a valores e pontos de vistas distintos”.

2.2 A criança: um “vir a ser”?

As concepções mais remotas sobre a criança quase sempre se assentam na criança passiva, ressaltando no que falta, entendendo-a como algo que precisa ser moldado, uma “tábula rasa”, um vir a ser, um ser totalmente dependente do(a) adulto(a), como se ela não tivesse nenhum conhecimento, apenas uma perspectiva futurista do que se tornarão. Tais imagens carregam o tom pejorativo de seu sentido etimológico, do latim “*infans*”, que significa idade do não falante, aquele que não fala, o sem voz.

Atualmente várias áreas, dentre elas a Pedagogia da Infância, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia, a História e a Sociologia da Infância, trazem contribuições importantes sobre os avanços do conhecimento e o respeito à criança e à infância como um momento importante da vida e como categoria social, entendendo-a sob seu próprio ponto de vista no contexto em que está inserida.

A criança passa a ser reconhecida e valorizada em sua autonomia e compreendida em seu protagonismo como um sujeito de direitos e ativo no seu processo de socialização, que não só reproduz o mundo dos(as) adultos(as), mas também produz cultura a partir dessas relações. Para Cohn (2005, p. 28):

[...] assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina, que se prepara para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.

Assim, compreendemos que as crianças têm sua forma peculiar de ser, pensar e estar no mundo; são o que são hoje, no tempo presente, dentro de um contexto do qual participam. Sujeito sócio histórico, de direitos, que não só reproduz a cultura, mas também a produz, não apenas pelos objetos ou relatos que constrói, mas pela formulação do sentido que dá ao mundo que a rodeia. Meninos e meninas não sabem mais ou menos do que os(as) adultos(as), sabem coisas diferentes. Daí reconhecê-los(as) em sua alteridade.

Reconhecer as crianças em sua alteridade implica ter um olhar e uma escuta sensíveis, premissas indispensáveis para acolhê-las em suas iniciativas e indagações, respeitando sua cultura, suas vivências nos diferentes contextos sociais (familiar,

educacional, religioso etc.), entendendo-as como seres de interações, que estão sempre nos dizendo de si, do seu tempo (que é único) e como compreendem o mundo em que vivem.

Nessa mesma linha de pensamento, de que a criança não só reproduz a cultura, mas também a produz a partir das relações com o mundo, Corsaro (2011, p. 15) pontua que: “Em primeiro lugar, as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”.

Dentro dessa perspectiva, a criança é reconhecida como ator social, produzindo sentido às práticas sociais em que está inserida. Sarmiento (2005) define que a infância é uma categoria que se constrói no social, do tipo geracional (diferença face às outras gerações), que está em alteridade com outras gerações. A infância não é, portanto, um período de transição, mas uma condição social que condiz a uma determinada faixa etária com características diferentes, em cada período histórico, das outras faixas etárias.

Corsaro (2011) apresenta o termo “reprodução interpretativa”, demarcando que a infância constitui-se como uma categoria social em que a criança é criativa, inovadora, protagonista no seu processo de socialização e que, nesse período, apropriam-se das informações do mundo adulto, interpretando-as e transformando-as, dando-lhes assim um novo significado. Isso lhes permite lidar com suas próprias preocupações; desse modo, elas participam e constroem sentido sobre o mundo, produzindo suas próprias culturas. Para esse sociólogo:

[...] reprodução interpretativa. O termo interpretativo abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade. [...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações. O termo reprodução inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais. O termo também sugere que crianças estão, por sua própria participação na sociedade, restritas pela estrutura social existente e pela reprodução social. (CORSARO, 2011, p.32)

Meninos e meninas não só internalizam a cultura, mas contribuem criativamente e ativamente para a produção e mudanças culturais. Nas palavras de Corsaro (2011, p. 53):

As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo para produzir a sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder as preocupações de seu

mundo. Dessa forma, contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta.

A cultura de pares infantis é definida por Corsaro (2011, p. 128) como “[...] um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interações com as demais”. Segundo o autor, as crianças pertencem a diferentes grupos culturais, sendo o primeiro a família, que vem desde o seu nascimento e por meio da qual ingressam, participam e produzem uma série de culturas de pares. A partir do vínculo afetivo e social que estabelecem com as instituições educacionais, religiosas, culturais constroem significados e conhecimentos e assim afetam e são afetadas pela sociedade.

Nessa perspectiva, a creche pode constituir-se em lugar privilegiado para o desenvolvimento da cultura de pares infantis, visto ser um lugar de interações entre crianças da mesma idade, com idades diferentes e com os(as) adultos(as). Nesse contexto institucional, meninos e meninas se relacionam, brincam, desenvolvendo trocas e negociações, pois se encontram com regularidade e passam um tempo juntas.

Sarmiento (2003, p. 8) pontua que: “As culturas da infância constituem-se no mútuo reflexo de uma sobre a outra, das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares”. Desse modo, entende-se que as produções culturais das crianças acontecem através das relações estabelecidas entre elas, resultado da socialização entre os pares.

De acordo com Cohn (2005, p. 8), “Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista”. Diante dessa afirmação, só conseguiremos compreender quem é essa criança se levarmos em consideração o contexto em que ela está inserida e o lugar que ocupa dentro desse contexto. Assim, precisamos ter um olhar e uma escuta sensíveis para suas diferentes linguagens, respeitando sua história, seus saberes e acolhendo-a em seus interesses.

A compreensão da criança como ser de cultura faz-se presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010, p. 12), que assim a define:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

As culturas da infância são compreendidas como modos de ver, sentir, viver e compreender o mundo distintamente dos(as) adultos(as). As crianças se relacionam com pares, objetos, brinquedos, valores morais e categorias sociais distintas por meio das suas culturas, que são:

[...] socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas do tempo, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (SARMENTO, 2003, p. 4)

Sarmento (2003) discorre que as crianças, através de suas experiências cotidianas na família, escola e em diferentes espaços sociais, não só reproduzem saberes, mas também produzem conhecimentos e culturas a partir dessas interações, entendendo-as como atores capazes de transformação, pois vão apropriando-se da cultura no ambiente onde estão inseridas, a ressignificam e a transformam. Para o autor, a criança organiza sua visão de mundo muito distinta das significações e ações dos(as) adultos(as), pois vivencia, simboliza, apreende e representa o mundo de forma especificamente infantil. Por possuir percepções de tempo e espaço diferentes das do(a) adulto(a), reconhecer essa capacidade de produção simbólica e a constituição das suas representações é considerar a criança como ator social. Ator que tem um modo singular de ver, sentir, interpretar e ser no mundo.

Entender a criança como ator social e cultural que simboliza, representa e comunica suas percepções do mundo, diferente da visão adulta; valorizar seus saberes e fazeres, dando visibilidade à sua voz e reconhecendo a importância de sua participação, faz-se fundamental para que ela possa assumir seu protagonismo nos diferentes espaços sociais que ocupa.

O diálogo com as concepções de infância e criança apresentadas até aqui mostra-nos que as crianças não precisam ser preparadas para fazer parte da sociedade em que vivem, pois já fazem parte desde que nasceram. Sendo elas atores sociais, sujeitos de direitos, tanto afetam quanto são afetadas pelas culturas em que estão inseridas, muitas vezes provocando mudanças. Tal constatação exige que tenhamos uma escuta e um olhar sensíveis reconhecendo nas crianças um protagonismo inédito em seu cotidiano.

2.3 Infância emparedada

Tiriba (2018) criou o termo “emparedar” para expressar a condição de “emparedamento” a que as crianças estão submetidas nas instituições de Educação Infantil, em espaços fechados por longos períodos, intermináveis esperas e submetidas a rotinas que não respeitam e acolhem seus interesses e desejos. Emparedadas, as crianças vão sendo adormecidas em suas curiosidades.

Para a autora, uma das razões pela opção em receber e estar com as crianças em espaços fechados, mesmo com lindos espaços externos e céu azul, é porque, inspirado em uma lógica cartesiana, acredita-se que a razão é o principal instrumento de acesso à realidade, valorizando-se a racionalidade e diminuindo outras dimensões do humano: emocionais, intuitivas, sensoriais, espirituais, estéticas, corporais e artísticas (TIRIBA, 2018).

De acordo com Tiriba (2018), a nossa concepção de educação está voltada para processos de transmissão e apropriação de conhecimento via razão, que necessita de mentes atentas e corpos inertes, assim dando pouca importância às atividades nos espaços externos. A escola não é vista como lugar de alegria, de encontros, assim, não valoriza a curiosidade e os desejos das crianças, constituindo-se em um lugar, em sua maioria, de organizações rígidas, atividades em espaços fechados, sendo o(a) adulto(a) o(a) único(a) que escolhe, organiza, planeja o que, quando e como a criança irá aprender.

Raras escolas, de manhã cedo ou à tarde, recebem as crianças em espaços ao ar livre. Em geral, elas chegam e são conduzidas diretamente para as salas de atividades, para o refeitório, para a sala de vídeos ou TV, ou para onde for... não importa! Vão de um espaço fechado a outro, ainda que o dia esteja azul, que a hora seja propícia para um banho de sol ou de mangueira. A chegada aos espaços externos é demorada, e pode mesmo nem acontecer. (TIRIBA, 2018, p. 219)

Nesta perspectiva, Barros (2018) destaca que ainda hoje, na grande maioria das instituições de educação, a centralidade da ação educativa está focada na sala de aula como sendo o único lugar para aprender e na figura do(a) professor(a) como o(a) detentor(a) do conhecimento. Nessa linha de pensamento, é preciso disciplinar o corpo para o exercício intelectual, pois o movimento, expansão, livres expressões e aprendizado não combinam:

Ainda hoje, grande parte das escolas considera a sala de aula como lugar de aprender, a via cognitiva como forma privilegiada para a construção de conhecimento e o pátio escolar como exclusivo à recreação ou como

ambiente de transição, e não como um espaço educativo e de interação. (BARROS, 2018, p. 29)

Reconhecendo a criança como um ser social, cultural, potente, investigativo, partindo da premissa de que ela nos mostra seu encantamento e preferência pelos espaços externos aliados à natureza, por que nosso sistema educacional quase sempre prima por uma educação em que o corpo precisa ser disciplinado e as vozes silenciadas para que a aprendizagem ocorra? Por que precisamos de salas de aulas com paredes de cimento e janelas fora do alcance das crianças para que aprendizagem se efetive, se o mundo é a nossa verdadeira sala de aula? Por que as vontades e desejos do corpo não são bem-vindos na maioria das instituições de Educação Infantil? Por que não são escutados e quase sempre são silenciados e oprimidos nessa sociedade adultocêntrica que entende o movimento do corpo da criança como perturbação, bagunça, indisciplina?

As rotinas rígidas do sistema educacional, assim como as dos presídios e hospícios (FOUCAULT, 2014), são marcadas pelo tempo que o(a) adulto(a) define, através de um currículo homogeneizador, descontextualizado e monocultural, que impõe qual o melhor horário e duração para o banho, alimentação, banho de sol, estudos, sem respeitar os desejos e necessidades do ser humano. Para Foucault (2014), o poder disciplinador tem como função maior “adestrar”, tendo sempre um olhar hierárquico, porque um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.

As instituições educacionais, em sua maioria, são por excelência lugares onde as crianças são subordinadas ao autoritarismo, disciplinamento, censura e controle, com suas rotinas rígidas e currículo definidos pelos(as) adultos(as) e esvaziados de sentido, para que as crianças se tornem indivíduos “dóceis” no futuro, uma fábrica de formar adultos(as) “dóceis”. Segundo Foucault (2014, p. 134), “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Em nossa sociedade adultocêntrica, na maioria das instituições de Educação Infantil, acredita-se que a criança aprende melhor com o corpo inerte e ambiente silencioso; assim, recebe passivamente as informações do(a) professor(a) uma educação bancária (FREIRE, 2003), em que o tempo das crianças não é respeitado, em que se evidencia o controle de seus corpos e de suas vozes. Em uma sociedade marcada pelas relações verticais de poder, o(a) adulto(a) precisa ter o domínio da sala de aula, pois, assim, ele(a) pode ensinar ou melhor transmitir o conhecimento aos

meninos e meninas. É a docilidade dos corpos que se espera para que a aprendizagem de fato aconteça, dentro do tempo e espaço previsto tão somente pelo(a) adulto(a), desconsiderando que o movimento e toda vitalidade infantil é a forma de expressão fundamental na infância.

Para a criança, aquilo que a alegra é um “bom encontro”. Assim sendo, o brincar de forma livre com os(as) amigos(as) é um bom encontro, ser acolhido(a) por pessoas sensíveis com sorriso no rosto, ser escutada e respeitada nos seus desejos e interesses é um bom encontro. Recorrendo à Tiriba (2018, p. 36), “[...] o bom encontro existe quando entramos em contato, quando vivemos um encontro com algo ou alguém que aumenta a nossa potência, nos fortalece; e o mau existe quando esse encontro nos fragiliza, entristece, decompõe, despotencializa”.

Precisamos escutar a criança agora, e não esperar que ela cresça para ser escutada em suas opiniões, pois os meninos e as meninas nos dizem muitas coisas o tempo todo, tendo opiniões e vontades próprias. Cada criança tem sua maneira de ler e dizer o mundo, comunicando através das suas múltiplas linguagens. Nesse sentido, concordamos com Freire (2008, p. 113) que:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.

Dando visibilidade às vozes das crianças e oferecendo uma escuta sensível reconhecemos que, para elas, o melhor lado da escola é o lado de fora (os espaços externos aliados à natureza), longe das paredes de cimento e do disciplinamento dos corpos. Fica claro, portanto, que, se para muitos(as) adultos(as) o lugar ideal para aprender é a sala de aula entre paredes de cimentos, para as crianças são os espaços externos que sugerem momentos de liberdade e alegria cujo brincar e as interações acontecem de forma plena, prazerosa e significativa.

Nesta perspectiva:

[...] para mudar a escola precisa fundamentalmente religar seres humanos e natureza, sair, desemparedar, proporcionar vivências nos ambientes naturais, aprender com seres e processos. É preciso tornar mais verde todos os ambientes, quebrar esta identificação do lugar de aprender com a sala de aula. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 73)

Esse corpo infantil. pequeno e tão potente, que vive, sente, comunica, brinca, pensa, interage, inventa, explora e se apropria incessantemente de tudo ao seu redor,

é o primeiro instrumento de comunicação com o mundo, é o primeiro brinquedo da criança. Para Pereira (2019, p. 54):

O brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza. A criança antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar suas relações com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhecê-lo.

Muitas vezes esse movimento é interpretado como indisciplina pelo(a) adulto(a), que não entende a importância do corpo e do movimento para o interagir, brincar, explorar e aprender através dos sentidos. Nesse cenário, como desconsiderar as paredes das salas de aulas e dar visibilidade às vozes infantis e às vontades do corpo quando o currículo e a rotina das instituições de Educação Infantil valorizam os espaços fechados, muitas vezes sem acesso às janelas, o disciplinamento dos corpos e o silenciamento das vozes?

As crianças devem sentir, tocar, explorar, fazer, relacionar-se e interagir com o que está à sua volta para conhecerem a si mesma e o mundo no qual estão inseridas, sendo acolhidas em seus desejos, escolhas, inseguranças, inquietações e respeitadas nas vontades desse corpo que fala através das “cem linguagens da criança” (MALAGUZZI, 2016). Isto vai na contramão de espaços fechados, como as salas convencionais, e do disciplinamento dos corpos que minimiza os seus movimentos corporais, pois quando limitamos os corpos, limitamos também suas várias formas de expressão.

Como pontua Loris Malaguzzi (2016), professor e precursor das escolas de primeira infância criadas em Reggio Emilia, no norte da Itália, a criança é feita de cem linguagens e o nosso sistema de ensino hegemônico não pode roubar essas diferentes linguagens dos(as) meninos(as) que ocupam os espaços institucionais, porque a criança nos diz que as cem existem. Por isso, precisamos oportunizar contextos de aprendizagem para o desenvolvimento da identidade e autonomia em que as crianças possam se expressar livremente.

Nesse sentido, os espaços devem promover o convívio de crianças de diferentes idades e momentos agradáveis e de acolhimento, de acordo com os interesses e desejos dos meninos e das meninas, uma vez que a proposta para a Educação Infantil deve ser centrada no desenvolvimento das múltiplas linguagens infantis. Assim se consideraria todas as dimensões humanas potencializadas na criança, visto ser ela “[...] capaz de múltiplas relações e devem ter espaços flexíveis e

versáteis diferentes da casa, da escola e do hospital incorporando vários ambientes de vida em contextos educativos” (FARIA, 2005, p.78).

A relação entre a organização dos espaços, tempos e interações é uma das dimensões que deu visibilidade às experiências italianas na pedagogia para a primeira infância. Para Malaguzzi:

Valorizar o espaço, devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, promover escolhas, e o seu potencial para iniciar toda espécie de aprendizagem, social, afetiva, cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espalhe ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele (MALAGUZZI, 1984, apud GANDINI, 2016, p. 157)

Observa-se que o objetivo principal de construir e organizar os espaços e contextos de aprendizagem nas instituições de Educação Infantil é o de permitir que a criança expresse seu potencial, suas curiosidades, seus saberes e fazeres. Para Lima (1989, p.72), ao realizar tal organização “É preciso, pois, deixar o espaço suficiente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação”.

Nesta mesma linha de pensamento, Gandini (2016, p. 157) destaca que a organização dos espaços e ambientes deve ser flexível e passar por modificações frequentes, de acordo com os interesses das crianças, a fim de propiciar condições favoráveis para o processo de desenvolvimento da criança, uma vez que o espaço também educa porque afeta profundamente as ações e comportamentos das crianças e adultos(as).

Para Parrini (2017), os espaços e tempos são os principais ingredientes a buscar para favorecer o nascimento do protagonismo infantil dentro do contexto educativo nas instituições de Educação Infantil, pois são eles que acolhem as experiências da criança.

A riqueza que distingue os olhares curiosos com que as crianças se apropriam do mundo circundante, formulando suas primeiras interpretações, só pode coincidir com a riqueza do contexto físico que as acolhe: um espaço que oferece oportunidades múltiplas, diversificadas e sempre legíveis para que seja possível acolhe-las com autonomia. (PARRINI, 2017, p. 76).

Defendendo espaços que ofereçam múltiplas e ricas possibilidades de interações, Tiriba (2010) assevera que os espaços externos, aliados à natureza, são ambientes de encantamento com diferentes formas de vida e privilegiados para as

interações, explorações e brincadeiras sem fim, pois possibilitam a visão de espaço para a liberdade e alegria. Segundo a autora:

[...] precisamos afirmar a importância de as crianças desfrutarem de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo Sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual. Mais que isso, entendendo que as crianças são seres da natureza, é necessário repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades. (TIRIBA, 2010, p. 6)

Conforme exposto acima, as instituições de Educação Infantil são espaços com tempos privilegiados para se viver a infância. Dar tempo para a criança, significa aguardá-la com esperança e otimismo, sem pressa. Concordando com Hoyuelos:

As crianças nos fascinam pelos momentos que transformam em únicos, embora os repitam (também a reiteração nos dá o pulso do tempo da infância). Ao mesmo tempo nos exigem o direito a tempo suficiente para que saibamos esperá-las sem pressa, antecipações nem estímulos precoces, desnecessários e violentos. Esperá-las na dilatação do tempo e, paradoxalmente, sem tempo. Dessa forma, os instantes se tornam completos, prazerosos, preciosos e consistentes. A criança aproveita a oportunidade das situações apenas se está disponível e sensível para isso. (HOYUELOS, 2015, p. 47)

Respeitar o tempo das crianças implica que as creches, em seu cotidiano, repensem e organizem os espaços, tempos e materiais, a fim de romper com os modelos rígidos de escola. Implica também que proporcionem vivências e interações em ambientes diversificados que enriqueçam as experiências e possibilidades brincantes dos(as) alunos(as) para que vivam as “cem linguagens”, expressem-se livremente e desenvolvam seu protagonismo infantil.

As crianças precisam ser escutadas, acolhidas em suas dúvidas, inseguranças, incertezas, desejos, sonhos, saberes e não saberes; precisam participar das decisões das instituições que envolvem sua vida, o que implica em um(a) professor(a) atento(a) aos interesses das crianças, que respeite sua curiosidade. Segundo Freire (2008, p. 60):

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento do seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

De acordo com Freire (2008), é aprendendo a escutar o(a) educando(a) que se aprende a falar com ele(a). Essa escuta sensível e atenta vai muito além das rodas de conversa com perguntas e espera de respostas prontas. É mais do que isso, é uma

escuta além do que eles e elas dizem verbalmente, é observar, tomar distância, é decifrar olhares, choros, expressões, gestos e sorrisos e nos deixar afetar pelo que vemos e sentimos. É um silenciar-se, como defende Silva (2017, p. 92):

Silenciar-se para escutar os meninos e as meninas, não significa, portanto, aos(às) professores(as) negar sua própria voz, mas abrir um canal de comunicação em que possamos aprender uns(umas) com os(as) outros(as). Permitir-se brincar e aprender com as crianças constitui-se em um momento mágico, em que, despojados(as) dos condicionamentos tantas vezes impostos pelo mundo adulto, das excessivas atribuições e do controle constante do relógio, de *chronos*, mergulhamos em um mundo incerto, inesperado, imprevisível, mas repleto de possibilidades que a razão infantil exerce sobre nós quando de fato nos propomos a brincar e a dialogar com elas, o que, por sua vez, nos permite conhecer a poética de seus sonhos, de seus movimentos, de seus olhares, de suas falas.

Reconhecer que as crianças pronunciam o mundo é um desafio, em uma sociedade que quase sempre quer enquadrá-las, que não percebe e reconhece a importância e necessidade de escutá-las em suas diferentes linguagens: choro, gestos, movimentos corporais, desenhos, brincadeiras etc. Assim, a relação entre professor(a) e crianças deve ser horizontal, sendo o(a) professor(a) um(a) mediador(a), um(a) provocador(a), sempre escutando as necessidades e interesses das crianças, que são sempre ávidas em descobrir o mundo.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 2008, p. 72)

O(a) professor(a), além de respeitar os interesses da criança, precisa confiar e encorajá-la em suas vivências para que ela desenvolva suas potencialidades e conquiste gradativamente o seu autoconhecimento. Freire (2008) defende uma educação da liberdade e para a liberdade e transformação, não da castração. Não podemos castrar ideias, vontades, desejos e interesses das crianças. Temos que ter uma relação que vise uma parceria através da confiança e respeito mútuo, uma vez que todos(as) devem aprender juntos(as).

O(a) professor(a) de crianças bem pequenas necessita ter um olhar de aprovação e nunca de castração pelas conquistas diárias delas, pois essa atitude transmite-lhes a segurança necessária para que avancem cada vez mais, superem seus limites e potencializem suas aprendizagens. E nesse encontro frente ao universo e potência infantis (seres selvagens, caçadoras, seres estranhos, de alteridade e impermanência), e diante de alguém que não vive sem um sentido de vida e o busca incessantemente, todas as nossas falsas certezas se abalam. Isso porque:

[...] a infância nunca é o que sabemos (é o outro dos nossos saberes), mas, por outro lado, é portadora de uma verdade à qual devemos nos colocar à disposição de escutar; nunca é aquilo apreendido pelo nosso poder (é o outro que não pode ser submetido), mas ao mesmo tempo requer nossa iniciativa; nunca está no lugar que a ela reservamos (é o outro que não pode ser abarcado), mas devemos abrir um lugar para recebê-la. Isso realmente é aceitar a criança como um outro. (LARROSA, 2010, p.186)

É preciso reconhecer a criança como um “outro”; colocarmo-nos à sua disposição para escutá-la e, com ela, também aprender. Seremos “dodiscentes”, como nos ensina Freire (2008), aqueles(as) que enquanto ensinam também aprendem. Temos muito a aprender com as crianças.

3 CRIANÇA NA E COM A NATUREZA: INFÂNCIAS BRINCANTES

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. (Carlos Drummond de Andrade)

Carlos Drummond de Andrade nos provoca a pensar a escola para além do lugar onde se aprende letras e números, quase sempre com “exercícios estéreis”. Alerta-nos sobre a importância do brincar como condição humana, base para a construção das aprendizagens das crianças.

Nessa seção discorreremos sobre o direito da criança à brincadeira e à natureza; e suas produções culturais infantis, pois:

Quando brinca, a criança está falando. No seu tempo, que é só dela, a criança escreve com seu corpo uma melodia. Com seu gesto, sua mão, seu olhar e seu sorriso imprimindo a pegada do seu coração. Como nós adultos quando dançamos, pois a palavra consegue dizer com o coração, sem pensar, só dizer. (FRIEDMANN, 2013, p. 58)

Em latim, um dos significados da palavra brincar deriva do verbo “*vincire*”, que remete ao encantar, por isso constatamos tanta dedicação, concentração e encantamento quando meninos e meninas se entregam por iniciativa própria a esta atividade. O brincar ilegítima a infância, pois mesmo que seja atemporal para qualquer faixa etária, para a criança o brincar é como respirar. É a sua principal atividade, sua forma de viver, experimentar, descobrir e dizer o mundo. “Brincar expressa o gesto de iniciação do ser humano” (PEREIRA, 2019, p.33).

3.1 O Brincar como direito

O brincar é um direito que deve ser garantido a todas as crianças, de modo a afirmar o exercício do seu direito de ser criança. A Declaração Universal dos Direitos da Criança (BRASIL, 1959), em seu princípio VII, Direito à educação gratuita e ao lazer infantil, destaca que: “A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito”.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), que reconhece, pela primeira vez, a criança como sujeito de direitos, define no seu Art. 227 que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988)

Esses direitos são reafirmados no Estatuto da Criança e do Adolescente no

Art.4:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990)

No que se refere à Educação Infantil, reconhecida como primeira etapa da educação básica a partir da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBN (BRASIL, 1996), cabe a creches e pré-escolas assegurarem os direitos das crianças, dentre eles o direito ao brincar.

Nesta perspectiva, diferentes documentos legais que orientam a Educação Infantil discorrem sobre a importância da brincadeira como atividade central na vida das crianças, dentre eles o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

O documento Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (BRASIL, 2009) traz contribuições para que as instituições organizem suas práticas pedagógicas pautadas no respeito aos direitos fundamentais das crianças, ressaltando na dimensão de número cinco (Espaço, Materiais e Mobiliários) a importância sobre os espaços para o brincar:

Os ambientes físicos da instituição de educação infantil devem refletir uma concepção de educação e cuidado respeitosa das necessidades de desenvolvimento das crianças, em todos seus aspectos: físico, afetivo, cognitivo, criativo. Espaços internos limpos, bem iluminados e arejados, com visão ampla do exterior, seguros e acolhedores, revelam a importância conferida às múltiplas necessidades das crianças e dos adultos que com elas trabalham; espaços externos bem cuidados, com jardim e áreas para brincadeiras e jogos, indicam a atenção ao contato com a natureza e à necessidade das crianças de correr, pular, jogar bola, brincar com areia e água, entre outras atividades. (BRASIL, 2009a, p. 50)

O direito à brincadeira, no que cerne à qualidade da educação, também está impresso no primeiro capítulo do documento: “Critérios para um atendimento em creches que respeitem os direitos fundamentais das Crianças” (Nossas crianças têm direito à brincadeira) (BRASIL, 2009b), que destaca a organização dos espaços na prática do trabalho com as crianças:

Os brinquedos estão disponíveis às crianças em todos os momentos
 Os brinquedos são guardados em locais de livre acesso às crianças
 Os brinquedos são guardados com carinho, de forma organizada
 As rotinas das creches são flexíveis reservam períodos longos para as brincadeiras livres das crianças
 As famílias recebem orientações sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil
 Ajudamos as crianças a aprender a guardar os brinquedos nos lugares apropriados
 As salas onde as crianças ficam estão arrumadas de forma a facilitar brincadeiras espontâneas e interativas
 Ajudamos as crianças a aprender a usar brinquedos novos
 Os adultos também propõem brincadeiras as crianças
 Os espaços externos permitem as brincadeiras das crianças
 As crianças maiores podem organizar os seus jogos de bola, inclusive futebol
 As meninas também participam de jogos que desenvolvem os movimentos amplos: correr, jogar, pular
 Demonstramos o valor que damos às brincadeiras infantis participando delas sempre que podem
 Os adultos também acatam as brincadeiras propostas pelas crianças (BRASIL, 2009b, p. 14).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010), ao reconhecer a criança como um sujeito histórico e de direitos que constrói sua identidade na relação que estabelece com o mundo, definem as interações e as brincadeiras como eixos norteadores na elaboração das propostas pedagógicas de creches e pré-escolas. Esse documento entende que a criança aprende na interação e na brincadeira (experimentando, explorando, investigando), construindo suas aprendizagens. O lúdico permeia toda e qualquer ação pedagógica.

O documento “Brinquedos e Brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica” (BRASIL, 2012) tem como propósito orientar os(as) educadores(as) sobre a importância de organizar contextos para o uso dos brinquedos, materiais e brincadeiras para a creche, uma vez que eles são constitutivos da infância. Considera a brincadeira, o brinquedo e as interações como elementos essenciais para a infância, os quais precisam, obrigatoriamente, estar contemplados nas propostas pedagógicas. Consequentemente, devem estar presentes no cotidiano das instituições de Educação Infantil, pois são momentos ricos para a socialização, apropriação e ressignificação da cultura.

Os eixos estruturantes das práticas pedagógicas, brincadeira e interação são reafirmados na Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2017), segmento de Educação Infantil, visto que meninos e meninas constroem e apropriam-se do conhecimento por meio de suas ações e interações, de forma a potencializar aprendizagens, o desenvolvimento e socialização. Segundo o documento:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2017, p. 37)

O brincar ainda está explícito na BNCC como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2017, p. 38)

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2018) trazem na área focal o número sete dos mesmos: Espaços, Materiais e Mobiliário, princípio sobre a importância do brincar, reconhecendo que:

Os espaços, materiais, brinquedos e mobiliários são itens potencializadores de aprendizagem e desenvolvimento quando atraem as crianças para brincar e interagir e quando proporcionam simultaneamente multiplicidade de experiências e vivência de múltiplas linguagens. (BRASIL, 2018, p. 61)

Os documentos citados acima ressaltam a importância da brincadeira e da organização dos tempos, espaços e materialidades para que ela aconteça, reconhecendo os direitos da criança de conviver, expressar-se, participar, interagir e brincar (BRASIL, 2017) em espaços que respeitem e nutram sua curiosidade, valorizem as interações e proporcionem contextos que possibilitem às crianças experiências significativas, de modo a ampliar suas potencialidades.

A legislação define que o brincar é um direito da criança e deve ser assegurado e legitimado nas instituições de Educação Infantil. Meninos e meninas precisam ser respeitados(as) em seus direitos de serem livres e de brincar. Isso porque a brincadeira é atividade cotidiana na vida da criança, além de ser um momento rico de socialização e interação com outras crianças e adultos(as).

Creches e pré-escolas constituem lugares apropriados para garantir o brincar em interação com outras crianças de diferentes idades e com adultos(as) e em

diferentes contextos lúdicos. Contudo, nem sempre esse direito é assegurado, pois muitas vezes os(as) adultos(as) não valorizam as ações da criança de brincar e interagir entre si, confundindo-as com atos de indisciplina e bagunça. Ao agir dessa forma, demonstram não compreender que a criança pequena só aprende através das interações e do brincar de forma livre.

Por essas razões, a brincadeira deve fazer parte do currículo de todas as instituições de Educação Infantil, sendo a ludicidade fundamento do trabalho educativo, de modo a oportunizar aprendizagens exitosas e significativas.

3.2 O brincar e a produção das culturas infantis

Em uma perspectiva sociocultural, compreende-se o brincar como uma ação em que as crianças apropriam-se e interpretam os mundos físico e social, atribuindo-lhes novos significados, construindo seus conhecimentos. As brincadeiras são atividades fundamentais na formação humana e constituem momentos propícios para as manifestações culturais das crianças, pois enquanto brincam não apenas assimilam e se apropriam da cultura do mundo adulto, como constroem e manifestam suas próprias culturas. Corsaro (2011), esclarece que, na interação das crianças com seus pares, nos grupos de brinquedos e brincadeiras, elas produzem a primeira de uma série de culturas de pares e afirmam sua competência social.

O brincar é, portanto, “[...] condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade” (SARMENTO, 2003, p. 12). Daí a importância de acompanhar as crianças na construção de suas relações sociais. Para este sociólogo, as culturas da infância são entendidas como modos de ver e compreender o mundo diferente dos(as) adultos(as), pois as crianças relacionam-se com seus pares, brinquedos, objetos, valores morais e categorias sociais diversas por meio das suas culturas, uma vez que são:

[...] socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alternadas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (SARMENTO, 2003, p. 4)

As brincadeiras são catalisadoras de socialização a partir das interações que os meninos e meninas estabelecem com as pessoas (adulto(a) e criança), com os objetos e o mundo ao seu redor. Estes momentos são propícios para as negociações

e tomadas de decisões; também são excelentes momentos para apropriações e produções culturais infantis, pois, em contextos brincantes, meninos e meninas não só reproduzem situações do mundo adulto como também atribuem novas significações ao mundo. Isso porque “O jogo é uma atividade construída socialmente e culturalmente em cada meio social e cultural” (BROUGÈRE, 1998, p. 7).

Segundo Brougère (1998), a brincadeira, além de ser um suporte de sociabilidade porque permite construir relacionamentos entre as crianças e delas com os(as) adultos(as), caracteriza-se pela iniciativa e pela decisão. “Decidir brincar, para uma criança pequena, pode ser divertir-se com seus pés, com suas mãos. Isto é, se não houver espaço de decisão, a brincadeira não é possível” (BROUGÈRE, 1998, p. 4), pois a criança decide o tempo todo, sendo esta definição particular de cada criança.

Primeiro ela decide se aceita a proposta do(a) adulto(a) ou dos(as) parceiros(as) de brincadeira, depois se vai fazer desaparecer um objeto, se está na hora de alimentar seu neném (boneca), dentre outras. Estas decisões de iniciativa da própria criança significam dominar o espaço da experiência, apropriar-se do espaço do brincar, que nesta perspectiva não intenta responder a finalidades pedagógicas.

Cabe pontuar que algumas brincadeiras trazem o repertório cultural passado de geração em geração. As crianças apropriam-se do universo das brincadeiras ensinadas pelos(as) adultos(as) ou pelas crianças mais velhas, ressignificando-as e recriando outras formas lúdicas, com novos enredos, personagens, cenários e produzindo cultura.

“Definir o que é a brincadeira é tarefa difícil. Muitas são as compreensões, contudo Brougère (1998, p. 3) pontua que a brincadeira, entre outras coisas, é: [...] um meio de comunicação, de prazer e de recreação”.

O que talvez caracterize a brincadeira em geral é ser também um espaço, uma possibilidade de ação que a criança domine ou, pelo menos, exerça em função de sua própria iniciativa.

As crianças envolvidas nas brincadeiras estabelecem uma conexão entre si e com o mundo, o que as permite criarem outros mundos e outras dimensões para suas brincadeiras. Como seres brincantes, o brincar não é um simples passatempo para elas, mas a principal forma de se viver a plenitude da infância.

Brougère (2010, p. 104) pontua que: “Quem brinca pode sempre evitar aquilo que lhe desagrade”. Nesta mesma linha de pensamento, Sarmiento (2003) esclarece que as crianças são atores sociais com capacidade de produção simbólica através do

imaginário infantil. Sendo assim, o brincar é coisa séria e no faz de conta a criança, a partir de situações imaginárias, resiste a situações dolorosas de sua existência.

Quando pensamos nas crianças, o brincar está arraigado a esse tempo da vida, como se iluminasse a infância, pois além de ser uma ação divertida, que proporciona prazer, alegria e contentamento, o brincar evita aquilo que entristece, que despotencializa. Nessa perspectiva, Brougère (2010) considera que na brincadeira espontânea e livre não se espera nenhum resultado, imposição ou obrigações, tampouco o comando ou autorização do(a) adulto(a) para brincar. Espera-se somente o prazer, alegria e satisfação dos desejos, interesses e necessidades particulares que essa ação proporciona à criança e sua socialização através das diferentes interações que ela estabelece com outras crianças. Nesse sentido, a brincadeira não tem finalidade pedagógica e de aprendizagem, embora se aprenda muito brincando. Porém se constitui como importante espaço de socialização, com muitas possibilidades para a construção da identidade da criança com o grupo na qual está inserida.

Para esse autor, o que caracteriza a brincadeira “[...] é que ela pode fabricar seus objetos, em especial desviando de seu uso habitual os objetos que cercam a criança; além do mais, é uma atividade livre, que não pode ser delimitada” (BROUGÈRE, 2010, p. 13-14). Desse modo, na brincadeira as crianças atribuem diferentes significados aos objetos, além de suas funções habituais, uma vez que elas brincam com o que têm nas mãos e na cabeça. Com isso:

[...] o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira, pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca, uma sucata, efêmera, que só tenha valor para o tempo da brincadeira, um objeto adaptado (BROUGÈRE, 2010, p. 67).

Entendemos que absolutamente tudo pode se tornar um brinquedo nas mãos da criança. É o sentido lúdico que ela dá ao objeto enquanto brinca que caracteriza a brincadeira. Assim, a imaginação é tão importante quanto o próprio brinquedo, pois através desta que a criança cria cenários, enredos, personagens com os objetos que tem em mãos. Brougère (2010, p. 99-100) esclarece este caráter mutável da brincadeira. Para ele, “A brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas aí tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância”. Na mesma direção, Kishimoto (2009, p. 39) afirma que: “A brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica, de

representação de papéis ou sociodramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária”.

Na brincadeira simbólica, as crianças dizem da vida, das crenças e do mundo na qual estão inseridas; os objetos ou elementos transformam-se em outras coisas, tendo um significado diferente daquele que lhe é próprio. As crianças, enquanto brincam, modificam os significados do objeto, elementos e animais com os quais interagem com liberdade e imaginação, sem precisar da aprovação do(a) adulto(a), expressando seus sonhos e fantasias, e a forma como estão se apropriando e ressignificando a cultura.

Para Kishimoto (2009), na brincadeira simbólica a criança é protagonista do seu brincar, participando do mundo adulto e realizando seus desejos, suas vontades, seus interesses, além de possibilitar a resolução de situações problema. Nessa brincadeira, além de viverem a socialização e as interações com outras crianças, encontram-se em um espaço inusitado, desconhecido em que, expondo-se a conflitos e negociações, apreendem a realidade e a transformam, construindo novos significados.

Enquanto brincam, meninos e meninas ressignificam os objetos, os espaços e os tempos, dando um significado diferente daquilo que são; recriam esses objetos, espaços, personagens e tempos através das situações imaginárias, assumindo diferentes papéis na brincadeira. Quando brincam de ser mãe, avó, pai, médico(a), professor(a), jardineiro(a) etc., colocam-se no lugar do(a) outro(a), expressando sua forma singular de compreender sua realidade, ampliando assim seu conhecimento de mundo.

Segundo Silva (2020), embora as culturas infantis não estejam vinculadas apenas às brincadeiras, o brincar é espaço privilegiado para a produção cultural das crianças. Para a pesquisadora:

[...] as culturas infantis emergem na medida em que as crianças interagem com seus pares, atribuindo sentido ao mundo em que vivem. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico, produzido e partilhado entre as crianças ao participarem no coletivo de uma experiência social. Nesses tempos e espaços criam estratégias para lidar com a complexidade dos valores, crenças, saberes, hábitos, comportamentos, artefatos que lhes são impostos, partilhando formas próprias de compreensão e de ação sobre o mundo. Com isso, vão construindo um sentimento de pertencer a um grupo: o das crianças, cujo brincar as remete a novas formas de ser e estar no mundo, em um exercício constante de questionamento e criação de novos sentidos. (SILVA, 2020, p. 280)

Os(as) autores(as) citados(as) acima dialogam e nos mostram a importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, visto serem as brincadeiras catalisadoras para a formação de meninos e meninas, bem como espaço privilegiado para a produção das culturas infantis. Nesse sentido, as instituições educacionais não podem negar esse direito, pois, ao fazê-lo, estariam negando o direito das crianças de serem crianças.

3.3 Quando eu brinco com a natureza, a natureza brinca comigo

[...]
 Há tempo pra conhecer,
 Há tempo pra explorar,
 Basta os olhos abrir,
 E com o ouvido escutar.
 [...]
 Como eu vou saber da chuva
 Se eu nunca me molhar?
 [...]
 Como eu vou saber da terra
 Se eu nunca me sujar?
 [...]
 Quero ver com os meus olhos,
 Quero a vida até o fundo,
 Quero ter barros nos pés,
 Eu quero aprender o mundo!
 (Pedro Bandeira)

Piorski (2013), em sua dissertação de mestrado “O brinquedo e a imaginação da terra: um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo”, discute os brinquedos criados pelas crianças através das experiências e do brincar em contato com os restos de materiais da natureza. Elementos simples e que encantam as crianças, como pedras, folhas, sementes, flores, gravetos, areia, poças de água e lama; em que a partir da imaginação e criatividade infantil transformam-se em produções culturais cheias de significações e encantamentos.

Manoel de Barros (2003), em suas poesias e provocações dotadas de sensibilidade, mostra-nos seu encantamento tão próximo do que vemos nas crianças pelo mundo natural e pelas coisas desimportantes, como ele mesmo diz:

[...]
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.
(BARROS, 2003, p. 45)

Faz parte do cenário infantil a criatividade que as crianças têm ao utilizarem materiais não estruturados oferecidos pela natureza, sendo estes transformados em brinquedos diversos em situações imaginárias; isso porque a brincadeira é um espaço de inovação e criação livre para a criança e a natureza traz o imprevisto, o inusitado, a aventura e o risco.

A educadora e artista plástica Anna Marie Holm, em seu livro *Eco Arte com crianças* (2015), propõe atividades artísticas ao ar livre utilizando os elementos desimportantes ou restos da natureza. Ou seja, aqueles não estruturados, descartáveis e sustentáveis, como areia, terra, sementes, folhas, gravetos, pedrinhas, flores, entre outros. Deste modo, compreendendo que estes materiais apresentam muitas possibilidades criadoras para a criança, além de aproximá-la da arte e da natureza.

Segundo Piorski (2016, p. 117), “No brincar, a imaginação quer todas as possibilidades de imaginar. A imagem pede mais imagem. E, em cada um dos quatro elementos, as imagens na brincadeira criam narrativas diferentes, enredam o viver por aspectos diversos”. Para o autor, a criança interessa-se por tudo o que está à sua volta e gosta de se misturar com o que brinca: água, terra, vento, lama, areia, flores, folhas. Por ser sua mão como o cérebro do brinquedo, tocando a água ela sente a fluência, tateando a terra ela sente a gravidade, aproximando-se do fogo ela sente a temperatura. “O tato é a mãe dos sentidos, pois a pele é esse imenso órgão comunicador entre o corpo e o mundo”.

Nessa perspectiva, a natureza surge como um espaço rico para vivências, interações e explorações; é um ambiente com inúmeras possibilidades de criação e transformação. Possibilita, por exemplo, que gravetos, pinhas, sementes, pedras, flores, folhas viram espadas, vara de pescar, microfones, colheres, comidinhas, cabanas, bonecas, carrinhos. Pois, como elucida Brougère (2010), a função principal do brinquedo ou objeto brincante é seu valor simbólico, visto que, neste simbolismo as crianças manifestam o animismo e antropomorfismo, transformando os elementos da natureza em pequenos animais como lagartos, besouros, formigas, minhocas etc.

Piorski (2016, p. 63) pontua que:

O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, pode ser traduzido por um desejo de se intimar com a vida. Esse desejo embrenha a criança nas coisas existentes. É um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa.

O autor nos mostra que o mundo tem formas, cores, sabores, texturas, sons, cheiro e que na natureza nossos sentidos ficam aguçados. Sendo assim, sentimos a terra profundamente; ouvimos, enxergamos e cheiramos atentamente porque estamos em conexão com a terra, ar, água e fogo. E brincar com a materialidade advinda da natureza é um mergulho nos sentidos, momento em que vivenciamos emoções e sensações únicas, que dão sabor e sentido ao momento vivido e experimentado, não importando se deu certo ou não.

Para Piorski (2016, p. 109):

A criança, essa criatura por excelência tátil, tem olhos nas mãos. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não basta. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, pela tatilidade, ela não apenas vê como também ouve e empenha diálogo com os materiais.

Meninos e meninas quase sempre nos dizem: “Deixa eu ver com as minhas mãos”. Isso demonstra que só olhar não sacia a curiosidade pela busca profunda da descoberta, pois a pele é o elo de comunicação entre o corpo e o mundo e é a base de toda a sensorialidade. Por isso a criança precisa tocar, manusear para sentir com o corpo e com os sentidos, de forma a enxergar profundamente o interior, a essência e a alma das coisas.

Mais importante do que o brinquedo pronto são os ambientes, os espaços, os elementos e os desafios oferecidos às crianças na hora da brincadeira. Sendo assim, devemos nos questionar se o brinquedo aguça os sentidos, a curiosidade, se permite

a exploração, experimentação, criatividade, imaginação e a criação livre. A natureza vem ao encontro com essas interações porque nela a criança só precisa do corpo para brincar: os pés descalços, muita imaginação e uma ação. E quanto mais oferecermos liberdade para o brincar, melhor.

Segundo Piorski (2016), quanto mais simples os elementos para brincar, maior a complexidade e os enraizamentos imaginários, porque o brincar com os elementos da natureza, em contato com materiais não industrializados, trabalha aspectos mais profundos na alma de uma criança, visto acordar energias internas, simbólicas, oníricas. Isso porque a criança é movimento, assim como a vida (movimento e ritmos dentro dela e fora: o pulmão respirando, coração em sístoles e diástoles, o intestino com contrações, o cérebro, assim como as fases do dia: manhã, tarde e noite; as estações...). Essa relação com a natureza desperta o poder de criação da criança, que sempre foi uma criadora nata. Muitas vezes, brinquedos nascem de coisas da natureza e de seus próprios corpos. “Aos poucos, tanto o mundo se torna mais dado à exploração, quanto o corpo se sente mais preparado para investigar” (PIORSKI, 2016, p. 95). Para o autor:

As grandes imagens que nascem do imaginar, as sensações mais significativas vividas por uma criança em seu brincar, as impressões gravadas em sua memória e corpo provêm desse núcleo de forças, da imaginação criadora, ato capaz de acionar energia vital. (PIORSKI, 2016, p. 60)

A natureza e seus elementos, para este autor, são os melhores e mais inteligentes brinquedos que existem para a criança, pois permitem criar, imaginar, pensar, significar e ressignificar incessantemente o mesmo elemento. Sendo assim, possibilitam um aprofundamento na relação com o mesmo, buscando soluções mais elaboradas no que se refere à avidez da descoberta. Diferente do brinquedo pronto, industrializado e comercializado, que por mais que a criança atribua outros significados além do que ele próprio possua, a espada de brinquedo sempre será uma espada, porque ela diz desde o primeiro contato o que ela é, para que ela serve e o que fazer com ela, assim, “[...] o objeto brinquedo não existe sem a brincadeira, não se faz sem o corpo e a imaginação, não tem o caráter de narrativa sem o brincar” (PIORSKI, 2016, p. 61).

Materiais que se transformam e se ressignificam constantemente e que refletem as fantasias e imaginações infantis são encontrados na natureza. Isso denota o cuidado do(a) adulto(a) ao interagir ou observar as crianças brincando. Assim evita-

se que a construção, a fantasia e a imaginação sejam tolhidas e preconizando a manifestação e produção de suas culturas infantis com liberdade, porque brincar pressupõe liberdade, criando e delimitando o território da infância.

As interações que as crianças estabelecem ao brincar de forma espontânea, sem o direcionamento do(a) adulto(a), com os elementos da natureza, por não serem estruturados, com formas, cores, texturas, cheiros e sabores variados traz possibilidades que habitam a curiosidade, a imaginação e o poder latente de criação e transformação. Tais elementos deixam as crianças sem limites para a exploração e para produzirem as culturas infantis.

As crianças experimentam e exploram o tempo todo, sempre procurando, através das brincadeiras, formas de inventar e reinventar algo conhecido, ou tentando descobrir ou inventar outros mundos. Nem sempre estas intencionalidades de reinvenção são percebidas e/ou valorizadas pelos(as) adultos(as) e, na maioria das vezes, são coibidas e interpretadas por estes(as) como atos de indisciplina e bagunça.

3.4 A criança precisa da natureza e a natureza precisa da criança

Segundo Cornell (2008), devemos abrir nossos corações para a natureza e construir uma verdadeira amizade, pois, querendo ou não, compartilhamos o ar, a água e a terra deste planeta com todos os seres vivos do reino animal, vegetal ou mineral.

A natureza não é uma criação do ser humano e tem vida própria, por isso é um mistério para todos(as) nós. Sendo assim, precisamos desenvolver um olhar sensível e, a partir daí, estabelecer uma comunhão com o mundo natural do qual fazemos parte, para compreender que a natureza está dentro de nós e da qual não somos apartados. Também não somos uma espécie superior; somos a própria natureza e assim percebemos o sentido da coletividade e de pertencer à espécie humana.

Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza, é o que assevera o documento: “Critérios para um atendimento em Creche que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças”:

Nossas crianças têm direito à natureza:

- Nossa creche procura ter plantas e canteiros em espaços disponíveis
- Nossas crianças têm direito ao sol
- Nossas crianças têm direito a brincar com água
- Nossas crianças têm oportunidade de brincar na areia, argila, pedrinhas, gravetos e outros elementos naturais

- Sempre que possível levamos os bebês e as crianças para passear ao ar livre
- Nossas crianças aprendem a observar, amar e preservar a natureza
- Incentivamos nossas crianças a observar e respeitar os animais
- Nossas crianças podem olhar para fora através de janelas baixas e com vidros transparentes
- Nossas crianças têm oportunidade de visitar parques, jardins e zoológico
- Procuramos incluir as famílias na programação relativa à natureza. (BRASIL, 2009b, p.18)

“Brinquedos e Brincadeiras de Creches (Manual de Orientação Pedagógica)” (BRASIL, 2012) é outro documento que trata da importância da natureza para enriquecer o brincar. No módulo I (Brincadeiras e interações nas práticas pedagógicas e nas experiências infantis), item H: Brincadeiras: mundo físico, social, o tempo e a natureza, destaca que:

Natureza:

A natureza é farta de elementos que enriquecem o brincar infantil. Brincadeiras como cabanas com folhas e galho e brincar nos troncos das árvores expressam valores relacionados a comunidades rurais, mas pode-se recriar tais modalidades em qualquer lugar. Os brinquedos carregam significações de lugares e tempos diferentes. (BRASIL, 2012, p. 47)

Nessa mesma linha de pensamento, Tiriba (2018) defende a importância das interações, atividades e das brincadeiras livres na natureza, que possibilitam às crianças o contato e a troca com elementos naturais (vegetação, terra, água e areia). Ao explorar, descobrir e construir seus conhecimentos sobre o mundo, a natureza e as próprias pessoas, acabam descobrindo a riqueza da diversidade natural e social no contexto em que estão inseridas. E produzem, deste modo, as culturas infantis, uma vez que as crianças necessitam ser “[...] respeitadas não somente como cidadãs de direito, mas também como seres que se fortalecem na alegria de brincar” (TIRIBA, 2018, p. 40).

A autora traz reflexões sobre a natureza ser um direito da criança e a importância de promover interações, explorações, experiências e brincadeiras para ações que possibilitem à criança construir sua visão de mundo, de natureza. As creches necessitam de uma conexão com a natureza, uma vez que meninos e meninas declaram sua paixão e preferência pelos espaços externos aliados à natureza, por ser um espaço de viver o que é bom, o que alegra e o que potencializa a sua existência. Como, por exemplo, as experiências em pular nas poças de lama e de água, brincar na chuva, afundar as mãos e os pés no barro, misturar-se com esses elementos brincantes. Mas como promover encontros que geram alegria?

Segundo Tiriba (2018, p. 36), “[...] é possibilitar o contato permanente com o mundo natural, tempo e espaços para brincadeiras ao ar livre”. Para Cruz (2005, p. 68):

O contato com a natureza, como sendo o habitat natural da criança, é muito importante, no sentido de cada criança estar inserida, sentir-se parte da natureza, perceber seus climas, ritmos, estações, elementos, sua diversidade de manifestações, cores, cheiros e sabores.

Para Pereira (2019, p. 43) “A natureza carrega dentro de si um forte conteúdo simbólico na gratuidade e nas possibilidades com as quais se apresenta como fonte de inesgotáveis experiências por onde os seres humanos cumprem sua história”. São exemplos disso brincar na areia, na terra, na água, no barro, ouvir histórias ou se alimentar à sombra das árvores, pendurando-se nelas. Também o ato de encantar-se com o canto dos pássaros, as cores das borboletas ou com a beleza das flores, tomar banho de chuva, cultivar uma horta; ou ainda criar uma escultura a partir de um galho, folhas, barbantes, argila e descobrir como a vida na natureza se desenvolve e se modifica constantemente. Todas estas são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida.

O encantamento do canto dos pássaros, das cores das flores, a variação das estações com seus ciclos, a multidão das formas que nos preenchem como parte de uma geometria fantástica através da qual simetrias e assimetrias desfilam sob nossos olhos, tudo isso e muito mais poderíamos aqui registrar a partir da experiência sensível de cada um de nós diante do que chamamos de natureza. (PEREIRA, 2019, p.44)

Buitoni (2006, p. 73), em seu livro “De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte”, também defende a natureza como cenário principal para as vivências e experiências brincantes da infância. A partir destas, a criança vai conhecendo seu corpo e seu mundo através das explorações com as mãos, pés e a pele, o que a possibilita “[...] mexer com terra, fazer bolinhos de barro, de areia, construir barragem, brincar com água, lavar roupa, ficar descalço, subir em árvore, observar insetos, pegar o ovo que a galinha botou”.

É nesse caminho que Barros (2018, p.35) pontua que:

As crianças, têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com a e na natureza, e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas.

Desta forma, provoca-se uma reflexão acerca das creches e pré-escolas, que necessitam organizar ambientes em que as interações, o brincar de forma livre e as experiências com a natureza tornem-se uma constante no currículo, visto que tais

ambientes alegram e potencializam as experiências das crianças, afora a convivência com outras formas de vida. De acordo com Buitoni (2006, p. 264):

Elas terão muito tempo na vida para ficar dentro de casa, dentro da escola fundamental e média, dentro da faculdade, dentro do escritório, dentro da fábrica... Para que aprisioná-la tão cedo, quando seu próprio desenvolvimento depende e se dará em melhores bases da terra e do ar livre.

Tiriba (2005) elucida que as crianças são seres da natureza e da cultura, sendo assim, é preciso uma aproximação física da criança à natureza, pois necessitam de vivências, interações e experiências como o brincar, a fim de estabelecer uma ligação e a compreensão de que é parte da natureza. Essa ligação contribui para a formação de crianças mais preocupadas e engajadas na preservação do meio ambiente. Segundo Cruz (2005, p. 75):

A relação com o outro, passa pela relação com o seu entorno, o contato com o espaço físico, o meio ambiente e a Natureza, no sentido de respeito, valorização e cuidado, desenvolvendo a percepção de se sentir, fazer parte de um todo maior. A ecologia é em si mesma a percepção da Natureza exterior, incluindo a percepção da Natureza interna do homem, construindo a noção de “pertencimento” à humanidade, à própria cultura e ao seu local de habitação.

Mirian Noal (2006), em sua tese de doutorado, investigou quem são as crianças indígenas que vivem na Aldeia Pirakuá Bela Vista/MS e como são cuidadas e educadas em qualquer tempo e espaço da aldeia e dentro dos traços culturais da cultura Guarani/Kaiowá. A autora defende que quanto mais amplo os espaços e o tempo ofertado às crianças, maiores suas possibilidades de expressões e criações:

O tempo não é horário comandado e compartimentado pelo relógio, mas cíclico, regido pela natureza, pelo sol, pelo plantio e pela colheita. Há um tempo e um espaço ampliados para a vida e para a convivência que permite a cada pessoa e em especial às crianças estarem juntas quando desejarem e, também, permanecerem sozinhas se assim quiserem. (NOAL, 2006 p.36)

A autora rompe com a visão de que só se aprende em sala de aulas nas escolas convencionais e tradicionais trabalhando com fragmentação do conhecimento. O processo educativo destes povos insere a natureza como escola, casa e mestre: “[...] e o olho para a escola com olhar desconfiado de alguém que percebe seu fracasso ao me contrapor à ausência de liberdades, às ações violentas contra a sensibilidade e a vida” (NOAL, 2006, p 82.).

As instituições de Educação Infantil, ao organizarem seus contextos de interações e brincadeiras com a natureza, não podem visar apenas as condições de desenvolvimento infantil e suas aprendizagens, de forma a reduzir a natureza a algo a ser explorado, apenas um objeto de consumo. É preciso firmar uma parceria para a

conservação e prevenção da natureza, possibilitando que as crianças, ao conviverem e interagirem com ela, reconheçam-se parte e assim não destruam aquilo que é de fato parte delas, uma vez que tal pertencimento é reconhecer e respeitar a diversidade de seres que temos no nosso eco sistema. De acordo com Tiriba (2005, p. 213), “Ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com o qual não convive”. Para essa pesquisadora:

A natureza é o local onde historicamente os seres humanos interagem e brincam. Tomando a escola como lugar fundamental na organização das sociedades urbanas, é urgente desemparedar. O convívio não pode ser uma opção da professora, mas um direito. (TIRIBA, 2018, p.198)

Segundo Pereira (2019, p. 44), o convívio diário e as experiências sensíveis com a natureza são importantes na vida das crianças:

“[...] para um desenvolvimento de um ser humano capaz de interagir dentro de si a comunhão verdadeira com esse habitat, do qual recebe a Terra, a Água, o Fogo e o Ar como elementos primários para sua sobrevivência.”

Sair da sala de aula e conviver e interagir com a natureza oportuniza um mundo de descobertas e de possibilidades, significa olhar a vida que se transforma constantemente. Ou seja, “[...] significa diversificar as aprendizagens, aprender a conhecer os objetos da natureza: pedras, paus, folhas, flores, água, areia, bichinhos de jardim, um campo de investigação” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 76).

Neste horizonte, Barros (2018) ressalta que a criança precisa de vivências, interações e experiências com a natureza:

É necessário liberdade para olhar o céu e, percebendo que irá chover, levar as crianças para o pátio antes da chuva ou, então, prepará-las para o banho de chuva. Como conhecer o vento se não for possível sair para o pátio no momento que venta, simplesmente porque não é seu horário de pátio? (BARROS, 2018, p. 61)

As autoras nos inspiram a criar contextos de interações e aprendizagens que convidem à movimentação, valorizando os espaços ao ar livre, porque as instituições educacionais precisam constituir-se como espaços para aprender a pensar criticamente e, também, espaços para sentir, imaginar, criar, fantasiar, relaxar e brincar. Espaços, portanto, para bons encontros com o universo cultural além de natural como o sol, as árvores, o vento, as nuvens, a terra, as plantas. Por ser ambientes ricos em interações, Barbieri (2012, p.116) pontua que:

Temos que escolher e preparar oportunidades maravilhosas para as crianças porque elas merecem vivê-las e levarão tais experiências consigo. A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia, as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com

diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias; rios, montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela.

As crianças mostram seu encantamento pela natureza possivelmente por conta das cores, formas, texturas, temperaturas, odores, sons e sabores que ela nos oferece, porque a natureza parece brincar com as crianças, pois nela não existe um padrão único definido pelo ser humano. As folhas não são somente verdes; são vermelhas, amarelas, roxas, rosas e isso encanta as crianças como também há um deslumbramento em ver as plantas crescerem ou o surgimento de um broto no caule ou raiz da árvore. Para Melo (2011, p.74):

[...] a brincadeira está fortemente ligada à natureza. Essa relação com a natureza se amplia cada vez mais pelo fato de o espaço físico favorecer o contato com diferentes materiais encontrados no jardim, tais como plantas, areia, pedras, água, gravetos, flores e terra.

A natureza nos oferece experiências singulares, pois podemos estar todos(as) no mesmo ambiente, espaço e no mesmo momento e teremos percepções, sensações e emoções diferentes, porque as coisas que nos encantam e que nos tocam são distintas, também porque a experiência está em cada um(a) de nós em particular.

Sobre a experiência, Larrosa (2002) alerta em relação ao empobrecimento da experiência humana. Esta é entendida como aquilo que nos toca, que nos deixa marcas, memórias, que nos atravessa, que nos transforma e dessa transformação saímos diferentes de como éramos antes. A informação, ou melhor, o excesso de informação é quase uma antiexperiência, porque passamos cada vez mais tempo nos informando e cada vez menos sentindo.

Nesse sentido, a natureza é rica em possibilidades, é espaço de convivência para descobertas. É também terreno fértil para as experiências vivas, sentidas, sensíveis, que nos transformam e nos deixam marcas, tamanho o encantamento que produzem, pois são viveiros de investigações, invenções, aprendizagens e manifestações de culturas. Não podemos colocar as crianças sentadas na sala de aula para explicar sobre as flores, o sol, o vento, a chuva, o fogo por meio de conceitos abstratos e negar ou castrar as vivências, as experiências, a curiosidade, a percepção, a emoção e a sensação, assim o conhecimento fica diante tão somente da racionalidade cartesiana e muito distante da poesia. Nas palavras de Pereira (2019,

p.54): “O brincar nasce do corpo, e o corpo é a natureza. A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo.”

Nessa perspectiva, segundo Buitoni (2006), para aprender a criança necessita explorar: correr, pular, pegar, alisar, apalpar para sentir as diferentes texturas, observar, cheirar, ouvir os sons, sentir os gostos dos alimentos, porque ela aprende com corpo e os sentidos; as experiências sensoriais antecedem a aprendizagem.

“É por isso que a Educação Infantil precisa estar diretamente conectada com os elementos da natureza: a água, a terra, o fogo, as plantas, os animais. A criança não processa informações abstratas, separadas da concretude do momento” (BUITONI, 2006, p. 263).

A natureza é lugar de contemplação do belo, do infinito, lugar de ócio, lugar que cria o inesperado, lugar de boas vivências e bons encontros; lugar de aprendizagens que alimentam a curiosidade das crianças. Por isso é local de boas experiências de corpo inteiro. É um lugar de se viver o real, longe do virtual da nossa sociedade contemporânea, tão tecnológica. A natureza fornece elementos para a brincadeira, pois na natureza tudo é um convite para a contemplação, para as interações e para aventura: o caminho das formigas, o movimento das nuvens, o balanço das folhas caindo, o som dos pássaros, o perfume das flores, as formas e texturas das folhas e pedras, aumentando os limites de descobertas através das experimentações, porque na natureza os espaços são mais amplos, diferentes das salas de aulas fechadas, as crianças enxergam mais longe, horizontes além.

A natureza surge como um universo de oportunidades para interagir, explorar e brincar com o mundo natural, pois oportuniza observar os pequenos animais que habitam esses lugares: tatuzinhos, minhocas, besouros, lagartas, borboletas, formigas. Dotados de cores, texturas, tamanhos e formatos diferentes, porém respirando o mesmo ar que nós, ensinando-nos diferentes ciclos da vida, o que indica que precisamos nos religar com a natureza. Ela oferece uma riqueza de possibilidades para as manifestações e produções de culturas infantis. Sendo assim, seria importante que seus elementos naturais fizessem parte dos contextos de aprendizagens, pois eles são objetos brincantes não estruturados, contrapondo a lógica mercadológica da nossa sociedade atual, marcada por produção e consumo, em que um brinquedo quebrado é descartado e substituído por outro, com novos formatos, novas funções e mais moderno. Para Brougère (2010, p. 19) “[...] o brinquedo se tornou uma indústria

de imagem, especialmente sob a pressão da televisão”, que, segundo o autor, é um dos meios de se dirigir diretamente à criança.

Em nossa sociedade tecnológica e digital, as crianças estão expostas às mensagens publicitárias em tempo integral e se convencem desde a mais tenra idade de que é preciso terem os brinquedos anunciados na televisão e demais mídias, e assim vão crescendo nesta sociedade consumista. Com isso, os meios de comunicação têm “[...] influência sobre a imagem do brinquedo e sobre seu uso e, é claro, estimula o consumo de alguns deles” (BROUGÈRE, 2010, p. 57).

Richard Louv (2016), pesquisador americano, em seu livro: “A última criança na natureza”, pontua que a natureza, tornou-se algo abstrato, algo a ser observado, consumido e ignorado para essa nova geração que tem seus sentidos eletrificados e restringidos, causando uma redução da riqueza das experiências humanas por falta de contato com ambientes naturais. Para o autor, precisamos dos nossos sentidos ativados para nos sentirmos plenamente vivos e a natureza nos oferece isso, ela ativa os nossos sentidos. As experiências vividas e sentidas precisam ser valorizadas.

Nesse livro, Louv (2016) cunhou o termo “Transtorno do Déficit de Natureza” para mostrar como o afastamento da criança em relação à natureza traz consequências negativas à saúde e bem estar de meninos e meninas e também da Terra. Segundo o autor, a criança precisa da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade, do mesmo modo que a natureza precisa da criança para que vivendo, sentindo e interagindo ela se reconheça parte da natureza e sendo parte ela nunca destrua aquilo que é parte dela mesma.

A infância é um período essencial para desenvolver o vínculo de respeito, cuidado, proteção e amor com a natureza, porque só cuidamos e conservamos aquilo que amamos. Assim, a criança precisa tornar-se íntima da natureza; as árvores, sementes, folhas, flores, gravetos, pinhas devem ser seus elementos de intimidade para respeitar todas as formas de vida. De acordo com Louv (2016, p. 290):

Diferentemente da televisão, o contato com a natureza não rouba o tempo, mas o amplia. Pois a vida moderna na nossa sociedade cada vez mais eletrônica e virtual afunila os sentidos da criança, restrito ao visual do tamanho da tela de um celular, vídeo game, computador ou televisão.

Para esse autor, as crianças não irão recordar do seu melhor dia de televisão, mas das suas vivências na natureza sim, pois ela inspira a criatividade, demandando a percepção e o uso dos sentidos, sugerindo liberdade e fantasia. Isso porque as

crianças vivem pelos sentidos e essas vivências conectam o mundo exterior à criança ao seu mundo interior, fortalecendo a autoconfiança e despertando sua consciência do mundo e tudo que o move, visível e invisível.

Segundo Louv (2016, p. 178):

“A paixão é pessoal, ela emerge da própria terra, pelas mãos cheias de lama dos jovens; ela viaja pelas roupas sujas de grama até o coração. [...] precisamos salvar uma espécie indicadora de perigo de extinção: a criança na natureza”.

O autor traz reflexões sobre o distanciamento das crianças e o mundo natural e como às experiências longe da natureza estão esvaziadas de sentido, porque a criança perde a habilidade de vivenciar o mundo diretamente: ver, tocar, cheirar e respeitar todas as formas de vida e descobrir a origem de tudo, pois em ambientes naturais há uma explosão dos sentidos das crianças, potencializa os estímulos e experiências sensoriais: os cheiros, os sons, as imagens, os sabores e as texturas, visto que as crianças gostam de se lambuzar e se misturar com aquilo que brincam.

Para o autor, telas e o mundo digital nunca trarão experiências como vento forte e suave soprando no rosto; banhos de chuva, aromas das flores, sabor de comer frutas maduras colhidas no pé, plantas e terra molhada; texturas diversas da areia, pedras, pinhas, gravetos e pétalas das flores, isso é aprender o mundo com os sentidos, vivendo, pegando, enxergando, cheirando, ouvindo, sentindo, saboreando, interagindo. Isso é aprender no mundo real e não no mundo digital.

As crianças nos mostram seu encantamento pela natureza e pelos seres vivos que habitam aquele ambiente ao expressarem interesse: na marcha das formigas, atenção para o canto ou barulho dos pássaros, atenção ao mundo natural quando as estações do ano passam e juntos mudam os cenários, as cores, o céu, a temperatura, o ar e como o reino de algumas criaturas surgem ou desaparecem. Louv (2016) alerta sobre a importância de reconectar a criança à natureza antes que a percamos para as televisões e outros eletrônicos sedentos com seus sentidos eletrificados. E ainda nos chama a atenção para a variedade dos elementos não estruturados da natureza, que são um convite à criação, transformação e ressignificação constante desses elementos através da criatividade e da imaginação infantil, pois como pontua Tiriba (2006, p. 8) “As brincadeiras de cavar, amontoar, criar, demolir são atividades tão desejadas que só a terra e a areia propiciam”.

Jon Cree (2013) é o idealizador e o representante do movimento das escolas da floresta no Reino Unido. Ele nos desafia a refletir se é possível aprender do lado

de fora (na natureza e ambientes abertos), elucidando como o contato com o mundo natural é benéfico para a criança que chega curiosa e ávida por explorar, descobrir e conhecer cada detalhe da natureza, nas diferentes estações, pois em cada época do ano oferece diferentes elementos: folhas, flores, frutos, sementes, leitura de céu, chão, árvores. As crianças observam o entorno, descobrem detalhes por explorarem incessantemente o mesmo local, pesquisam texturas para criar consistências para suas descobertas, experiências e criações sem limites.

Diversos estudos nos mostram que as crianças aprendem pela experiência e interações que realizam ao brincar e que assim ampliam sua capacidade corporal, experimentando diferentes sensações, surgindo a natureza como mola propulsora para essas experiências. Estas envolvem o corpo, os sentidos e as percepções, de forma que essas brincadeiras, interações e experiências na natureza são algo do vivido, de uma construção de significados e ressignificados; é construir conhecimento brincando.

Assim, a função social das instituições educacionais não pode ser de ensinar uma visão do planeta como fonte inesgotável e da natureza apenas como matéria prima morta para a produção de mercadoria, desenvolvendo nas crianças o sentimento de si como uma espécie superior às demais, percebendo-se apartada da natureza. Nas palavras de Tiriba (2010, p. 62) “[...] a função da escola vem sendo a de ensinar às novas gerações a lógica sob a qual o sistema capitalista urbano industrial patriarcal vem sendo estruturado”.

É incontestável a importância do brincar para o desenvolvimento pleno, integral e sensível da criança, para suas aprendizagens e para a leitura que fazem do mundo. Isso porque o brincar está no cerne da infância e, enquanto brincam, meninos e meninas não estão apenas compartilhando os elementos não estruturados da natureza, brinquedos industrializados, objetos, cenários e enredos, mas estão também apropriando-se do mundo oferecido a eles(as) e produzindo criativamente suas próprias culturas, através dessas interações e relações com todos os objetos brincantes e entre os pares (crianças e adultos(as) no contexto em que estão inseridos(as). É sua forma singular de viver, sentir e produzir cultura. Brincar na e com a natureza, com toda a vasta diversidade de texturas, temperaturas, movimento, cores, formas não simétricas, tamanhos, aromas, sabores possibilita às crianças ricas experiências e nos afasta do perigo de extinção da “criança na natureza”.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. Com essa definição assim tão ampla, podemos dizer que estamos sempre pesquisando em nossa vida de todo dia, toda vez que buscamos alguma informação ou nos debruçamos na solução de algum problema, colhendo para isso os elementos que consideramos importantes para esclarecer nossas dúvidas, aumentar nosso conhecimento, ou fazer uma escolha. (GATTI, 2002, p. 9)

Nesta seção discorreremos sobre o desenvolvimento do processo de pesquisa, ressaltando a opção metodológica por uma abordagem qualitativa, (estudo de caso), os procedimentos para a coleta de dados e a apresentação do campo e dos sujeitos da pesquisa.

4.1 A opção metodológica: o estudo de caso

O objetivo desta pesquisa é compreender como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul. Para tanto, tem os seguintes objetivos específicos: i) identificar e analisar as possibilidades e desafios de desconsiderar as paredes de cimento das salas convencionais da creche, tendo os espaços externos aliados à natureza como ambientes brincantes; ii) Identificar quais as compreensões das professoras e gestoras acerca do brincar na e com a natureza; iii) Verificar as compreensões das professoras e gestoras sobre o “desemparedamento da infância” na creche.

Em face aos objetivos expostos, optamos pela pesquisa qualitativa, uma vez que esta tem o caráter descritivo e a finalidade de explicar uma situação. As necessidades emergentes desse tipo de pesquisa presumem a inserção do(a) pesquisador(a) no contexto e nas circunstâncias presentes em que acontecem o problema, assim, o(a) pesquisador(a) é indispensável no processo de conhecimento, pois precisa compreender o fenômeno e interpretar seus valores atribuindo a ele um novo significado.

Segundo Chizzotti (2010), nessa abordagem o(a) pesquisador(a) deve manter uma relação íntima com o objeto pesquisado para apreender, observar e analisar as interações entre os sujeitos e suas manifestações. Assim, o foco está na percepção de crenças, valores e significados e no esclarecimento da dinâmica das relações entre

os sujeitos envolvidos em uma mesma realidade que não pode ser quantificada, apenas descrita. Em seus estudos, o autor observa que:

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. (CHIZZOTTI, 2010, p. 82)

Assim, a opção pela pesquisa qualitativa para investigar como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” na creche pressupõe que a pesquisadora participe deste contexto em interação com os sujeitos (professoras e gestoras), para acompanhar o universo de emoções, percepções, sensações e sentimentos. E que, de tal forma, possa analisar, refletir, interpretar para ter uma compreensão mais elaborada do fenômeno. Isso porque ao nos relacionarmos com a realidade observada e sentida, construímos outras compreensões.

Bogdan e Biklen (1994, p. 51) destacam que:

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências e ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os receptivos sujeitos, dado estes a serem abordados por aqueles de forma neutra.

Compreenda-se “forma neutra” como a premissa de que os(as) investigadores(as) devem esforçar-se intelectualmente por abolir qualquer tipo de preconceitos e evitar qualquer hipótese previamente formulada sobre as ações, emoções e comportamentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O método da pesquisa será um estudo de caso, que tem como objetivo compreender como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” em uma creche. O foco do estudo de caso é investigar um fenômeno contemporâneo em profundidade, em vez de um fenômeno histórico (YIN, 2015). Trata-se, portanto, como define Gil (2002), de uma investigação exclusiva que requer uma análise profunda e exaustiva de um ou poucos objetos, a fim de que permita um amplo e detalhado conhecimento, entendendo seu contexto e suas diferentes dimensões.

Nesta investigação, o caso será uma creche da Rede Municipal de São Caetano do Sul. Um fator importante pela decisão da metodologia ser um estudo de caso está relacionado ao fato da professora-pesquisadora e as demais professoras terem algumas iniciativas em realizarem os contextos de aprendizagem em meio à natureza nos espaços externos da creche, em que as crianças vivem, interagem,

investigam, brincam e constroem seus conhecimentos, produzindo suas culturas através das experiências em meio aos ambientes e elementos naturais.

Yin (2015) destaca que a escolha pelo estudo de caso advém da pergunta de pesquisa buscar explicar alguma circunstância presente, o “como” e o “porque” em algum fenômeno social ou quando as questões demandarem uma descrição extensa e profunda desse fenômeno. Nesse sentido, esta pesquisa tem como pergunta orientadora: como vem ocorrendo o “desemparedamento da infância” em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul?

Para a coleta de dados, os procedimentos metodológicos utilizados foram: a análise do Projeto Político Pedagógico da creche e do Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul, a Documentação Pedagógica da professora-pesquisadora e as entrevistas com as cinco professoras e duas gestoras da creche. A escolha pelo uso de múltiplas fontes de evidência permite, como assevera Yin (2015, p. 124), “[...] que o pesquisador aborde uma variação maior de aspectos históricos e comportamentais”, e, sobretudo, “[...] o desenvolvimento de *linhas convergentes de investigação*” (p. 124, grifos do autor). Com isso, a triangulação dos dados das diferentes fontes possibilita um olhar mais acurado para o fenômeno investigado.

4.1.1. Entrevistas

A entrevista é um instrumento importante de coleta de dados que, quando criteriosamente planejado e executado, possibilita valiosas contribuições para as investigações científicas, pois viabiliza a interação e o diálogo entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Segundo Ludke e André (1986, p. 39) “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.”

Para a execução das entrevistas foi adotado nesta pesquisa o modelo semiestruturado, “[...] que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça necessárias adaptações.” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 40).

Esse tipo de entrevista mostrou-se mais adequada por ser um instrumento mais flexível, assemelhando-se a uma conversa entre a entrevistadora e as entrevistadas,

permitindo a estas se expressarem livremente, demonstrando suas opiniões e compreensões sobre a temática da pesquisa em um clima de confiança. Além disso, tal entrevista:

[...] permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção de informações desejadas; nesse formato de entrevista, as perguntas são mais abertas e com maior possibilidade de aprofundamento da resposta, que vai surgindo naturalmente no decorrer da conversa. (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 34)

Para a realização das entrevistas, após a submissão e aprovação do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (Apêndice A), as professoras e gestoras da creche foram convidadas pessoalmente pela professora-pesquisadora a participarem. Todas aceitaram o convite.

Antes de iniciar as entrevistas, foi realizado um encontro com as professoras e gestoras, remotamente, através do aplicativo *google meet*, em que foi apresentada a pesquisa e seus objetivos, bem como realizada a leitura e esclarecimentos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B). Explicou-se a finalidade das entrevistas e que as participantes tinham direito, sem nenhum prejuízo, a sair da pesquisa durante qualquer momento da sua realização. Solicitou-se, ainda, autorização para gravação das entrevistas, de modo a garantir maior fidedignidade na transcrição das falas para posterior análise dos dados. Após esse encontro, as entrevistas foram agendadas para a última semana de Outubro.

Com o objetivo de investigar como vem sendo construído o desemparedamento da infância na creche foi elaborado um roteiro (Apêndice C) com 16 questões que nortearam as entrevistas. Neste caminho, Ludke e André (1986) orientam o uso de um roteiro que guie a entrevista a partir de tópicos principais a serem cobertos, propondo que sua organização garanta uma ordem lógica para que haja uma sequência entre os assuntos, partindo do mais simples para o mais complexo.

O roteiro foi organizado em quatro agrupamentos: o primeiro agrupamento “Concepções de criança e infância”, com quatro perguntas cujo o intuito foi de compreender as percepções das entrevistadas acerca da concepção de infância e criança; já o segundo agrupamento “A importância do brincar na creche” contou com quatro perguntas com o objetivo de entender os espaços e tempos destinado ao brincar na creche e se há o reconhecimento de sua importância na formação da criança. O terceiro agrupamento “As interações e o brincar na e com a natureza” teve três perguntas a fim de desvendar as percepções das entrevistadas acerca da

importância do uso e exploração dos espaços para além das salas de referências, bem como suas compreensões sobre a relação da criança com e na natureza e o último agrupamento “Desemparedamento da infância”, com cinco perguntas, objetivou conhecer as percepções das entrevistadas acerca do que entendem tratar-se o termo supracitado.

Para este último agrupamento foram utilizadas seis fotos dos anos anteriores das crianças em interações e brincadeiras nos espaços externos como disparadores para as perguntas. A intenção, ao mostrar as fotografias para as professoras e gestoras, foi de que elas pudessem discorrer sobre o processo de desemparedamento que vem ocorrendo na instituição, pontuando os limites e os desafios deste processo.

As entrevistas foram realizadas e gravadas virtualmente/online na plataforma *google meet*, com duração de aproximadamente uma hora. O clima foi descontraído e amigável. No decorrer das entrevistas e em alguns momentos pontuais as professoras comentavam sobre assuntos do cotidiano e não referentes às questões propriamente ditas da entrevista, o que obrigava a pesquisadora a retomar amigavelmente e seguir a ordem do que havia previsto no roteiro. Houve também momentos em que as respostas eram muito breves e seguidas de pausa, em que era preciso questionar se havia mais algo a acrescentar sobre o tema, buscando mais aprofundamento na questão abordada.

Durante as entrevistas e logo após a realização de cada uma foram feitos registros, por meio de anotações, pela professora-pesquisadora frente às respostas das entrevistadas, pois como orientam Ludke e André (1986, p. 44) “É indispensável que o entrevistador disponha de tempo, logo depois de finda a entrevista, para preencher os claros deixados nas anotações, enquanto a memória está quente”.

Todas as entrevistas foram transcritas (Apêndice D). Para o momento de transcrição e análise, de modo a não perder detalhes importantes e maior acuidade, foi preciso ouvir as gravações várias vezes. Neste sentido, foi necessário, “[...] escutar e reescutar pequenos trechos gravados para poder transcrever, fielmente, o que foi dito. A transcrição pode ser entendida como uma das várias fases da entrevista” (MANZINI, 2010, p. 15).

4.1.2. Análise dos documentos da creche

Para Gil (2002), a pesquisa documental apresenta muitas vantagens por ser uma rica fonte de dados e estável, no sentido de poder ser consultada várias vezes, o que possibilita uma leitura aprofundada e sistêmica. Nesse caminho, Ludke e André (1986) corroboram que a análise documental se constitui em uma técnica importante na pesquisa qualitativa, por complementar informações obtidas por meio de outras técnicas de coletas de dados. No caso desta pesquisa, contando com as entrevistas e a documentação da professora-pesquisadora, além de poder desvelar aspectos importantes de um tema ou problema.

O objetivo principal desta técnica é possibilitar uma análise investigativa e profunda dos dados. Uma de suas vantagens é que os documentos podem ser consultados várias vezes, o que dá mais credibilidade aos resultados obtidos. Nesse sentido, para essa pesquisa organizamos, catalogamos e analisamos os seguintes documentos que tratam da realidade do universo pesquisado:

- Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul (2020);
- Projeto Político Pedagógico do ano de 2019 e 2020 da creche.

O primeiro documento analisado foi o Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul, delimitando o segmento da Educação Infantil, com o intuito de compreender quais as concepções de infância e criança e qual a importância destinada ao brincar, uma vez que isso se torna um fator determinante para pensar o “desemparedamento da infância” na creche, pois desemparedar implica em reconhecer o potencial da criança e respeitar suas diferentes linguagens.

A análise do Plano Político Pedagógico do ano de 2020 objetivou conhecer qual o lugar que a criança, a infância, o brincar e as interações na e com a natureza ocupam neste documento e, conseqüentemente, nas orientações para o trabalho pedagógico com os bebês e crianças bem pequenas.

Esses documentos foram consultados e lidos diversas vezes para uma melhor compreensão dos dados obtidos e foram analisados a partir das seguintes categorias: concepção de criança e infância; a importância do brincar na creche; as interações e o brincar na e com a natureza; e o “desemparedamento da infância”.

4.1.3. Documentação pedagógica da professora-pesquisadora

A escolha dessa creche como campo de pesquisa deve-se também ao fato da pesquisadora atuar como professora há quatro anos em uma perspectiva de “desemparedamento da infância”, cujo trabalho parte da compreensão de que as crianças não precisam de sala de aula com paredes e teto para construir suas aprendizagens, pois aprendem nos diferentes espaços institucionais.

Reconhecendo a criança como sujeito de direito, ativa e investigativa, venho¹ há quatro anos reinventando ações e contextos de aprendizagem para as interações, experiências e explorações brincantes na e com a natureza, uma vez que as crianças com quem convivo diariamente declaram suas preferências pelos espaços naturais como cenário para suas vivências, descobertas e aprendizagens dentro da creche.

Assim, esta prática em que organizo contextos para as interações, o brincar e o aprender do lado de fora, visto ser a natureza um universo de possibilidades brincantes para as crianças, surge de minhas inquietações acerca dos alunos da creche passarem seus dias predominantemente em espaços fechados entre paredes, como salas de referência, refeitório, pátio, ateliê, brinquedoteca, sem acesso às janelas e ao mundo lá fora.

Infelizmente, o nosso modelo de escola caracteriza-se, na grande maioria, por rotinas rígidas em que os corpos devem ser disciplinados para que a criança aprenda melhor, o corpo a serviço da mente (TIRIBA, 2018) e o(a) professor(a) como o(a) dono(a) do saber, compreendendo a criança como um ser que deve ser “docilizado”. Rompendo com essa visão de criança como uma “tábula rasa” e reconhecendo-a como protagonista no seu processo de aprendizagem, uma vez que ela é potente, criativa e anseia por desvendar o mundo ao seu redor, se faz urgente “desemparedar a infância”.

Para realização desta prática, que tem como foco as interações e o brincar na e com a natureza, é estabelecido desde o começo de cada ano letivo uma parceria com as famílias, através de reuniões, ressaltando, a partir de embasamento teórico, a importância do contato da criança com a natureza e de se enxergar possibilidades além das salas de aula, uma vez que a creche oferece muitos bons espaços externos em meio à natureza.

¹Este item tomamos a liberdade de escrevê-lo na primeira pessoa do singular, visto tratar-se da própria docência da pesquisadora.

Atividades como banho de chuva, de mangueira, pular em poças de lama, brincar com terra, areia, barro, argila, sementes, pedras, folhas, flores, gravetos, pinhas e água são frequentes em minha rotina com as crianças, em que estas podem experimentar com os pés, mãos, dedos, braços, pernas, enfim o corpo inteiro, sentindo e tocando com os sentidos, a partir das nuances de cores, cheiros, texturas, sons e sabores que a natureza oferece. Nesta interação com a natureza, as crianças têm a oportunidade de reconhecer seu ambiente de pertencimento, vivendo nas delicadezas, sutilezas e asperezas dos toques, sem limites para explorar, investigar e descobrir o mundo ao seu redor.

Experiências com o fogo também são comuns, como a organização de fogueira com os gravetos caídos das árvores da creche, transformações dos alimentos com o calor do fogo como, por exemplo, o endurecimento do ovo cozido, o amolecimento do macarrão e da batata, dentre outros.

A utilização dos elementos da natureza como materiais educativos e recicláveis é frequente, contribuindo para a preservação do meio ambiente e evitando o consumismo. Assim, são realizadas pinturas com tintas de terra, frutas (abacate e amoras), urucum, açafrão e outras sementes e vegetais; confecção de pincel com gravetos e folhas; pinturas nas variadas folhas, pinhas, gravetos, pedras, sementes, pétalas de flores, cascas de árvores. Enfim, tudo que a natureza nos oferece gratuitamente. Para essas suas produções, as crianças têm disponíveis, para obter maior informações e exatidão às suas explorações e investigações lupas, binóculos e lanternas.

Momentos da rotina como histórias, músicas, almoço, piquenique, descanso embaixo de árvores ouvindo o som dos pássaros e na companhia de amigos(as) que também habitam o planeta Terra (formigas, joaninhas, minhocas, gafanhotos, borboletas e lagartas) constituem-se em bons motivos para levar as crianças para o lado de fora, na natureza, para que possam se expressar livremente através de suas diferentes linguagens.

Todo este trabalho tem sido por mim documentado através de fotografias e de registros escritos e serão tratados nesta investigação como mais uma fonte de evidência para a coleta de dados. Considerar a documentação pedagógica no contexto desta pesquisa é também romper com as paredes de cimentos das salas, abrindo as portas e janelas para compartilhar um pouco das experiências brincantes,

o encantamento e o itinerário de aprendizagem das crianças nas interações na e com a natureza da creche.

Documentar as experiências das crianças implica, por parte do(a) professor(a), em um olhar de respeito e empatia à criança e de interesse pelo seu fazer, seu modo de aprender, valorizando suas ações e produções no contexto em que ela está inserida. Desse modo, a construção da documentação pedagógica apresentada nesta investigação parte de minha observação no intuito de conhecer o interesse, as indagações, as curiosidades, as angústias e os saberes das crianças e, a partir dessa observação, registrar o que elas dizem e fazem no seu cotidiano, de modo a descobrir o que chama sua atenção, o que as encanta, o que as agrada e entender seus porquês.

Nesta perspectiva, a observação para os saberes e fazeres das crianças foi além do olhar superficial, vendo a situação com sensibilidade e interpretando possíveis significados do que se observava, o que “[...] implica atitudes e processos como atenção, percepção, memória, comparação, discernimento ou reflexão” (RIERA, 2019, p. 77).

Para Rinaldi (2017), documentar significa deixar rastros, vestígios criando documentos com diferentes formas de narrativas, incluindo fotografias, vídeos, gravações, tornando visíveis os processos de aprendizagem das crianças e as formas de construção de conhecimento.

Nesta linha de pensamento, Ostetto (2018, p. 30) pontua que:

Documentar é contar histórias, testemunhar narrativamente a cultura, as ideias, as diversas formas de pensar das crianças; é inventar tramas, poetizar os acontecimentos, dar sentido à existência, construir canais de ruptura com a linguagem ‘escolarizada’, tradicionalmente cinzenta, rígida, enquadrada, que tantas vezes silencia adultos e crianças. Documentação é autoria, é criação.

Acompanhar e documentar o cotidiano pedagógico a partir das interações e o brincar na e com a natureza é um meio de tornar visível o percurso de aprendizagem das crianças, revelando suas ações, atitudes, investigações e hipóteses sobre o mundo natural e seus diferentes ciclos, deixando rastros e criando uma história vivida e contada por elas, porque se valoriza o que é feito pela criança.

De acordo com Rinaldi (2017), a documentação pedagógica é um instrumento que permite visualizar os processos de aprendizagem das crianças e a forma como elas constroem seus conhecimentos. Assim, sustenta a ação educativa no diálogo entre a escuta, observação, reflexão, registro e interpretação. Nesse sentido, a

documentação pedagógica utilizada nesta pesquisa, além de apresentar uma narrativa das experiências com o mundo natural, propiciou o protagonismo infantil na sua ação educativa, uma vez que as crianças são compreendidas e respeitadas em suas investigações e descobertas.

Para análise da documentação pedagógica foram utilizadas as fotografias do trabalho realizado com as crianças em 2019, como ferramenta para comunicar as interações e o brincar na e com a natureza, pois através da fotografia estabelece-se um diálogo com o vivido. Ostetto (2018) pontua que a fotografia capta uma cena específica, num determinado tempo e espaço e, assim, eterniza um momento, retratando uma narrativa, uma memória, uma história:

Todavia, depois de realizada, a foto se abre a diferentes leituras da realidade capturada, possibilita múltiplas interpretações, de acordo, agora, com aquele que vê o conteúdo retratado. Não se limita aos olhos nem à perspectiva de quem fez a foto; permite a construção de outras histórias, tecidas pelo olhar e pela subjetividade de quem tiver contato com ela. (OSTETTO, 2018, p. 42)

Com o objetivo de buscar o potencial narrativo das fotografias, foi feita uma seleção das imagens, usando o seguinte critério:

- A imagem dialoga com o conteúdo abordado nas categorias de análises: “Concepção de criança e infância”; “A importância do brincar na creche”; “As interações e o brincar na e com a natureza” e “Desemparedamento da infância”

Neste processo de documentação, as fotografias dialogam com os registros escritos, uma vez que a escrita apoiada na observação atenta conta em detalhes as experiências brincantes e descobertas vivenciadas pelas crianças nas interações com e na natureza da creche em um tempo e espaço único.

Segundo Weffort (1996, p. 38, grifos da autora), a escrita:

[...] marca única, genuína [...] do autor emerge dessa busca de si mesmo contaminada do outro, na palavra. Dessa maneira, quando escrevemos, não buscamos somente respostas únicas, mas sim essencialmente PERGUNTAMOS. Permanente inquietação de ser vivo, que nos remete a nós mesmos e à essência de nossa existência.

Os registros escritos, portanto, organizam e articulam o pensamento em um constante processo de reflexão sobre a prática pedagógica, bem como possibilitam a tecitura da história do grupo. No caso desta pesquisa, permitiu um detalhamento de riqueza do que foi vivido, sentido, construído e narrado pelas crianças nas relações com e no ambiente ao ar livre, criando memórias do caminho percorrido em que os aromas, sons, cores, texturas, temperaturas, sabores lhes permitem uma conexão e identidade com o mundo natural do qual fazemos parte.

Neste sentido, registrar o vivido com e pelas crianças e suas experiências nas interações e no brincar na e com a natureza sustenta a ação educativa, alimentando o planejamento pedagógico com novos caminhos e práticas que ultrapassem as paredes das salas de referências visando construir o “desemparedamento da infância” na creche. Isso porque: “Mediados por nossos registros, armazenamos informações da realidade, do objeto de estudo, para poder refleti-lo, pensá-lo e assim, apreendê-lo, transformá-lo, construindo o conhecimento antes ignorado” (WEFFORT, 1996, p. 41).

Sendo assim, com uma escuta sensível, tornou-se possível reconhecer que as crianças declaram suas preferências pelos espaços externos e, acreditando em suas potências e capacidades, vê-las como protagonistas da construção de suas aprendizagens. Também foi possível organizar contextos em meio à natureza em que a observação e o registro (fotográficos e escritos) possibilitaram a compreensão de como as crianças constroem seus conhecimentos e produzem as culturas infantis neste contexto.

Essa prática que venho construindo e registrando através da documentação pedagógica tem sido compartilhada com as demais professoras nos momentos de formação, o que tem instigado outras docentes a algumas iniciativas nesta perspectiva do “desemparedamento da infância” nesta creche. Segundo Weffort (1996, p. 41), muitos são os tipos de registros e estes, quando socializados, historicizam a existência social dos sujeitos, tecendo “[...] o processo de apropriação de nossa história, a nível individual e coletivo”.

Todo este processo levou à necessidade de investigar como o “desemparedamento da infância” vem ocorrendo no coletivo da instituição, revelando seus desafios e possibilidades, no intuito de melhor qualificar este trabalho, pois os espaços ao ar livre são por excelência lugares de liberdade e alegria, onde as interações e o brincar acontecem de forma prazerosa e significativa.

Deste exercício de escutar, observar, interpretar e documentar nasceu a documentação pedagógica que iremos utilizar nesta investigação, aliada a outras fontes de evidência como o Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul, o Projeto Político Pedagógico da EMI Alfredo Rodrigues e as entrevistas com as docentes e gestoras para a compreensão de como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” na creche pesquisada.

4.2 Análise dos dados

A análise dos dados implica, como afirmam Ludke e André (1986), em “trabalhar” com todo o material recolhido durante a investigação. Para as autoras:

A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações num nível de abstração mais elevado. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.53)

Nesta linha de pensamento, para a análise dos dados desta pesquisa seguimos a orientação de Bardin (1977). A autora propõe três etapas distintas para a análise dos dados coletados. A primeira etapa é a pré-análise, que consiste na organização do conteúdo com uma leitura flutuante e geral para delimitar o que será utilizado. A segunda etapa é a descrição analítica, que consiste em organizar os conteúdos e agrupar por categorias, buscando síntese de ideias coincidentes e divergentes e a última etapa, que é a interpretação referencial, coliga-se à fase final desse processo de análise.

Assim, após a coleta dos dados, fizemos uma leitura flutuante de todo o material, delimitando o que seria utilizado. Na sequência, novas leituras e releituras a fim de detectar temas e temáticas mais frequentes, organizando-os nas categorias a fim de identificar padrões e tendências, as “linhas convergentes da investigação” (YIN, 2015) para a posterior triangulação dos dados e sua interpretação.

As categorias foram delimitadas a partir do referencial teórico desta investigação e confirmadas e definidas após as etapas da “pré-análise” e da “descrição analítica”. De acordo com Bardin (1977, p.111), a categorização é:

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguida por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos [...] as categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns.

Nesse sentido, a categorização é o processo de classificação dos dados obtidos a partir dos critérios levantados. Nesta pesquisa foram estabelecidas quatro categorias. São elas:

- **“Concepção de criança e infância”**: buscou identificar e compreender as percepções das professoras e gestoras da creche acerca das suas concepções de criança e infância;

- “*A importância do brincar na creche*”: verificar qual a concepção de brincar das entrevistadas e a importância dada aos tempos e espaços para as brincadeiras na creche;
- “*As interações e o brincar na e com a natureza*”: identificar as compreensões das entrevistadas sobre a importância dos espaços externos em meio à natureza para as interações e o brincar na creche; e se suas ações e intencionalidades pedagógicas valorizam e promovem oportunidades de aproximação das crianças com a natureza, construindo assim o “desemparedamento da infância” na instituição.
- “*Desemparedamento da infância*”: entender a compreensão das entrevistadas sobre o conceito “desemparedamento da infância” e sua importância na creche.

Após a categorização, fez-se necessário examinar minuciosamente o material delimitado de cada categoria, aprofundando a compreensão de cada uma, refletindo sobre o que era relevante e significativo de fato para a pesquisa, e, com isso, observando o que necessitava ser melhor explorado e enfatizado, de modo a atender aos objetivos da pesquisa. Cabe pontuar que “Essas escolhas são feitas a partir de um confronto entre os princípios teóricos de estudo e o que vai sendo ‘aprendido’ durante a pesquisa” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.53).

Desta forma foi possível analisar os dados levantados a partir dos documentos oficiais, da documentação pedagógica da professora-pesquisadora e das entrevistas, dialogando com o referencial teórico que embasa esta pesquisa, o que será apresentado na seção 5 deste trabalho.

4.3 O campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma EMI – Escola Municipal Integrada no Município de São Caetano do Sul, localizado na Região do Grande ABC Paulista, que compõe a Região Metropolitana do Estado de São Paulo.

De acordo com o último Censo do IBGE, realizado em 2010, foi aferido que o município tem uma população de 149.263 habitantes, porém a estimativa de população em 2018 era de 160.275. São Caetano conta com quarenta e três instituições de atendimento à Educação Infantil, sendo dezesseis Escolas Municipais Integradas (EMIs), que oferecem Educação Infantil em período integral; vinte e quatro Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), que atendem meio período, sendo

que algumas também atendem período integral, e três creches conveniadas. Segundo informações fornecidas pela Secretaria de Educação de São Caetano do Sul, as crianças matriculadas na Educação Infantil desse município totalizavam, no ano de 2020, 6.296 alunos (as).

A EMI Alfredo Rodrigues, em que foi realizada a investigação, está situada em um bairro considerado nobre, de classe média alta. O bairro Jardim São Caetano é estritamente residencial, porém a instituição recebe crianças de vários outros bairros e de diversas classes sociais, com o predomínio da classe média.

No Jardim São Caetano, devido a uma lei urbana específica, não é possível a instalação de pontos comerciais e de indústrias. O bairro conta com alguns prestadores de serviço como a Associação Amigos do Bairro (SAB City), que dispõe de vigilância preventiva motorizada, imobiliárias, salões de beleza, dentistas, etc. O bairro ainda conta com a Igreja Paróquia Santo Antônio, a Igreja Evangélica Congregação Cristã do Brasil, a Escola Municipal de Educação Infantil Irineu da Silva, a Escola Técnica Estadual (ETE) Jorge Street e a Faculdade de Tecnologia (FATEC) Antônio Russo.

A EMI atende 78 crianças e conta com seis professoras, uma diretora, uma Professora Auxiliar de Direção - Proaudi², uma auxiliar administrativa, uma professora de inclusão escolar, duas lactaristas, duas merendeiras e um merendeiro, quatro serventes e dezoito auxiliares de primeira infância.

É uma instituição pequena, com apenas 6 salas. Dentro de cada sala há banheiros adaptados para as crianças e trocadores; uma sala de professores(as); uma secretaria dividida com a diretoria, um lactário, um pátio que fica no centro da unidade e todas as portas das salas estão voltadas para ele. Conta também com um almoxarifado, lavanderia, 3 banheiros para funcionários(as), uma cozinha grande com a despensa onde se prepara as refeições das crianças e embutido na cozinha há o refeitório com quatro mesas retangulares e bancos. No espaço externo há um solário com tela de proteção com cavalinhos e escorregadores para os bebês, um parque com brinquedos de plásticos e uma sala *maker* com contextos organizados pelos educadores(as) para experiências diversas, com tintas, papeis, modelagens, elementos não estruturados, blocos de construção para exploração e criação livre.

²Esta função é o equivalente à coordenação pedagógica.

A EMI é privilegiada, ladeada por natureza, há árvores, flores, plantas, formigas, minhocas, joaninhas, lagartas e borboletas que crescem e se modificam constantemente ao som dos pássaros, dos aromas das plantas, do colorido magistral da natureza em suas formas infinitas e das sensações variadas de temperaturas com a intensidade do sol, o sopro do vento e a chuva.

4.4 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são a própria professora-pesquisadora, as demais docentes (5 professoras) e as duas gestoras que atuam na creche (diretora e Proaudi), que foram convidadas a participar deste estudo.

Para preservar as identidades das entrevistadas seus nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios: Esmeralda, Safira, Jade, Rubi, Pérola, Ágata e Cristal.

Quadro 3- Perfil das profissionais entrevistadas

Nome	Função	Idade	Tempo de atuação na Educação	Tempo de serviço na P.M.S.C.S.	Tempo de atuação na creche	Formação
Esmeralda	Diretora	53 anos	34 anos	34 anos	1 ano	Pedagogia
Safira	Proaudi	52 anos	33 anos	33 anos	1 ano	Pedagogia
Jade	Professora	46 anos	18 anos	13 anos	4 anos	Pedagogia e Artes Visuais
Rubi	Professora	42 anos	15 anos	6 anos	3 anos	Pedagogia
Pérola	Professora	36 anos	6 anos	2 anos	2 anos	Pedagogia e Letras
Ágata	Professora	32 anos	7 anos	5 anos	2 anos	Pedagogia
Cristal	Professora	27 anos	3 anos	3 anos	2 anos	Pedagogia

Elaborado pela pesquisadora

Na próxima seção deste trabalho será apresentada a coleta dos dados juntamente com a análise, discussão e interpretação dos resultados à luz do referencial teórico utilizado no decorrer da pesquisa.

5. “ACHADOUROS DE INFÂNCIA” NO QUINTAL BRINCANTE DA CRECHE

[...]

Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias.
 Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal,
 lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira.
 Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro,
 lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa.
 Sou hoje um caçador de achadouros de infância.
 Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal
 vestígios dos meninos que fomos.
[...]

(Manoel de Barros, 2003)

Como nos inspira Manoel de Barros (2003), enxada às costas saímos nesta pesquisa a procurar, com olhos de descobrir, as crianças nas interações e no brincar livre e espontâneo no quintal de terra no dia a dia da creche. Como caçadoras percorremos, através dos documentos oficiais, da documentação pedagógica da professora-pesquisadora e dos depoimentos de docentes e gestoras da creche, trilhas que nos levassem à compreensão de como o “desemparedamento da infância” vem sendo construído na EMI Alfredo Rodrigues.

Nesta seção, em diálogo com o referencial teórico desta pesquisa, apresentamos esses “achadouros”: os dados coletados e sua análise. Cabe pontuar que, de acordo com Gil (2002, p. 178), a análise tem como objetivo organizar e sumarizar a coleta dos dados, possibilitando o fornecimento de respostas ao problema da pesquisa. Nesse processo, o objetivo da interpretação é o de procurar sentido mais amplo para os dados coletados, ou seja, “Para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido”.

Nesta pesquisa a análise foi realizada a partir da organização de quatro categorias: 1) Concepção de criança e infância; 2) A importância do brincar na creche; 3) As interações e o brincar na e com a natureza; e 4) Desemparedamento da infância.

5.1 A criança como sujeito de direitos

Tiriba (2018) cunhou o termo “emparedar” para expressar a condição de emparedamento que as crianças estão vivenciando dentro das instituições

educacionais, em espaços na grande maioria fechados, sem acesso às janelas e com pouco ou nenhum tempo para interagir e brincar na e com a natureza, entendendo que somente no interior da sala de aula, entre paredes, há aprendizagem.

Na contraposição ao emparedamento, a autora propõe o “desemparedamento da infância” (TIRIBA, 2018), o que implica em uma concepção de criança e de infância marcada pelo reconhecimento de sua autonomia e valorização em seu protagonismo, uma vez que é compreendida como um sujeito de direitos e ativo no seu processo de socialização. Uma criança, como defende Rinaldi (2017, p. 305), forte, poderosa, potente “[...] competente para criar relações, para se comunicar, para viver. Cada criança é um ‘poder ser’ de humanidade, é uma possibilidade, o começo de uma esperança”.

Compreender que a criança é potente, exploradora, investigativa e que interage, experimenta, elabora hipóteses e interpreta o mundo desde o seu nascimento implica em escutá-la em suas diferentes linguagens. E tal se configura em desafio em uma sociedade que quase sempre quer enquadrá-la, discipliná-la, silenciá-la, pois se acredita que esta aprende melhor com o corpo parado e a mente atenta. Assim, não se valorizam as suas curiosidades, espontaneidade e interesses; ao contrário, propõem-se organizações rígidas e atividades em espaços fechados como as salas de aulas.

Desta maneira, Tiriba (2018, p.59) pontua que a nossa concepção de educação se configura como um lugar que limita o corpo, pois está voltada para processos de transmissão de conhecimento via razão, por isso a pouca importância ao brincar e às vontades do corpo; pretende-se uma criança passiva e servil. O corpo “[...] emparedado, quieto, colocado a serviço da mente”.

Nesta perspectiva, temos que acolher as vontades e desejos das crianças em se movimentarem livremente nos ambientes da creche, pensando em espaços para além das áreas fechadas, o que implica em “[...] dizer sim às vontades do corpo” (TIRIBA, 2018, p.44).

Deste modo, reconhecer o poder e o potencial das crianças dentro da creche em suas interações e brincadeiras na e com a natureza é fundamental para não roubarmos delas as habilidades e criatividade, limitando suas linguagens e despotencializando as vontades do corpo em razão da mente.

Em face a esta compreensão de criança que embasa a proposição do “desemparedamento da infância” fez-se necessário conhecer as concepções presentes nos documentos que orientam o trabalho da creche, bem como as percepções das professoras e gestoras.

O primeiro documento analisado foi o Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul (2020a) que, embasado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), reafirma a concepção de criança definida nestas diretrizes:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Neste sentido, a criança é reconhecida, segundo o currículo do município, como:

[...] um ser social e histórico que ocupa uma forma única de interpretar o mundo. A atuação da criança no mundo acontece por meio de suas escolhas, interesses e experiências. Ela aprende e vai, aos poucos, construindo sua identidade. Assim, aprender torna-se uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente dela, mas que envolve o outro. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 88)

Verifica-se, portanto, a compreensão da criança como um sujeito social e também singular, que atua no meio em que vive. Esta compreensão é reafirmada em outros trechos do referido documento, em que ela é apresentada como um “[...] sujeito singular, único, que possui desejos, ativo na construção do seu desenvolvimento e de suas aprendizagens, se relaciona e convive com os outros (crianças e adultos)” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p.88). E, ainda, a “[...] criança potente, capaz de interpretar o mundo, que constrói sentido e produz cultura no contexto em que ela está inserida” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 89). Nesse horizonte:

Compreende que essa criança pensa, elabora, constrói conhecimentos a partir dos estímulos oferecidos. É considerada em sua totalidade, como sujeito competente, com direito a participar do processo de escolhas e a ser ouvida e compreendida em suas diversas expressões verbais e não verbais. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 89)

O entendimento dessa criança potente também é observado no Projeto Político Pedagógico da creche investigada, que a reconhece como um “[...] sujeito de direitos, com competência para participação em todas as situações da sua vida inclusive dentro do ambiente escolar”. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 5).

Esse documento revela a compreensão da criança como um ser capaz, criador, participativo, que constrói sua identidade à medida que se relaciona com outras pessoas, com o mundo que a cerca e no contexto em que ela está inserida. Isso porque a reconhece como: “[...] sujeito singular, potente que possui desejos, opiniões e interesses próprios, que interage, se relaciona e convive com diferentes pessoas (crianças e adultos) e nos diferentes espaços no seu dia a dia na creche”. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p.10). Esse reconhecimento da criança como “[...] sujeito de direito, social e cultural evidencia o protagonismo infantil, ressaltando a importância da participação das crianças nas decisões dentro da creche”. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 6).

Verifica-se nos dois documentos que orientam o trabalho pedagógico da creche a criança reconhecida como um sujeito sócio-histórico e cultural, que tem sua forma peculiar de ser, pensar e estar no mundo e que não só assimila a cultura do mundo adulto, mas também se apropria criativamente dessa cultura, dando um novo significado. Isso é evidenciado ao observarmos o cotidiano da creche suas interações e produções culturais. Nele, como se verifica no relato da professora-pesquisadora e na Figura 1, meninos e meninas expressam sua forma singular de ser e estar no mundo, em que não só assimilam e imitam a cultura do mundo adulto, mas também se apropriam criativamente desta cultura dando-lhe novos significados, construindo sentido a partir das interações que estabelecem com o mundo que a cerca.

Neste contexto brincante em meio à natureza, havia diferentes elementos naturais dispostos para as interações, investigações e experiências brincantes. E., na companhia de suas colegas H. e R. decidiu brincar com as cascas de cocos e colher de pau. Ela colocou água e um pouco de terra dentro, misturou bem e acrescentou mais terra, mexendo novamente. Observando que ficou difícil e pesado para mexer por conta da terra, pegou a lama líquida que estava no chão, pois a água havia acabado e foi acrescentando até amolecer sua mistura, ficando na consistência que ela queria. Dessa forma demonstrando envolvimento e prazer em suas ações, ela conseguiu vivenciar, através da brincadeira com a natureza, conceitos de cheio e vazio, muito e pouco, duro e mole. **Percebe-se que as interações e o brincar nos espaços externos em meio à natureza permitem à criança possibilidades de aprender também com a própria natureza, sobre as diferentes temperaturas do dia, sobre a direção do vento, a posição do sol, as diferentes cores do céu durante o dia e a noite, o que não seria possível se ela estivesse entre teto e paredes**” (Registro da professora-pesquisadora, 13/03/2019, grifos da pesquisadora).

Figura 1. Comidinha com lama



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Corsaro (2011, p.15) assevera que: “[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”.

Os depoimentos das professoras e gestoras nas entrevistas também revelam o reconhecimento da criança como um sujeito de direito, social e cultural, um ser potente e atuante em seu processo de interação e socialização. Conforme se verifica em seus relatos:

Jade: *Infância é a fase das curiosidades sem fim, de descobertas; a criança é aquela que cava buracos na terra, procura tesouros atrás das árvores da creche, enfim, aquela que procura segredos, que procura desvendar o mundo.*

Cristal: *Criança é aquela que chega com toda aquela potência de agir, aquela potência de vida, tamanha a intensidade de vida pulsando e a infância é a fase das experiências do tempo presente e não fase de preparação para a vida adulta.*

Pérola: *A criança, durante sua infância, vive a fase das experiências, porque para criança o único tempo que existe é o agora, não existe depois. Tudo é vivido intensamente como se não houvesse o amanhã e a infância é a fase das curiosidades, espontaneidade, explorações e descobertas.*

Ágata: *A criança é aquela que tem sede, pressa de descortinar o mundo, pressa de viver o mundo e descobrir como este e todas as coisas funcionam.*

Esmeralda: *A infância é a fase das explorações, curiosidades e descobertas, pois as crianças são curiosas, investigativas, criativas, espontâneas e competentes para aprender e se socializar, porque elas exploram tudo ao seu redor.*

Safira: *As crianças são sujeitos de direitos, sociais e culturais, portanto merecem respeito, carinho, amor e acolhimento. Precisamos quebrar cada vez mais essa concepção de infância em que a criança é vista como alguém que não sabe nada, que temos que educar, ensinar, disciplinar e a infância é a fase das descobertas, das brincadeiras, da curiosidade.*

Rubi: *A infância não é preparação para nada, a infância é vida acontecendo no presente, é vida agora. A criança vive e se expressa no tempo presente, descobrindo o mundo com os olhos, as mãos, a boca, a imaginação.*

Os relatos das professoras e gestoras sobre a infância e a criança rompem com a ideia ou visão de criança como um vir a ser, uma tábula rasa, alguém que precisa ensinar, educar e preparar para o amanhã, para a vida adulta. Assim, observamos nos depoimentos de todas as entrevistadas que a infância se caracteriza como uma fase marcada pelas experiências, explorações, curiosidades e descobertas; pelo tempo presente, o agora, sendo o tempo presente o único que existe para a criança, que procura conhecer e descobrir o mundo constantemente. Neste sentido, “Essa procura pela vida e pelo eu, nasce com a criança, e é por isso que falamos de uma criança competente, forte e engajada nessa busca em direção à vida, em direção aos outros, em direção às relações entre o eu e a vida”. (RINALDI, 2017, p.122).

Pautada nesta visão de criança competente, ativa, que busca o sentido da vida, protagonista de suas experiências e aprendizagens, é necessário reconhecê-la, como relata Safira, como ator social, cultural e de direitos. Um ator social pleno de direito e com capacidade desde bem pequena de ler, interpretar e dizer o mundo a partir de suas múltiplas linguagens (SILVA, 2017) e de apropriar-se da cultura que a cerca, produzindo sentido e ressignificando as ações apreendidas na relação com o outro e com o mundo.

Em face a esta compreensão, Corsaro (2011) pontua que a criança, mesmo que pequena, apropria-se do mundo adulto e produz sua própria cultura nas relações de pares:

Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações de seu mundo. Dessa forma, contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta. (p.53)

A infância é destacada pelas entrevistadas como a fase do tempo presente, do agora, porque para a criança o único tempo que existe é o agora. Cabe ressaltar que a criança vive o tempo marcado pela duração do seu interesse “*Aion*”, não um tempo cronológico “*Chrónos*”, o tempo que segue os ponteiros do relógio; a criança vive o tempo da “[...] intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva [...]” (KOHAN, 2004, p. 54).

No discurso das entrevistadas, a infância não se caracteriza como um tempo de preparo, mas um tempo de experiência, como destacado do depoimento de Jade, cuja criança é aquela que cava buracos na terra e procura tesouros escondidos, aquela que procura segredos, aquela que quer desvendar o mundo que a cerca. Assim, essa definição de infância como a fase das curiosidades sem fim em que se procura segredos anuncia a criança desordeira de Benjamin (2013), “caçadora”, aquela que procura sua presa incansavelmente para explorá-la, desenfeitá-la, esmiuçá-la e conhecer seus segredos. Neste sentido, verifica-se no relato da professora-pesquisadora e na Figura 2 a criança exímia caçadora que é, em busca da sua presa para desvendar seus segredos e mistérios.

Com o convite de passear livremente pelo parque da creche procurando tesouros da natureza, disponibilizamos lupas, binóculos e lanternas para as explorações e investigações. H. elegeu a lupa como sua ferramenta para suas novas descobertas. Ela caminhou lentamente e sem pressa, observando tudo ao seu redor, parando vez ou outra e agachando para examinar melhor o que lhe chamava a atenção, examinou as folhas dos dois lados, flores, pedras, os gravetos, algumas sementes, mas o que mais a encantou foram as formigas que passeavam sem parar no meio da terra. Ela ficou ali um bom tempo observando o ir e vir das formigas e às vezes colocava o dedo para ver a formiga desviar o caminho. **Acredito que os outros elementos que ela encontrou no caminho, como eram natureza morta, ela examinou e descartou. Já com as formigas sentiu a interação e a conexão com esses seres pequeninos que fazem parte desta grande teia que é a vida, portanto, ela pode perceber que na creche convivemos com diferentes formas de vida.** (Registro da professora-pesquisadora, 25/04/2019, grifos da pesquisadora)

Figura 2. Desvendando a natureza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

5.2 O direito de brincar na creche

O brincar é um direito das crianças que deve ser assegurado na creche. Trata-se da atividade central na vida delas, sua linguagem de expressão livre e espontânea; a forma pela qual leem e dizem o mundo (SILVA, 2017). Daí as brincadeiras e as interações serem definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010) como eixos norteadores para toda e qualquer atividade na Educação Infantil. Esses eixos são reafirmados na Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2017) no segmento da Educação Infantil, entendendo que a criança constrói suas aprendizagens interagindo, explorando e brincando com o mundo ao seu redor.

Embora reconheçamos as críticas recorrentes à BNCC, observamos que esse é um documento em que as instituições de ensino se respaldam sobre a importância do brincar na Educação Infantil, pois ele defende o brincar como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, discorrendo sobre a importância dos tempos, espaços, formas e parceiros(as) como potencializadores de aprendizagens, momento de socialização, apropriação e ressignificação de cultura.

Diante desta compreensão sobre o brincar, o Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul pontua: “As crianças precisam brincar para serem felizes. Se

fosse só essa a única resposta, já se justificaria o brincar” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p.100). Neste sentido, Kishimoto (2010) explica que o brincar está associado à sensação de prazer por conta da ludicidade que permeia essa ação espontânea da criança.

O referido documento informa ainda que o brincar “[...] é uma linguagem da criança permeada por subjetividades que possibilitam compreender, agir e ressignificar o que está a sua volta. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 101). Deste modo, é entendido por Sarmiento (2003, p.12) como [...] condição de aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade”.

O documento destaca que: “Por meio das interações e das brincadeiras a criança vai gradativamente construindo instrumentos necessários para solucionar seus conflitos, desenvolvendo o cognitivo e construindo referências de mundo. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 101).

Verifica-se, portanto, que o brincar contribui para o desenvolvimento integral do ser humano, nas dimensões físicas, emocionais, sociais, culturais e cognitivas. Assim, além do prazer que o brincar proporciona às crianças, constitui-se como espaço rico de aprendizagens.

No que se refere à brincadeira, o Projeto Político Pedagógico da creche pontua que: “Através das brincadeiras, a criança expressa seus sentimentos e constrói o mundo a sua maneira, desenvolvendo sempre valores e conhecimentos a partir das experiências vividas” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 29). Neste sentido, observa-se que o brincar é algo intrínseco à infância e que através dele a criança descobre e apreende o mundo.

Neste caminho o documento destaca que:

[...] o brincar é a atividade principal da criança. Por meio da brincadeira a criança faz escolhas, toma decisões, manifesta seus sentimentos e valores, interage, exercita o autocontrole e autoconhecimento, soluciona problemas, ressignifica o real, se constitui como indivíduo e sujeito social. A brincadeira é linguagem, as crianças “falam” por meio dela, aprendem e se desenvolvem inseridas nestes contextos. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 29).

Em consonância com Kishimoto (2010, p.1), verifica-se, portanto, que:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar.

O documento afirma também que: “[...] a creche deve garantir tempo e espaço para o brincar por ser um rico momento para que a criança desenvolva competências sociais fundamentais para a sua vida e se socialize” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 30). Denota então a compreensão sobre a importância dos tempos e espaços para o brincar na creche visto ser uma linguagem de expressão livre da criança, assim, é ressaltado e reconhecido como um dos objetivos gerais da educação infantil: “Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 31)

Conclui-se a partir dos documentos, que o brincar é a linguagem com a qual as crianças pronunciam o mundo e assim, momento rico de socialização por estarem interagindo com outras crianças, como se observa no registro da professora-pesquisadora:

São inúmeras as possibilidades de relações, combinações, criações, investigações e invenções nas interações com a natureza. V. prepara um bolo para o aniversário de sua amiga M.; ela coloca água, areia, sementes, folhas e mistura bem com o graveto, percebendo que está muito líquida, ela acrescenta um pouco de terra e depois mais um pouco, percebendo que a mistura ficou grossa e que a areia e terra se assentaram no fundo da panela, e não conseguindo mais misturar com o graveto decide mexer e misturar com as mãos, primeiro coloca só uma, percebendo que nenhum adulto chamou sua atenção ela coloca a outra e mistura repetida vezes, mergulhando as duas mãos na mistura da panela. M., que a observa com atenção passa a imitá-la, elas conversam discutindo sobre qual mistura está mais parecida com uma sopa e qual está mais parecida com bolo, por conta da textura e densidade de suas experiências, finalizam decorando e acrescentando folhas, flores e sementes em seus cardápios. **Percebe-se que a própria natureza convida a criança à ação, pois a areia e a terra permitem serem moldadas, as flores, folhas, sementes, pedras, gravetos representam a comidinha na brincadeira e a poça de lama ou de água são um convite a um pulo, à alegria, enfim, a uma festa**”. (Registro da professora pesquisadora, 05/06/2019, grifos da pesquisadora)

O brincar possibilita contextos de experiências significativas e prazerosas para as crianças, além de serem momentos de produções culturais infantis, visto que elas podem interagir, conviver, sentir, criar, construir, transformar e aprender com mundo ao seu redor (Fig.3):

Figura 3. Brincando com água, terra e areia



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Segundo Corsaro (2011), por meio do brincar nos diferentes contextos, as crianças não apenas se apropriam da cultura, mas também manifestam, reproduzem, criam e recriam criativamente e coletivamente suas próprias culturas infantis, interagindo com o mundo físico e social; assim, o brincar amplia suas capacidades e potencialidades.

Essa importância do brincar na creche é constatada também nos relatos das professoras e gestoras, que reconhecem o brincar como um direito e como uma linguagem da criança:

Jade: *O brincar está intimamente ligado à infância, sendo a linguagem da criança sua atividade principal; é sua forma de ler e dizer o mundo, além de ser um direito. Brincando elas dizem suas verdades, seus segredos, seus medos, inseguranças e desejos, por isso o brincar deve ter lugar e tempo garantido na creche.*

Cristal: *Os bebês brincam em sua liberdade e inteireza para conhecer o mundo, o brincar permeia todas as ações dos bebês na creche, pois eles aprendem brincando, interagindo e explorando o mundo ao seu redor, o brincar é algo indissociável da criança e é um direito que consta em várias leis.*

Pérola: O brincar é um direito e não pode ser uma recompensa de bom comportamento, pois o brincar é sua forma de viver e conhecer o mundo. Brincar é algo libertador porque a criança brinca por prazer e para ser feliz e não por obrigação.

Safira: O brincar é algo próprio da infância e é por excelência um momento de socialização, interações e produção cultural, em que as crianças se encontram com frequência no mesmo ambiente diariamente, elas aprendem umas com as outras e com os adultos e o brincar é premissa para toda e qualquer ação pedagógica na Educação Infantil.

Ágata: O brincar é uma ação natural, espontânea e livre da criança, ela decide se quer ou não brincar, como, quando e com quem brincar e, também, quando parar. O brincar é sua forma de entender o mundo ao seu redor.

Esmeralda: O brincar é o que as crianças fazem de mais sério, por isso vemos tanta atenção, intensidade e concentração enquanto estão se dedicando à brincadeira. Sem contar que o brincar é um direito, pois é a linguagem da criança, é sua maneira de dizer sobre o mundo, é sua linguagem.

Rubi: O brincar é algo próprio da infância, é um direito; as crianças brincam o tempo todo com tudo que os seus olhinhos podem ver, suas mãos tocar e a imaginação criar e a natureza é um convite para a brincadeira livre, pois os elementos não estruturados como pinhas, gravetos, sementes, folhas, pedras não dizem o que fazer, como quando brincam com os brinquedos industrializados.

Para as professoras Jade e Pérola, o brincar é a forma da criança ler, dizer, viver, conhecer e entender o mundo. Nesta linha de pensamento, Silva e Franceschini (2019, p. 220) reconhecem a brincadeira como a “[...] atividade central na vida das crianças, sendo uma das maneiras pelas quais elas leem e dizem o mundo”.

No relato da professora Ágata, o brincar é uma ação espontânea e livre da criança, em que a decisão de brincar ou não é dela. Neste sentido, Brougère (1998, p.4) anuncia que o brincar se caracteriza pela decisão e iniciativa da criança, “[...] se não houver espaço de decisão, a brincadeira não é possível”. Contudo, a compreensão da professora de uma ação natural pode remeter a certo entendimento

de que a brincadeira é inata e não fruto das relações sociais e culturais, embora a própria docente acrescente ser esta uma forma de entender o mundo.

Pérola pontua que, sendo a brincadeira sua forma de viver e conhecer o mundo, a criança brinca por prazer e para ser feliz e não por dever, caracterizando uma ação livre e sem obrigação. Navarro (2009, p.2126) comenta que definir o que é o brincar não é nada fácil: “O brincar é uma atividade difícil de ser caracterizada, o que se deve ao seu caráter subjetivo, mas se pode afirmar que é social e livre, pois não é possível obrigar ninguém a entrar na brincadeira”.

No depoimento de Esmeralda, observa-se como o brincar é o que as crianças fazem de mais sério, por isso vemos tanta atenção enquanto estão se dedicando à brincadeira. Nessa perspectiva, Sarmiento (2004) aponta o brincar como uma das marcas da cultura da infância, o que significa que é a forma da criança representar e simbolizar o mundo, por isso é para ela uma atividade séria. Isto vai ao encontro da compreensão de Safira, para quem a brincadeira é um momento de socialização e produção cultural, constituindo-se como um momento rico de interação e socialização e também de apropriação de cultura, pois é uma ação própria de uma cultura da infância.

Neste horizonte, de que a criança se apropria da cultura do mundo adulto e ressignifica criativamente e em consonância com o relato da professora Rubi, em que as crianças brincam com tudo que seus olhinhos podem ver, suas mãos tocar e a imaginação criar, observa-se no registro da professora-pesquisadora e na Figura 4, a criança “fazendo” suas unhas com uma criação e inventividade única e singular.

Figura 4. Unhas de pétalas



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Em mais um dia brincante na e com a natureza, as meninas recolhem pelo chão do parque comidinhas de mentirinha para suas brincadeiras, entre os pratos que compõem o cardápio sempre tem folhas diversas, flores, sementes, gravetos, pedras, areia e terra. Porém quando V. estava picando as pétalas de flores para fazer a salada teve a ideia de colocar em sua unha um pedaço da pétala; as amigas sorriram aprovando a sua ideia e começaram a ajudá-la até preencher todas as unhas. Depois cada menina percorreu o parque em busca de flores para fazerem suas unhas postiças. **Observa-se que as crianças brincando com e na natureza assumem seu poder de criação e transformação no mundo, atribuindo significados particulares a cada elemento encontrado.** (Registro da professora-pesquisadora, 24/06/2019, grifos da pesquisadora)

Nos relatos das entrevistadas constata-se que o brincar é uma atividade cotidiana na vida das crianças, pois é a forma de expressarem sua realidade, seu mundo, e um excelente espaço para socialização entre as crianças de diferentes idades.

O reconhecimento do brincar como direito da infância é percebido e relatado por Jade, Cristal e Esmeralda, sendo premissa para toda e qualquer ação educativa dentro da creche. Desta forma, precisa ser garantido com tempos, espaços e materiais para enriquecer a qualidade dessa ação tão desejada e necessária para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças nas instituições de educação, não podendo ser uma ação tolerada ou uma recompensa de bom comportamento, como pontua Pérola. Sendo assim, a creche constitui-se como lugar privilegiado para assegurar o brincar em interações com crianças e adultos(as) em diferentes contextos

lúdicos, possibilitando à criança experiências significativas e exitosas, de modo a ampliar suas potencialidades criativas.

5.3 As interações e o brincar na e com a natureza: bons encontros

Tendo uma escuta sensível e olhar atento aos interesses das crianças e respeitando as suas escolhas no dia a dia na creche, observamos suas preferências pelos ambientes externos e abertos em meio à natureza para suas vivências, experiências brincantes, descobertas, aprendizagens e manifestações culturais. Assim, é preciso enxergar para além das paredes de cimento das salas de referências das instituições, visto que a natureza é por excelência um convite à aventura e um laboratório para investigações pela diversidade de cores, cheiros, sons, texturas, formas, temperaturas, pesos, tamanhos e infinitas possibilidades de criação, inventividade e transformações com seus elementos.

Deste modo, e em defesa deste contato de interações e o brincar na e com a natureza, Tiriba (2018) elucida a importância das crianças estarem longe dos ambientes fechados, com iluminação e temperatura controladas artificialmente. Para a autora:

Se as funções das professoras se restringem fundamentalmente às salas, fica excluído de seu universo de atuação o conjunto de percepções e aprendizagens que as crianças realizam nos espaços externos. Ficam secundarizadas as aprendizagens relacionadas ao contato com a natureza, que vão além do cognitivo, que abrangem sensações, sentimentos, valores, enfim, outras dimensões do humano [...]. (TIRIBA, 2018, p.106)

Neste sentido, ao interagir e brincar na e com a natureza e conviver com diferentes formas de vida, como borboletas, formigas, passarinhos, minhocas, lagartas, plantas e flores, a criança estabelece uma conexão com esta, compreendendo-se como parte dela, respeitando e cuidando daquilo que é parte dela mesma. “Ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive” (TIRIBA, 2005, p.213). Assim, as relações cotidianas com o sol, areia, água e o chão de terra devem ser pano de fundo para a maior parte das atividades escolares.

Tiriba (2010), inspirada na filosofia de Espinosa, discorre sobre os encontros do que é bom, do que alegra e aumenta a potência de agir da criança; assim, na alegria as crianças ganham potência e a qualidade das aprendizagens é aumentada.

O encontro com a natureza, portanto, como é desejado pela criança por ser um lugar de liberdade, provoca bons encontros cheios de potência criadora.

Neste contexto, sobre as interações e o brincar na e com a natureza, o Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul pontua que:

Os espaços externos e naturais são potentes porque oferecem desafios, provocações e promovem vivências ímpares. Além disso, ali se desenvolvem, de forma autônoma, a pesquisa, a observação, a brincadeira, o relacionamento, provocando um encantamento e favorecendo o desenvolvimento integral dos pequenos. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 262)

O referido documento evidencia que a instituição de Educação Infantil:

[...] deve oferecer às crianças espaços plenos de oportunidades para viver, interagir e aprender em contato com a natureza. Dessa forma, se nos preocupamos com a cultura da infância e acreditamos que a natureza é um território de experiências onde estão presentes a brincadeira, a investigação, a descoberta, a curiosidade, a pesquisa e a interação devemos, cada vez mais, incluir nos planejamentos do cotidiano das crianças propostas em ambientes externos e naturais onde estão presentes vivências significativas que levem as crianças às novas aprendizagens. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 264).

O documento denota uma compreensão de que os espaços externos em meio à natureza oferecem boas vivências pelas interações, explorações, experiências, investigações e o brincar, em que o contexto natural propõe com suas cores, sons, formas, aromas, temperatura, pesos, texturas levando às crianças a novas e diferentes aprendizagens. Em consonância, Pereira (2019) elucida que interagir e brincar com a natureza e seus elementos: as flores, folhas, gravetos, pedras, sementes possibilita uma fonte inesgotável de experiências brincantes e sensíveis para a criança, contribuindo para o desenvolvimento de um ser humano em comunhão com a natureza. Nas palavras dessa autora:

O encantamento do canto dos pássaros, das cores das flores, a variação das estações com seus ciclos, a multidão das formas que nos preenchem como parte de uma geometria fantástica através da qual simetrias e assimetrias desfilam sob nossos olhos, tudo isso e muito mais poderíamos aqui registrar a partir da experiência sensível de cada um de nós diante do que chamamos de natureza. (PEREIRA, 2019, p.44).

Entendendo a natureza e seus elementos como um espaço que encanta e aumenta a potência de agir da criança, o currículo apresenta sugestões de como organizar contextos significativos para as interações e a brincadeira na natureza (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 265):

- Viabilizando um espaço na escola em que a criança tenha contato com a natureza (trabalho da gestão)
- Formando educadores que acreditam na potencialidade do território natural de brincadeira como espaço promotor de vivências e aprendizagens

- Constituindo uma equipe que envolva as crianças em propostas significativas de valorização e preservação da natureza
- Formando educadores capacitados para observar e dar suporte às iniciativas das crianças
- Observando a regularidade das propostas ao ar livre
- Disponibilizando materiais potentes para investigação, como ferramentas e utensílios além de todos os recursos naturais no ambiente, como água, troncos, paus, pedras, folhas etc.

Verifica-se, portanto, a importância da equipe gestora junto às docentes em promover vivências, interações e experiências brincantes ao ar livre e nos espaços naturais, valorizando e preservando a natureza. Nesta perspectiva Tiriba (2010, p. 6) defende que esse convívio com a natureza possibilitará que as crianças se constituam como “[...] seres não antropocêntricos, que aprendem o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra”. Nesta linha de visão pautada no respeito e amor a todas as formas de vida, Louv (2016) pontua que o período da infância é fundamental para desenvolver vínculo de respeito, cuidado e amor com a natureza.

No Projeto Político Pedagógico da creche não constam orientações e menções aos contextos de aprendizagem que remetem às interações e o brincar na e com a natureza, porém o documento ressalta a importância “[...] da utilização de todos os espaços e ambientes para a exploração e investigação das crianças” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 33) e, ao apresentar as instalações e espaços da creche, descreve: “Possuímos grande área verde com playground, solário para bebês e a sala maker; e árvores que proporcionam agradáveis ambientes sombreados” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 20).

Observa-se, desse modo, certa fragilidade em relação à construção deste documento, visto não serem registradas as ações e contextos brincantes aos espaços externos em meio à natureza que vêm acontecendo, uma vez que a creche é reconhecida pela grande área verde e pelo trabalho que vem se construindo no intuito de efetivar o “desemparedamento da infância”. Isso nos remete a pensar sobre a importância de olhar para esse documento, revisar e refletir o porquê destas ações sobre o desemparedamento da infância não constarem nele.

Deste modo, reconhecendo que as crianças declaram suas preferências pelos espaços externos aliados à natureza para suas vivências e aprendizagens dentro da creche e que se encantam com a beleza do mundo natural, observamos no seu cotidiano as mesmas exercendo seu poder de investigação, criação e transformações no mundo com seus elementos não estruturados e não simétricos (Fig. 5).

Neste contexto brincante, eu organizei uma mandala com diversas flores recolhidas no chão do parque da escola como um presente para as crianças, sendo uma flor para cada uma. L., muito interessada e atenta pela forma circular da mandala, pegou sua flor e passeou pelo parque recolhendo diversas flores que encontrava no seu caminho, agachou no chão e começou a construir sua própria mandala. Organizou algumas flores, levantou, tomando distância para melhor examinar, percebeu que estava com poucas flores e foi mais uma vez passear pelo parque, a fim de recolher mais flores caídas. Retornando com as flores, acrescentava em sua mandala; fez esse movimento por várias vezes até examinar, sorrir e finalizar com orgulho sua construção. **Percebe-se que no espaço externo em meio à natureza, não se espera uma ação padronizada das crianças em que todas devem fazer a mesma coisa, da mesma forma e no mesmo tempo, ela permite uma variedade de ações, pois permite que elas circulem livremente e possam se encantar e escolher o que e como fazer.** (Registro da professora pesquisadora, 24/05/2019, grifos da pesquisadora)

Figura 5. Brincando com as flores da natureza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Sobre esta importância das interações e do brincar na e com a natureza, todas as entrevistadas reconhecem a natureza como um espaço privilegiado para as vivências das crianças dentro da creche, sendo um local desejado pelas crianças.

Cristal: *O encontro com a natureza é um encontro desejado pelas crianças e por isso é um encontro “mágico”, pois não tem como prever de antemão qual será a realidade vivida e sentida: qual será a intensidade do sol, para que lado o vento soprará, em que parte do parque terá sombra, quais as mudanças de temperatura que ocorrerão durante o dia; é tudo uma surpresa vivida intensamente e diariamente.*

Safira: *Os espaços brincantes na natureza da creche surgem como fonte de aprendizagem, no sentido em que a natureza traz muitas aprendizagens para as crianças, muito além daquilo que as professoras organizam e planejam com suas intencionalidades pedagógicas, porque ela vai além. Tudo se modifica e se transforma o tempo todo e lá está a curiosidade daquilo que a criança quer aprender, quer decifrar, quer descobrir, quer desvendar, porque a natureza propõe muitos convites a olhar, tocar, cheirar, contemplar, ouvir, colher, se encantar; e convite à ação, sem contar que o encontro com a natureza é algo desejado e que alegra a criança. Percebemos através de suas linguagens a potência deste encontro.*

Pérola: *É o lugar desejado pelas crianças e, no contato e nas interações com a natureza, as crianças aprendem muitas coisas; ela é um laboratório de vivências, experiências e exploração para as crianças que aprendem também a respeitar e amar a natureza.*

Jade: *As crianças encontram na natureza um motor propulsor de possibilidades e sonhos e caminham entre seus elementos brincando, fantasiando, criando e inventando, porque gostam e querem estar neste lugar e experimentam a sensação de liberdade ao correr, pular, saltar e dançar nos espaços abertos. É um lugar desejado por elas.*

Ágata: *O interagir e brincar na e com a natureza na creche é desejado pelas crianças, é descobrir o encontro inesperado com outros seres como formigas, minhocas, joaninhas, borboletas, gafanhotos.*

Esmeralda: *A natureza surge como uma ferramenta pedagógica: ela traz beleza, estética e poesia com suas cores, as assimetrias, os cheiros, texturas e os sons que desfilam sobre nossos olhos, ouvidos, nariz e epiderme, fazendo parte do cenário de vivências, interações, experiências brincantes e aprendizagens das crianças aqui da creche. Isso é um privilégio para nós educadores, para as crianças e famílias.*

Rubi: *O interagir e brincar com a natureza é um encontro com o inusitado, o não habitual, como novo, as crianças ficavam ali frente às sementes, gravetos, pedras, folhas, flores, olhando, pensando, sentindo com as mãos, cheirando, ouvindo, experimentando e conhecendo.*

Verifica-se nos relatos das entrevistadas que as interações e o brincar com e na natureza são desejados pelas crianças de qualquer idade e que são encontros com

o inusitado, a aventura, e ali está o brilho no olhar e a curiosidade infantil do que a criança quer desvendar, decifrar, descobrir, porque a natureza propõe muitos convites a olhar, tocar, ouvir, colher, cheirar, contemplar e se encantar.

Portanto, não se trata de aprender o que é uma árvore decompondo-a em suas partes. Mas de senti-la e compreendê-la em interação com a vegetação que está ao redor, com os animais que dela se alimentam, considerá-la em sua capacidade de seus frutos e a sombra em que brincamos. (TIRIBA, 2010, p.10)

Os relatos de Cristal, Ágata e Rubi demonstram que as crianças se encantam com a natureza e suas cores e formas. E estar, interagir e brincar com ela é um encontro mágico com o inesperado, não habitual e inusitado, de criação com seus elementos não estruturados que, segundo Piorski (2016), são os melhores brinquedos para as crianças, por conta da diversidade de cores, texturas, tamanhos. Pois isso permite o imaginar, fantasiar e o criar e recriar incessantemente com as sementes, pedras, pinhas, folhas, flores, terra, areia etc.

Neste horizonte, em que a natureza oferece experiências ímpares para as crianças, Cruz (2005, p. 68) pontua:

O contato com a natureza, como sendo o habitat natural da criança, é muito importante, no sentido de cada criança estar inserida, sentir-se parte da natureza, perceber seus climas, ritmos, estações, elementos, sua diversidade de manifestações, cores, cheiros e sabores.

Observa-se, portanto, no relato de Safira que as crianças desejam estar nos ambientes externos da creche, talvez porque experimentam a sensação de liberdade ao correr, pular, saltar, rastejar, se lambuzar com aquilo que brincam neste espaço, e as crianças merecem viver esse encontro recheado de prazer e potência criadora. Isso porque:

[...] se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar. Experiências estas que permitem à criança se misturar ao mundo construindo aprendizagens significativas e subjetividades. (BARROS, 2018, p.22)

Compactuando com as entrevistadas, o encontro com a natureza para as vivências, interações e o brincar espontâneo é muito desejado pelas crianças na creche, visto o aumento de sua potência de agir, pois quando elas entram em contato com algo ou alguém que aumenta sua potência de agir, isso as fortalece, as torna melhores e mais felizes (TIRIBA, 2018). Deste modo, verifica-se no relato da professora-pesquisadora e na Figura 6 a criança interagindo, brincando, explorando a natureza ao seu redor e sendo feliz com o que a alegra.

Chegamos ao parque para mais um dia em que o brincar espontâneo com e na natureza nos revelaria o inusitado e muitas surpresas. Encontramos uma panela cheia de água e muitos elementos caídos pela chuva forte da noite anterior e claro que foi um convite à aventura e experiências cheias de alegria. As crianças quiseram colocar as mãos, acrescentar os elementos caídos, espirrar a água, porém C. só observava as ações dos amigos e, chegando próxima de todos, disse: “agora é a minha vez”. Colocou primeiro um pé dentro da panela e depois o outro, dizendo estar gostosa a sensação da água gelada da chuva; em seguida pediu a mão da Auxiliar de Primeira Infância para ajudá-la a pular, pulou muitas vezes, molhando as pernas, o shorts e quase acabando com a água da panela. Em seguida saiu da panela e foi passear pelo parque. Eu perguntei o que havia acontecido para ela estar com as pernas e shorts molhados, ela me respondeu que tinha ido até a praia, mas que já havia voltado. **Fica a lição de que para a criança existem outros mundos permeados pela fantasia, encantamento e imaginação.** (Registro da professora-pesquisadora, 23/08/2019, grifos da pesquisadora)

Figura 6. Explorando a natureza com os pés



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Durante a entrevista, mostramos algumas fotos (Fig. 7, 8, 9, 10,11 e 12) das crianças em interações e brincando na e com a natureza e perguntamos às entrevistadas o que as crianças estavam fazendo, aprendendo e o que fazem quando estão livres na natureza.

Figura 7. Brincando com lama



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 8. Abacates caídos



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 9. Tesouros da natureza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 10. Sentindo a natureza com os pés



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11. Aprendendo com experiências com terra



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 12. Comidinha com as sementes da natureza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Cristal: *As crianças estão brincando e aprendendo com o mundo, brincando com as cores, texturas, cheiros, temperaturas e estão felizes, potentes e é isso que eu observo quando elas estão livres interagindo e brincando nos espaços naturais.*

Safira: *As crianças estão brincando e aprendendo com o corpo e os sentidos. Eu percebo que na natureza elas aprendem de forma prazerosa e significativa, pois desejam esse encontro, se encantam com essa relação e cuidam da natureza.*

Pérola: *Elas estão brincando livremente e aprendendo com toda a diversidade e riqueza que a natureza oferece; elas estão felizes. E estão aprendendo também a amar e respeitar a natureza. É isso que eu vejo que elas aprendem com esse contato.*

Jade: *O que me chama atenção é que elas estão felizes brincando, se divertindo e, o melhor, aprendendo sobre cheiros, texturas, consistências, formas, tamanhos e muito mais. É isso que as crianças aprendem na e com a natureza.*

Esmeralda: *Estão aprendendo com alegria e liberdade através da brincadeira, explorando, investigando, experimentando as texturas, cheiros, quantidade e nessa relação a criança aprende a amar e cuidar da natureza.*

Rubi: *Eu percebo que na natureza as crianças brincam livremente e felizes, tudo é compartilhado e dividido, nada é meu ou seu, tudo é da natureza e nosso. Isso é diferente da sala de aula, que tem mais disputas e brigas pelos objetos e brinquedos. Elas aprendem também sobre os diferentes ciclos da vida (nascer, crescer e morrer), porque observam as plantas e os animais. Assim, banhos de chuva, brincadeiras com água, lama, terra, areia são ações muito desejadas pelas crianças; eu deixo os meus brincarem com terra, areia.*

Ágata: *Elas estão felizes interagindo e brincando com a natureza e aprendem muitas coisas nesta relação, porque a natureza é cheia de possibilidades e descobertas.*

Observa-se nas falas das entrevistadas que as crianças se encantam e declaram suas paixões e preferências pela natureza e que ficam felizes com esse encontro. Neste sentido, Tiriba (2018) pontua que, quando entramos em contato com

algo que aumenta nossa potência de agir, isso nos fortalece, nos torna melhores e mais felizes, assim somos capazes de construir conhecimento a partir de vivências, interações e experiências brincantes do que é bom e alegre e as crianças merecem viver isto.

Os relatos de Pérola, Safira e Esmeralda pontuam que quando a criança convive com a natureza, ela aprende a respeitar, cuidar e amar. Tiriba (2006, p. 14) defende propostas e práticas pedagógicas orientadas à aproximação e contemplação da natureza “[...] ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive”.

No depoimento de Rubi, na natureza tudo é compartilhado, dividido, o que nos remete à compreensão de que:

[...] as brincadeiras nos espaços externos podem constituir-se como fonte de sentimento de solidariedade e companheirismo. Um pátio que é de todos, e onde cada um pode escolher com quem e com que deseja brincar, não favorece posturas individualistas e competitivas, ao contrário constitui-se como espaço de convivência. (TIRIBA, 2010, p. 8)

Perguntamos também às entrevistadas se em suas práticas pedagógicas há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza, como acontece essa interação e quais as dificuldades enfrentadas?

Pérola: *Sim, porque o interagir e o experimentar livre da criança na natureza é deixá-la manifestar suas curiosidades e inventividade e a dificuldade é que isso foge um pouco dos modelos pré-estabelecidos das nossas organizações educacionais. Isso porque essa vivência atravessa os conteúdos curriculares e não determina o resultado, porque não obedece às técnicas dos conteúdos tão bem programados por nós.*

Rubi: *Sim, tento deixar as crianças bastante em contato com a natureza; no começo foi difícil perceber o quanto a criança aprende livre e com autonomia na natureza, porque aprendemos nas universidades a sermos professores e trabalharmos com conteúdo e não experiências, não aprendemos a respeitar o protagonismo infantil e sim transmitir conhecimento. E a dificuldade é mudar isso, pois aprendemos que na sala de aula o professor dirige as aulas, dita as ordens, dá os comandos do que fazer e a hora de fazer, já na natureza parece que os contextos com intenções pedagógicas deixam as crianças mais livres, pois liberta o corpo para explorar, investigar, interagir, construir e aprender a partir de suas*

curiosidades, vontades e desejo de conhecer. O adulto não diz o que e como fazer, como na sala de aula e isso vamos aprendendo dia a dia.

Ágata: *tento na minha rotina deixar as crianças em contato com a natureza, mas o desafio é diário, pois nós professores chegamos às instituições de ensino, no encontro com as crianças, formatados com técnicas, informações e conteúdos organizados e programados que ditam passo a passo as nossas ações e interações. Já determinando de antemão o tempo, o espaço e o que as crianças devem experimentar, fazer, construir, aprender, sentir e ser.*

Cristal: *como eu fico com os bebês, nós vamos às vezes; gostaria de sair muito mais, porque muitas vezes as rotinas rígidas em ambientes com pouco espaço para os movimentos e expressões mais amplas são capazes de minar as potencialidades criativas das crianças e minimizar suas expressões livres através de suas cem linguagens.*

Jade: *eu acredito ser importante essa relação porque é muito desejada pelas crianças, mas como eu fico com os pequenos é mais difícil sair da sala, a dificuldade é organizar todos os contextos fora, na sala é mais fácil.*

Safira: *essa interação é bem importante, deve ser garantida na creche, mas a dificuldade é mudança de paradigma, pois nosso sistema ou modelo educativo ainda na maioria das vezes é baseado na transmissão e reprodução de conhecimento, não permitindo as manifestações corporais como a espontaneidade, criatividade e a liberdade, por isso alguns professores preferem as salas de aula.*

Fica evidente nos relatos de Pérola, Rubi, Ágata e Safira que estar interagindo, brincando e aprendendo na e com a natureza rompe com a lógica cartesiana, de que só se aprende dentro da sala de aula e com o corpo parado, com as vozes silenciadas e a mente atenta (TIRIBA, 2018). Assim, em suas falas anunciam que nosso sistema de educação na grande maioria prioriza o silêncio, o corpo parado e a mente atenta, em uma concepção de educação voltada para processos de transmissão de conhecimento, uma educação bancária (FREIRE, 2003). Neste horizonte, Tiriba (2018, p. 103) elucida que:

A experiência vivida é desvalorizada, ou em outras palavras, o que surge como interesse não se constitui como objeto de pesquisa pedagógica, porque os adultos funcionam como donos do planejamento, das atividades, do tempo e dos materiais pedagógicos, definindo o que, quando, onde e como as crianças devem aprender. Assim, não é o movimento do grupo, resultante dos

seus interesses, de suas percepções sobre a realidade, que indica os caminhos a seguir; não é a observação das atividades espontâneas das crianças que aponta os temas de trabalho.

Em face a esta compreensão, verifica-se no discurso de Pérola que interagir e brincar na natureza é deixar as crianças livres para manifestarem suas curiosidades e isso foge um pouco dos modelos pré-estabelecidos das nossas organizações educacionais. Portanto:

Qualquer escola que hoje se ocupa em construir um espaço onde as crianças possam se movimentar com mais liberdade e, conseqüentemente, desenvolver habilidades para um pensar mais criativo e independente, onde a espontaneidade seja um dado respeitado, esta escola defronta-se imediatamente com uma contradição básica, uma vez que do lado de fora da escola para sobreviver são exigidas das crianças atitudes exatamente opostas a essas. (PEREIRA, 1981, p. 70)

Nesta perspectiva de interagirem e brincarem manifestando suas curiosidades e encantamento pelos elementos do mundo natural, observa-se no registro da professora-pesquisadora e na Figura 13 as crianças livres na natureza, caminhando no chão de terra e escolhendo o que mais as encanta no universo de possibilidades brincantes que ela nos oferece.

Estar livre na natureza com seus elementos e suas sutilezas de cores, formas, texturas, temperaturas, aromas, sons, permite aguçar os sentidos da criança e examinar também com os sentidos. Afinal, as crianças sentem as texturas, cheiros, escutam o barulho e observam as nuances de cores numa mesma flor, pétala, folha. Nesta atividade, as crianças coletaram os encantos da natureza, exploraram, investigaram, brincaram, inventaram, construíram, seriaram e depois de muito brincar, M. pediu para guardar alguns elementos em sua mochila, pois queria levar para casa. **Acredito que as crianças brincando com a natureza escutam a cor dos passarinhos como diz Manoel de Barros e, quando querem carregar um pouco destes elementos para suas casas é porque querem carregar esse tempo e momento da brincadeira pela eternidade.** (Registro da professora-pesquisadora, 28/08/2019, grifos da pesquisadora)

Figura 13 Elementos da natureza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

De acordo com a fala da professora Rubi, quando você possibilita momentos às crianças no lado de fora, você liberta o corpo para a criança explorar, investigar, descobrir e aprender, por isso tanta alegria. Tiriba (2018) pontua que livre na natureza a criança libera as vontades do corpo e as escolas não podem reprimir e sim respeitar o desejo do corpo das crianças.

5.4 Desemparedar é preciso e urgente

O “emparedamento da infância” expressa a condição de aprisionamento a que as crianças estão subordinadas nas instituições educacionais e submetidas a rotinas que não respeitam suas vontades, desejos e suas diferentes linguagens (TIRIBA, 2018).

Na contramão dessa condição, o movimento de desemparedar pressupõe novas concepções de criança e educação. Desta forma, precisamos romper com a educação bancária (FREIRE, 2003) ainda presente em muitas instituições, de modo que a educação não se concentre apenas em processos racionais em que o conhecimento está nos livros e na cabeça do(a) professor(a), é preciso reconhecer a criança como protagonista no seu processo de aprendizagem e socialização, uma vez que ela é ativa, potente, exploratória e investigativa. Precisamos olhar as instituições

educacionais como espaços democráticos, de vida coletiva, solidariedade e de viver o que é bom, o que alegra e potencializa (TIRIBA, 2018), onde adultos(as) e crianças aprendem a participar e decidir.

Pensando na realidade da creche pesquisada, o Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul defende que “[...] toda a escola é um território educativo com múltiplos espaços de aprender e todos os espaços da escola são promotores de situações para a aprendizagem” (SÃO CAETANO DO SUL, 2020a, p. 262)

Verifica-se, portanto, que o documento afirma que não só as salas de referências são ambientes educativos, mas todos os espaços são propícios para as aprendizagens. Nesta perspectiva o documento evidencia que:

Os espaços são potentes aliados das professoras e dos professores na prática educativa e são ricos em possibilidades de aprendizagem, tanto os espaços internos como os locais externos: pátios, parques, corredores e demais dependências da escola. (SÃO CAETANO DO SUL, 2020b, p. 124).

Neste horizonte, de que todos os espaços da creche são educativos e, no caso da creche investigada, esta possui uma vasta área natural, cabe a ela ofertar às crianças oportunidades para viver, interagir e aprender nos espaços de que gostam. Pois a natureza é um espaço para as experiências em que estão presentes a brincadeira, a curiosidade e a descoberta (Fig. 13). “Se a interação com os ambientes naturais é condição para o desenvolvimento pleno das crianças, ela é um direito humano, e não algo que os(as) professoras e a escola devem oferecer como lazer ou como prêmio”. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 69).

Brincar com a natureza é estar diante de um laboratório de vivências, experiências e descobertas que se modificam constantemente, permitindo à criança desenvolver sua capacidade criativa. C. mostra-se curiosa e atenta ao passear pelo parque, agachando para colher os elementos que mais lhe encantam. Após recolher alguns elementos, ela brinca de construir coisas com eles. Primeiro ela constrói uma escada, colocando uma fila de gravetos um paralelo ao outro, passando os dedos fingindo como se estivesse subindo os degraus, desmancha e faz uma mandala com as folhas e depois deixa as folhas da mandala e acrescenta os gravetos no tronco e raiz da árvore. Percebe-se que a criança está a partir do experimentar brincante, sendo protagonista na construção de suas aprendizagens. **Na natureza a criança fica ali frente aos seus elementos não estruturados: gravetos, folhas, sementes, pedras, olhando, pensando, sentindo, cheirando, ouvindo e tentando ler e decifrá-los.** (Registro da professora-pesquisadora, 18/04/2019, grifos da pesquisadora)

Figura 14 Construindo com os elementos da natureza



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Tiriba (2010) pontua que as instituições de Educação Infantil precisam garantir espaços para as experiências brincantes com a natureza e suas diferentes formas de vida, construindo “[...] um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo Sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual” (p.6). Como seres da natureza, as crianças nos solicitam que possamos dentro da creche “[...] repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades” (p.6).

Sendo assim, é fundamental investir no propósito de desemparedar, rompendo com as paredes de cimentos das salas de referências das instituições, tendo uma escuta sensível às vontades do corpo e desejos das crianças em serem protagonistas de suas aprendizagens, em espaços em meio a natureza, reconhecendo o seu potencial e o seu poder. Isso porque a natureza da creche além de se constituir em espaço para se brincar livremente e relaxar, pode ser explorado para “[...] ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem, em que as crianças, ao brincar, pesquisam e se apropriam de uma diversidade de conhecimentos” (TIRIBA, 2018, p.235).

Reconhecendo a natureza como espaço para pesquisar e aprender brincando, verifica-se no relato da professora-pesquisadora e, na Figura 15, as crianças

brincando e construindo suas aprendizagens sobre o elemento fogo, esse elemento tão cheio de mistérios e que tanto as encanta.

Figura 15: Fogueira construída pelas crianças



Fonte: Arquivo da pesquisadora

No decorrer do ano, coletamos e colecionamos alguns elementos naturais, como pedras, gravetos, sementes e pinhas, que servem de materiais para nossas brincadeiras e atividades cotidianas. Com os gravetos coletados pelas crianças no chão de terra da creche durante o ano e em parceria com as famílias que recolheram gravetos com as crianças no percurso a pé de casa até a escola, assim, combinamos o dia da nossa fogueira. Afinal, essa já é uma atividade rotineira em nossa creche. As crianças carregaram os gravetos armazenados até o local em que seria construída a fogueira e começaram sua construção, porém, como estavam colocando os gravetos aleatórios (grandes e pequenos) a superfície da fogueira não aguentou e caiu. As crianças ficaram pensativas em buscar uma solução para que a fogueira se erguesse e ficasse em pé. Foi então que a T. disse que foi o graveto grande que derrubou tudo no chão; assim, começaram a erguer a fogueira novamente, desta vez colocando primeiro os grandes e pesados e depois os mais leves. Com a fogueira pronta, hora de tomar distância para acender, porque o fogo é um elemento encantador, mas muito perigoso. E assim foi feito, acendemos a fogueira e todo mundo vibrou e comemorou com alegria suas construções e aprendizagens. As crianças ficaram encantadas e por muito tempo olhando as nuances de cores, a dança das chamas, ouvindo os estalos e sentindo o calor da fogueira. **Percebe-se que a natureza é um laboratório de descobertas com seus elementos desimportantes e não estruturados, é um lugar de aprendizagem que alimenta a curiosidade das crianças.** (Registro da professora-pesquisadora, 06/11/2019, grifos da pesquisadora)

Neste processo de desemparedar e olhar os espaços para além das salas de referências, utilizando materiais além dos habituais e comprados na loja e dizendo

não ao consumismo, como sugere Tiriba (2018), os materiais desimportantes da natureza, como gravetos, folhas, flores se transformam em ferramentas educativas, conforme se observa no registro da professora-pesquisadora e na Figura 16.

Figura 16 Pincel de folhas e gravetos



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Neste contexto brincante na e com a natureza passeamos e coletamos pelos espaços da creche gravetos e folhas diversas, juntamos uma boa quantidade e começamos a construir os pincéis com o auxílio de um barbante para amarrar. Em um primeiro momento cada criança tentou construir sozinha, pedindo ajuda apenas para amarrar, pois na tentativa de amarrarem sozinhos, as folhas acabavam rasgando e assim não finalizando o pincel. Aos poucos e observando o fazer das educadoras, as crianças aprenderam a colocar o barbante esticado no chão, juntar umas 5 folhinhas em um graveto grosso na parte de cima e amarrar; a G. conseguiu fazer o dela e depois fez um para o seu irmão. Depois de utilizá-lo na pintura, pediu para levar para casa para pintar com seu irmão. **Observa-se que interagindo, explorando, tentando e observando o adulto, as crianças avançam em suas aprendizagens quando são respeitadas em seu tempo e espaço.** (Registro da professora-pesquisadora, 04/11/2019, grifos da pesquisadora)

Sobre este processo de desemparedar, perguntamos às entrevistadas suas compreensões sobre o termo “desemparedamento da infância” e quais os desafios para o desemparedamento na creche, ao que as entrevistadas responderam:

Cristal: *Desemparedar tem a ver em ter um olhar acolhedor e sensível para com os momentos de rotina das crianças pequenas na creche, desde alimentação, troca, descanso realizados de maneira respeitosa e não*

realizadas de forma mecânica e repetitiva. Porque eu posso levar meus alunos para o espaço externo e continuar emparedando-os com minhas regras, ações, imposições, minhas opiniões, meus saberes, meu controle e disciplina.

Jade: *Desemparedar seria um termo pensando em deixar as crianças mais livres e menos fechadas brincando e interagindo nos espaços externos, parque, natureza, solário, pátio, quadra, ao redor da escola; também as crianças não ficarem sempre sob o nosso controle, nós controlando suas ações, movimentos, falas, atitudes e decidindo tudo por ela.*

Pérola: *Desemparedar é acolher, respeitar, escutar e valorizar a criança como um ser capaz, uma criança competente, para que ela possa avançar nos seus processos de aprendizagens.*

Safira: *Desemparedar é as salas de aulas convencionais não possuírem a centralidade dos espaços escolares, pois temos muito bons espaços externos para os contextos brincantes para as interações e aprendizagens. Esses espaços devem também contar com intenção pedagógica, desde as escolhas dos materiais, elementos, objetos, espaços para que a criança experimente, interaja, brinque e construa suas aprendizagens.*

Ágata: *Nós, professores, chegamos às instituições de ensino, no encontro com as crianças, formatados com técnicas, informações e conteúdos organizados e programados que ditam passo a passo as nossas ações e interações junto às crianças, já determinando de antemão o tempo, o espaço e o que as crianças devem experimentar, fazer, construir, aprender, sentir e ser. Desemparedar tem a ver com desconstruir isso que está posto.*

Esmeralda: *Desemparedar é termo para descrever o fato das crianças pequenas estarem dentro da creche em espaços fechados, aprisionadas, confinadas, condicionadas por longos períodos. Acredito que esse emparedamento seja essa uma característica do nosso sistema de ensino, ainda muito escolarizado (pausa), em que muitas vezes ainda se acredite que a criança aprende melhor presa dentro de uma sala e aprisionada, sendo ensinada e supervisionada pelo adulto.*

Rubi: *Desemparedar é a educação, a escola, o ensino, a nossa prática nos espaços abertos ou longe das paredes de cimentos das salas de aulas, refeitório, ateliê, brinquedoteca. É deixar as crianças livres para escolher*

onde preferem ficar, aprender, viver sua infância dentro da creche, poder olhar tudo ao seu redor sem as paredes e sem teto. Ouvir o cantar dos pássaros, cheirar as folhas e flores, sentir a terra, areia, lama, barro, argila, pedrinhas e sementes nos pés. Tem uma questão do controle dos corpos, da disciplina das crianças, é como se nos ambientes fechados tivéssemos mais controle da sala e na nossa sociedade o adulto adora ter controle de tudo.

No relato de Cristal, desemparedar não é apenas tirar as paredes físicas dos espaços, mas sim desemparedar outras paredes que aprisionam as crianças, como a negação das vozes infantis, a visão adultocêntrica, o currículo descontextualizado, que não respeita o tempo da criança levando a práticas bancárias (FREIRE, 2003).

Jade, Safira, Ágata e Rubi pontuam que desemparedar a infância constitui em preparar os contextos educativos nos espaços preferidos das crianças, que são os ambientes externos, e a partir de seus interesses a romper com o pensamento cartesiano de que só se aprende em espaços fechados, com o corpo inerte e silenciando as diferentes linguagens das crianças bem pequenas. É preciso respeitar os desejos e vontades do corpo (TIRIBA, 2018).

Quando questionadas sobre os desafios para desemparedar a infância na creche, as entrevistadas responderam que:

Cristal: *Eu sei da importância do interagir, brincar e aprender em espaços abertos, na natureza, para o desenvolvimento das crianças pequenas e como elas desejam esses momentos. Mas o maior desafio é vencer a preocupação de que os bebês caiam, se machuquem e se sujem, porque as mães reclamam muito.*

Ágata: *Diferentemente da sala de aula, na experimentação brincante na natureza, não existe certo ou errado porque não determina de antemão as experiências que vivenciarão e os resultados. E isso contribui para estabelecer um campo de confiança, o que estimula a criatividade e espontaneidade. Porém o desafio a ser enfrentado é o de superar o perigo de que as crianças se machuquem, e se sujem também, pois os familiares reclamam muito na saída.*

Pérola: *os contextos de aprendizagens na natureza são momentos também para olhar, sentir, viver e se encantar com o mundo natural. Porque a natureza nos toca nos inquieta nos sensibiliza por ser um espaço*

diferente dos ambientes escolarizados, porém acredito que o maior desafio para desemparedar as crianças, ficar mais do lado de fora são as rotinas com trocas, alimentação e descanso que consomem muito o tempo dentro da creche.

Jade: *Desafio enfrentado para o desemparedamento é que do lado de fora as crianças têm mais espaço para correr, pular, interagir, experimentar e fazer descobertas sozinhas sem a intervenção do adulto, o que dificulta manter o controle das crianças sozinha e, também, que nos dias frio e de chuva, as mães não querem que as crianças saiam da sala para não ficarem doentes.*

Rubi: *Eu já trabalhei com o grupo 3 e esse ano estou com o grupo 2, e percebo que as mães das crianças menores reclamam mais quando as crianças caem ou se machucam no parque. Me parece que como é aberto, as crianças correm mais e caem mais também, as mães também não gostam muito quando as crianças brincam com água, pois ficam doentes*

Fica evidenciado nos depoimentos das professoras e gestoras, que as crianças desejam estar, vivenciar, experimentar, brincar e aprender do lado de fora na natureza e desemparedar tem a ver com essa escuta e respeito aos seus interesses, desejo e curiosidades e, também, valorizar suas ações e conquistas diárias. Nesta perspectiva:

[...] para mudar, a escola precisa fundamentalmente religar seres humanos e natureza, sair, desemparedar, proporcionar vivências nos ambientes naturais, aprender com seres e processos. É preciso tornar mais verde todos os ambientes, quebrar esta identificação do lugar de aprender com a sala de aula. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 73)

Diante desta compreensão e pensando em religar seres humanos e natureza, proporcionando vivências de corpo inteiro com os ambientes mais verde é preciso sentir, escutar, ouvir, cheirar e ver vagarosamente a natureza e suas transformações e seus ciclos. Deste modo, a Figura 17 e o registro da professora pesquisadora mostram essa conexão com a natureza.

Quando as crianças convivem diariamente com a natureza na creche, elas se tornam íntimas, reconhecendo como seu ambiente de pertencimento e demonstram cada vez mais respeito, cuidado e carinho para com ela. Neste sentido, segue algumas narrativas delas durante um dia de vivências na natureza: “de manhã o céu é mais claro e brilhante, agora à tarde já é mais escuro e frio”; “deitar na grama e ver as nuvens passar às vezes rápidas e às vezes devagar dá sono e vontade de dormir”; “deitar no chão embaixo das árvores dá para ver o vento forte e devagar que derruba as folhas”; “a plantinha, as flores e as árvores respiram o mesmo ar que nós”; “eu acho que a árvore tem coração, porque quando eu abraço ela, eu escuto um barulho”; “não pode matar o bichinho da natureza, pois tudo que existe faz parte do

nosso planeta”; “não pode desperdiçar a água da torneira, coitada dela, ela também é um ser natural”. **O que fica de mais significativo é que, quanto mais se conhece diferentes seres vivos e demais elementos naturais, mais se conhece sobre a si mesmo, porque o encontro com a natureza é um encontro com a nossa essência.** (Registro da professora-pesquisadora, 03/12/2019, grifos da pesquisadora)

Figura 17. Observando a árvore e o céu



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Os relatos das professoras Cristal e Ágata demonstram a pouca presença dos menores neste espaço em função da preocupação com a segurança e o cuidado para que as crianças não caiam, se machuquem e se sujem, principalmente as menores (berçários), porque, segundo elas, os familiares reclamam muito da sujeira e do perigo. Tiriba (2005, p.114), aponta que:

Há vários fatores que concorrem para que as crianças permaneçam entreparedes: a dependência física, falta de carrinhos para bebê, a localização dos berçários e maternais na parte superior dos prédios, as rotinas de trocas e alimentação, o pequeno número de adultos em relação ao número de crianças. Estes fatores concorrem para que, em muitos casos, as turmas de berçário e de maternal só venham para o pátio em dias de festa, quando, então, é pensado um esquema que possibilite esta alegria a elas.

Tiriba (2005) também encontrou em sua pesquisa em Blumenau o afastamento da criança na natureza pela “sujeira” da natureza ser malvista pelas famílias, assim evitam seu contato para as crianças não se sujem e sujem suas roupas. Com relação ao afastamento da criança à natureza, Tiriba (2018) pontua que o contato com a natureza e seus elementos não significam sujeira, perigo ou doenças e sim

ambientes com espaços para a liberdade, autonomia, criatividade, inventividade e solidariedade.

Já na opinião da professora Jade, a dificuldade em desemparedar é em manter o controle das crianças do lado de fora. Dentro de espaços fechados é mais fácil manter as crianças vigiadas pelos(as) adultos(as). Desta lógica do domínio e controle dos corpos, Foucault (2014) pontua que as instituições de ensino com as salas com paredes, portas, tetos se assemelham a presídios, hospitais e quartéis por limitarem não apenas os corpos dos indivíduos, mas também o tempo e o espaço de cada ser humano. Nesta perspectiva, Tiriba (2005) também encontrou em sua pesquisa, nas falas das professoras, a preferência por permanecer com as crianças em locais internos e fechados, pois na natureza elas correm e fazer coisas por si só, sendo mais difícil de se manter o controle. Isto porque, “Nos espaços externos das Instituições de Educação Infantil, as crianças estão menos expostas aos regimes disciplinares” (TIRIBA, 2005, p.11).

A professora Rubi, que atuou com as turmas de G2 e G3, ressaltou que com as crianças maiores (G3), as mães reclamam menos quando caem ou se molham, já com os menores qualquer arranhão na perna ou braço elas se queixam.

De acordo com a análise dos dados, as professoras Jade e Cristal mostram a pouca presença do lado de fora na natureza por conta da cultura do medo de que as crianças do berçário caiam e se machuquem, assim as educadoras não incentivam brincadeiras nos ambientes naturais por serem consideradas experiências perigosas. Em face a esta preocupação, Souza (2020 p. 43) pontua que:

O medo de a criança se machucar por tentar algum movimento mais ousado, cerceia a sua chance de tentar. A superproteção calcada no excesso de cuidados tem variações subjetivas e culturalmente está modificando o modo de viver das pessoas, inclusive o desenvolvimento dos(as) pequenos(as).

Apesar do receio de que caiam e se machuquem na natureza as professoras Pérola e Ágata tentam dentro de suas rotinas na creche promover algumas iniciativas e ações para aproximar as crianças da natureza, como as brincadeiras espontâneas e contextos brincantes no parque. A professora Rubi relata que tenta deixar as crianças bastante em contato com a natureza e que os contextos com intencionalidades pedagógicas do lado de fora das salas de referências deixam as crianças mais livres para explorar, brincar e descobrir.

O excesso de zelo com os bebês, segundo os depoimentos das professoras Jade e Cristal, pode ser prejudicial no sentido de retirar dos bebês o direito de ousar

e de terem experiências prazerosas e significativas na e com a natureza, como o contato com a terra, o vento, o sol, as plantas, a água dentre outras.

Segundo Tiriba (2018b, p. 46):

Um dos significados da busca pelo risco é dar espaço tanto para o sucesso quanto para o fracasso. Nesse processo, as crianças vivenciam acidentes de pequena consequência para, com eles, aprender a evitar os grandes acidentes no futuro. Isso não quer dizer que as crianças devem ser expostas a perigos cujas consequências comprometam sua integridade, como produtos químicos, balanços quebrados ou brincar onde os carros passam. Educadores e pais devem permitir os riscos benéficos, nos quais as crianças se engajam por livre escolha e conseguem dimensionar as consequências e lidar com elas.

Ao observarmos as concepções das docentes, constatamos que elas comungam com o que orientam os documentos no que se refere a uma imagem positiva e potente da criança, o reconhecimento sobre a importância do desemparedamento da infância na creche, assim como o reconhecimento dos espaços externos em meio à natureza serem desejados pelas crianças para suas vivências por serem ambientes potentes para o interagir, o brincar cotidiano e espontâneo e para a construção de suas aprendizagens. Porém demonstram insegurança e receio com relação às crianças bem pequenas, em especial os bebês, de se machucarem com os elementos da natureza ou ficarem doentes com banhos de chuvas, brincadeiras com água ou saírem dos espaços fechados no tempo frio. Outros aspectos elencados por elas que dificultam as interações das crianças na e com a natureza diz respeito à “sujeira” que ela oferece, rotinas sem flexibilidade de horários e dificuldade em controlar a disciplina nos espaços externos.

Apesar destas dificuldades, algumas professoras, como é o caso da professora-pesquisadora, além de Rubi, Pérola e Ágata vêm construindo contextos brincantes em meio à natureza para a efetivação do desemparedamento da infância na creche. Este é um processo de construção cotidiana e de transgressão ante a uma sociedade que insiste em aprisionar as crianças em espaços fechados e longe da natureza; e implica, como salientou Safira, em uma “mudança de paradigma” na educação, que precisa, urgentemente, reconhecer que aprendemos com todo o corpo.

6 PRODUTO EDUCACIONAL: “DESEMPAREDANDO A INFÂNCIA” AS CRIANÇAS E O QUINTAL DA CRECHE”

Com a finalidade de compartilhar o trabalho que vem ocorrendo na construção do “desemparedamento da infância” na Creche E.M.I. Alfredo Rodrigues, unidade escolar da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul, estaremos elaborando um *e-book* com a narrativa das vivências e experiências brincantes das crianças na e com a natureza.

O objetivo, ao compartilhar as ações e contextos brincantes de aprendizagens nos espaços externos em meio à natureza, é o de tornar visíveis as experiências em que as crianças interagem, exploram e constroem suas aprendizagens e produzem suas culturas para além das paredes convencionais das salas de referência, efetivando gradativamente o “desemparedamento da infância” na creche.

Segundo Tiriba e Profice (2014), a natureza precisa ser garantia diária para todas as crianças da creche e não restrita a um curto período de tempo na rotina, visto a potência de agir desse encontro e por ser desejado pelas crianças. As autoras asseveram que “Se a interação com os ambientes naturais é a condição para o desenvolvimento pleno das crianças, ela é um direito humano, e não algo em que a escola deve oferecer como lazer ou como prêmio” (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 69).

Espera-se com este trabalho inspirar os(as) docentes a observarem para além das paredes de cimentos das salas de referências, permitindo-se a práticas que visem o “desemparedamento da infância”, porque o cantar dos pássaros, a dança das nuvens e o aroma das flores são excelentes motivos para construir contextos brincantes do lado de fora.

6.1 Descrição da Proposta do Produto

O material será composto com o relato de contextos brincantes em meio à natureza da creche. Para a construção desta narrativa, utilizará a documentação pedagógica da professora-pesquisadora, composta de registros reflexivos, fotos e relatos das crianças; bem como os resultados desta investigação.

O *e-book* será organizado em quatro seções:

1. **Apresentação:** Apresenta o produto educacional oriundo desta pesquisa de mestrado profissional e o seu objetivo de inspirar outros(as) docentes a observarem para além das paredes de concreto das salas de referências, dando visibilidade às vozes das crianças e a seu protagonismo no processo educativo.
2. **As crianças e o quintal brincante da creche:** Discorre sobre as perspectivas teóricas de autores e autoras que defendem as interações e o brincar na e com a natureza para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças na creche.
3. **Contextos brincantes na e com a natureza:** Relata as experiências das crianças na creche em suas interações, explorações e investigações brincantes na e com a natureza.
4. **Por uma infância desemparedada:** Fechando o material, sem a pretensão de esgotar a discussão, ao contrário, será feito um convite aos professores e professoras para viverem com as crianças experiências brincantes na e com a natureza.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desemparedar a infância em uma sociedade adultocêntrica, ainda marcada por uma educação bancária em que a maioria dos professores e professoras é quem ensina o conteúdo, quem fala, quem ordena, quem sabe a resposta e as crianças compreendidas como seres de adaptação que estão à mercê dos interesses do mundo adulto, constitui-se em um ato transgressor. Assim, desemparedar a infância implica na revisão de conceitos sobre o que é ser criança em nossa sociedade e sobre a importância do brincar na creche como linguagem de expressão livre, uma vez que o que entendemos sobre a criança e sobre o brincar torna-se um fator determinante para pensarmos o desemparedamento da infância na creche.

A partir das concepções sobre a criança e o brincar, faz-se necessário (re)qualificar uma educação para as crianças pequenas que rompa com o modelo escolar hegemônico, que procura enquadrá-la para viver o tempo e o espaço do adulto. Tal intento requer reflexões constantes sobre o reconhecimento da criança como sujeito de direito, social, cultural e sobre as organizações, contextos e ações dentro da creche, adicionando o valor das interações, das brincadeiras e do aprender na e com a natureza como potência de experiências exitosas e desejadas pelas crianças na creche. Sendo assim, permite-se a elas usarem seus próprios saberes e habilidades, reafirmando, assim, o protagonismo infantil, visto ser a creche um lugar que não prepara para a vida adulta, mas um lugar em que a criança possa viver sua infância de forma plena, em contextos de possibilidades brincantes, potencializando o seu agir.

Assim, a conotação do termo “desemparedar” vai muito além de desconsiderar as paredes de cimentos das salas de aulas e das escolas, é um desemparedar conceitos, concepções e ideias sobre infância e educação de crianças bem pequenas, como relatou a professora Cristal: “[...] eu posso levar meus alunos para o espaço externo e continuar emparedando-os com minhas regras, ações, imposições, minhas opiniões, meus saberes, meu controle e disciplina”.

Para desemparedar, é preciso ter uma escuta atenta e sensível à criança, é escutá-la através de suas “cem linguagens” e ser afetado(a) por suas leituras de mundo, por seus interesses, saberes, desejos, o que exige que os(as) docentes a acolham e a respeitem em sua alteridade. Neste horizonte, escutar a criança só é

possível através do diálogo estabelecido a partir de relações horizontais, isso porque para escutar e ser escutado, em todos os sentidos, faz-se necessário ter humildade.

Na defesa de que todos e todas têm direito a dizer sua palavra, desemparedar significa respeitar e criar condições para que meninos e meninas possam expressar-se. Portanto, implica em dialogar com as crianças de modo a conhecer suas leituras de mundo, isso porque o diálogo é uma exigência da existência humana, um encontro entre sujeitos (adultos/as e crianças) e requer o reconhecimento e valorização do(a) outro(a) (FREIRE, 1987).

Por entender que o desemparedamento da infância se faz cada vez mais necessário e urgente, que temos de superar as dificuldades que estão postas no intuito de romper com as paredes, visíveis e invisíveis, que cerceiam as crianças na creche, esta pesquisa teve como pergunta norteadora: como vem sendo construído o desemparedamento da infância em uma creche da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul?

Neste sentido, com o objetivo de compreender como vem sendo construído este “desemparedamento da infância”, a investigação teve os seguintes objetivos específicos: I) identificar e analisar as possibilidades e desafios de desconsiderar as paredes de cimento das salas convencionais da creche, tendo os espaços externos aliados à natureza como ambientes brincantes; II) Identificar quais as compreensões das professoras e gestoras acerca do brincar na e com a natureza; III) Verificar as compreensões das professoras e gestoras sobre o “desemparedamento da infância” na creche.

Os relatos advindos das entrevistadas, em sua grande maioria, concebem uma imagem positiva e potente de criança, reconhecendo-a como sujeito social e de direitos, e que, portanto, deve ser protagonista na construção dos seus saberes e conhecimentos, o que vai ao encontro do que defende o currículo do município e o projeto político-pedagógico da creche em que a pesquisa ocorreu.

Docentes e gestoras, consonantes com o que assevera a legislação nacional e municipal que rege a educação infantil, reconhecem a importância dos tempos e espaços para o brincar no cotidiano da creche para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, independente da faixa etária, ressaltando ser um direito que deve ser assegurado e não apenas uma ação tolerada e controlada com poucos minutos ou voltada unicamente para fins pedagógicos ou recompensa por um bom comportamento.

Porém, ao analisarmos os resultados dessa pesquisa, nos deparamos com uma contradição, em que as entrevistadas reconhecem os espaços externos em meio à natureza como um espaço que encanta e é desejado pelas crianças para assim para construírem suas aprendizagens. Por outro lado, tais entrevistadas também demonstram insegurança e medo com relação às crianças pequenas se machucarem com os elementos da natureza ou ficarem doentes com banhos de chuvas, brincadeiras com água ou mesmo de saírem dos espaços fechados no tempo frio.

Outro aspecto identificado para o afastamento das crianças da natureza diz respeito à “sujeira” que ela oferece, pois segundo Ágata e Cristal, os responsáveis pelas crianças pequenas não gostam que elas se sujem e sujem suas roupas com terra, lama e areia. Pérola alega também que a rotina da creche, com os horários de entrada, trocas, refeições e descansos sem flexibilidade dificultam uma maior interação com a natureza. E Jade pontua a dificuldade em controlar a disciplina das crianças nos espaços externos, livres, em meio à natureza.

Observa-se pela análise dos dados que as entrevistadas reconhecem a importância do “desemparedamento da infância” na creche, contudo apresentam todos estes fatores acima mencionados como dificultadores para uma ação mais efetiva. Os dados também revelam que, apesar destas dificuldades, algumas professoras, mesmo que timidamente, vêm construindo contextos brincantes em meio à natureza, como é o caso de Rubi, Pérola e Ágata, além da professora-pesquisadora que há quatro anos vem desenvolvendo este trabalho.

Desse modo, constata-se que há muito a ser feito para que o “desemparedamento da infância” na creche se efetive verdadeiramente. Daí a necessidade de repensar os tempos e espaços externos para as interações e o brincar como lugares que favorecem diversas explorações, experiências e aprendizagens, pois a natureza é um convite à aventura com infinitas possibilidades, sem imposição, permitindo a expressão livre das diferentes linguagens como forma de aumentar a potência de agir da criança, por ser algo que a alegra. Nesse processo, faz-se urgente romper com a cultura do medo que, ao provocar um excesso de cuidados,

[...] resulta em constrangimentos sociais que impedem os familiares e/ou demais adultos(as) responsáveis pelas crianças a incentivarem experiências consideradas perigosas ou arriscadas” (SOUZA, 2020, p. 43), dentre estas experiências estão aquelas relacionadas à natureza.

Chegamos ao final desta pesquisa com a sensação de inacabamento, ou seja, algo que continua sendo construído e alimentado pelas possibilidades de um

desemparedamento contínuo de nossas reflexões, ações, atitudes e concepções frente às crianças pequenas e sua educação de crianças pequenas. É o desconstruir constantemente o que está posto, pensando em uma educação a partir da perspectiva de “experiência” (BONDÍA, 2002), como algo que nos encanta, nos toca, nos modifica, nos transforma, uma vez que a educação em si subentende uma transformação.

Nesta perspectiva, ousamos dizer que as creches devem constituir-se em viveiros de experiências brincantes que desafiam as potências criadoras das crianças e que nos afetam e transformam, e não simplesmente local de excesso de informações que aniquilam as vivências e os bons encontros.

Essa pesquisa não tem a intenção de ser um manual para o(a) professor(a) de Educação Infantil e nem uma receita pedagógica pronta, é apenas um convite à reflexão acerca dos espaços externos aliados à natureza como um ambiente rico em possibilidades brincantes para a criança viver a plenitude da infância e, ao mesmo tempo, ser protagonista na construção de suas aprendizagens, reconhecendo o que a natureza tem a nos oferecer e o que temos a oferecer a ela.

REFERÊNCIAS

- BARBIERE, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Maria Izabel A. de. **Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza** (org). Rio de Janeiro: Alana, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única. Infâncias berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Declaração dos Direitos da Criança**. Proclamada pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386(XIV), de 20 de novembro de 1959.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei Federal n 8069/90**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990.
- BRASIL. **Lei n 9.394**, de 20 de dez.1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Ministério da Educação. 1996.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 1998.
- BRASIL. **Indicadores de Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. **Critérios para um atendimento em Creches que respeite os Direitos Fundamentais das Crianças**. Ministério da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL, **Brinquedos e brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica**. Ministério de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRASIL, **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Ministério da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BUITONI, Dulcília S. **De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte**. São Paulo: Ágora, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas sociais**. 11ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORNELL, Joseph. **Guia de atividades para pais e educadores**. São Paulo: Aquariana, 2008.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CREE, Jon; MCCREE, Mel. A brief history of roots of forest school in the UK-part 2. **Horizons**, Carlisle, n 62, p.32-35, 2013.

CRUZ, Maria, C.M.T. **Para uma educação da sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos**. 2005. 196f. Dissertação de Mestrado em Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

FARIA, Ana Lúcia G. de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; PALHARES, Marina S. (Org.). **Educação Infantil pós -LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 67-99.

FARIA, Ana Lúcia G. de. Pedagogia do lugar: pequena coleção para colaborar na construção e ocupação dos territórios da infância, In: FARIA, Ana Lúcia G. de; MELLO, Suely A. (Org.). **Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para crianças pequenas**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2009, p.97-118.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Editora Plano, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLM, Anna Marie. **Baby-Arte: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

HOLM, Anna Marie. **Eco-arte com crianças**. São Paulo: Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2015.

HOYUELOS, Alfredo. Os tempos da infância. In: FLORES, Maria Luiza R.; ALBUQUERQUE, Simone S de. **Implantação do PROINFÂNCIA no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 39-56.

HOYUELOS, Alfredo. Cultura da infância e âmbito da brincadeira. In: HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María A. **Complexidade e relações na educação infantil**. São Paulo: Phorte, 2019.

KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2009, p.15-48.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, nov. 2010.

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito do devir-criança. In: KOHAN, Walter O. (org.) **Lugares da Infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&, 2004, p.51-68.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Anped, n. 19, p.20-28, jan./abr.2002.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.183-198.

LIMA, Mayumi S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LUDKE, Menga, André, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 25-44.

MANZINI, José Eduardo. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: MANZINI, J. E. **A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**. São Paulo: Unesp de Marília, 2010.

MARCELINO, Nelson C. **Pedagogia da animação**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MARTINS, Rita de Cássia. **A organização do espaço na educação infantil: o que contam as crianças?** 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

MELO, Rozana M.B. **Uma educação infantil centrada no brincar: a experiência da Te-Arte**. 2011. 157f. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira- Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

NAVARRO, Mariana. S. O Brincar na educação infantil. In: **IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE - III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Paraná: EDUCERE, 2009. Anais... v.1, p.2123-2127

NOAL, Mirian L. **As crianças Guarani/Kaiowa: O mitã reko na aldeia Pirakuá/MS**. 2006. 386f. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2006.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa V. Organização dos ambientes para os bebês - o olhar atento. In: ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa V. (Org.). **Interações: ser professor de bebês**- cuidar, educar e brincar, uma única ação. São Paulo: Blucher, 2012. pp.61-78.

OSTETTO, Luciana E. **Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica**. Papirus editora, 2018.

PARRINI, Chiara. Ocasões e protagonismo: o fazer e o saber das crianças no cotidiano. In: FORTUNATI, Aldo (Org). **Por um currículo aberto ao possível: protagonismo das crianças e educação**. San Miniato: Editora Buqui, 2017.

PEREIRA, Maria Amélia P. **O professor: uma pessoa guardada e aguardada**. São Paulo: Editora Vozes, 1981.

PEREIRA, Maria Amélia P. **Casa Redonda: uma experiência em educação com crianças**. São Paulo: Editora Livre, 2019.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

PINTO, Maria Raquel B. Tempo e espaços escolares: o (des)confinamento da infância. In: QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana C. (Org.). **Participar, Brincar e Aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara SP: Junqueira&Marin; Brasília, DF: CAPES, 2007, p.91-115.

PIORSKI, Gandhy. **O brinquedo e a imaginação da terra: um estudo das brincadeiras de chão e suas interações com o elemento fogo**. Paraíba: UFPB, 2013.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RINALDI, Carla. Ensaios e contribuições: O ambiente da infância. In: CEPPI, Giulio; ZINI, Michele (Org.). **Crianças, espaços, relações**: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.pp. 121-128.

RINALDI, Carla. Documentação e avaliação: qual a relação? In: Tornando visível a aprendizagem crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RIOLI, Thyssie O. **Pátio escolar coberto**: a qualidade ambiental, estética e funcional em escolas de Educação Infantil. 2016. 104 f. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.

RONDON, Cíntia R. **Pátios invisíveis**: a dimensão do verde na Educação Infantil. 2014. 449 f. Dissertação Mestrado em Educação- Departamento de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

SANTOS, Zemilda do C. W. do N. dos. **Criança e a experiência afetiva com a natureza**: as concepções nos documentos oficiais que orientam e regulam a Educação Infantil no Brasil. 2016. 230f. Tese (Doutorado em Educação) – Vice-Reitoria de Pós- Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Universidade do Vale do Itajaí, 2016.

SÃO CAETANO DO SUL, **Currículo Municipal de Educação de São Caetano do Sul, 2020, São Caetano do Sul, 2020.**

SÃO CAETANO DO SUL, **Projeto Político Pedagógico da E.M.I. Alfredo Rodrigues**, São Caetano do Sul, 2020.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.12, n.21, 2003.

SARMENTO, Manuel J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas na Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel J; CERISARA, Ana B. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa Editores, 2004, p. 9-34.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n.91, p.361-378, maio/ago. 2005.

SIERRA, Jordi F. **Kafka e a boneca viajante**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SILVA, Marta R. P. da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. **Cadernos de Educação**, n. 58, p.83-100, 2017.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12370/8365>>

Acesso em 10 maio 2020.

SILVA, Marta R. P. da; FRANCESCHINI, L. Apenas brincando? Brinquedos e brincadeira na educação infantil: o que dizem as educadoras? **Dialogia** (UNINOVE. Impresso), São Paulo, v.33, p. 218-232, 2019.

SILVA, Marta R. P. da. E os bebês?: quando os bebês interrogam a nossa docência. **Revista Teias**, v. 21. n. 61, p. 274-286, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/43792/33599>. Acesso em 15 maio 2020.

SILVA, Marta R. P.; FASANO, Jason M. **Paulo Freire e a educação das crianças**. (Org.). São Paulo: BT Acadêmica, 2020.

SOUZA, Camila L. **Percepções de professores**: sobre o brincar arriscado na pré-escola. 2020. 127f. Dissertação de Mestrado em educação. USCS, São Caetano do Sul, 2020.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. 247f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, Léa. **Criança Natureza e Educação Infantil**. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio. GT Educação de Crianças de 0 a 6 anos. 2006.

TIRIBA, Léa. As crianças da natureza. Brasília, **Portal do MEC**, 2010.

TIRIBA, Léa. Educação infantil entre os povos de Tupinambá de Olivença. In: Reunião Anual da ANPEd, 34., 2011, Natal. **Anais eletrônicos** Natal: ANPEd, 2011. p.1-16.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA, Aínda; TIRIBA, Léa (Org.) **Direito ao ambiente como direito à vida**: desafios para a educação em Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2014.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa. **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018b.

TOLEDO, Maria L. P. B. de. **Relações e concepções de crianças com/sobre a natureza**: um estudo em uma escola municipal. 2010. 125f. Dissertação de Mestrado em Educação Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

WEFFORT, Madalena F. **Observação, registro, reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A

Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE MUNICIPAL
DE SÃO CAETANO DO SUL -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche.

Pesquisador: VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 36537120.6.0000.5510

Instituição Proponente: Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.323.212

Apresentação do Projeto:

Introdução:

Esta pesquisa surge de inquietações e reflexões acerca das crianças pequenas passarem seus dias nas creches e pré-escolas em espaços fechados por longos períodos, muitas vezes sem acesso às janelas e com pouco, ou nenhum, tempo e espaço para brincar e interagir com liberdade em contato com a natureza, tendo, assim, seus corpos disciplinados por rotinas rígidas, que desconsideram a criança como sujeito cultural e social, com vontades, desejos e interesses próprios.

Infelizmente, o modelo hegemônico de escola ainda prevalece na maioria das instituições educacionais em nossa sociedade capitalista, onde se observa a pouca importância destinada ao brincar nos currículos, a compreensão do(a) professor(a) como único(a) detentor(a) do conhecimento e a criança como um ser incapaz de participar das decisões que dizem respeito à sua vida, incapaz de saber o que é bom para si e para o coletivo; enfim, "uma tábula rasa".

Partindo da premissa que a criança é um ser potente, que interage, explora, experimenta, lê e interpreta o mundo desde o momento de seu nascimento, quando chega à creche ou à pré-escola ela já possui uma história de vida e muitos saberes que precisam ser considerados.

As crianças, no interior das instituições educacionais, vêm demonstrando a urgência de se romper com as paredes de cimento das salas de aula convencionais, escolhendo os espaços externos aliados à natureza como cenário para as suas vivências, descobertas e aprendizagens, resultando

Endereço: Rua Santo Antonio, 50	CEP: 09.521-160
Bairro: Centro	
UF: SP	Município: SAO CAETANO DO SUL
Telefone: (11)4239-3282	Fax: (11)4221-9888
	E-mail: cep.uscs@adm.uscs.edu.br

Continuação do Plano: 4.323.212

no que a pesquisadora educadora e ambientalista Léa Tiniba (2018) chama de "desemparedamento da infância".

A escola, muitas vezes, não é vista como um lugar de encontro e não valoriza as interações, a curiosidade e os desejos das crianças, constituindo-se como um lugar com organizações rígidas, atividades em espaços fechados, sendo tão somente o(a) adulto(a) que escolhe, organiza e planeja o que, quando e como a criança irá aprender. Observa-se o "furto do lúdico" (MARCELLINO, 1989, p. 60), em que os tempos, os espaços e os materiais são pensados e organizados a fim de priorizar o silêncio e a disciplinar os corpos infantis.

Dando visibilidade às vozes das crianças e tendo uma escuta sensível à elas, reconhecemos que para elas o melhor lado da escola é o lado de fora (os espaços externos aliados à natureza), talvez por libertar os corpos, quase sempre condicionados por formas de disciplinamento, propondo momentos de liberdade e alegria onde o brincar e as interações acontecem de forma plena, prazerosa e significativa, experimentando, manifestando e construindo suas culturas. Assim fica claro que, se para muitos(as) adultos(as) o lugar ideal para aprender é a sala de aula, para as crianças, que conheço e convivo, são os espaços externos aliados à natureza.

A natureza traz um universo de possibilidades e encantamento para as crianças, pois além de ser um espaço de convivência com diferentes formas de vida, é um convite à aventura e à descobertas a partir das experiências vivas, sentidas, sensíveis que nos transformam e nos deixam marcas, tamanho é o encantamento que produz em nós, pois são viveiros de investigações e aprendizagens pela riqueza de diversidade que existe nesse contato, como as nuances de cores, texturas, formas, odores, temperaturas, sons e sabores. As crianças precisam e merecem viver esses encontros recheados de potências com a natureza, pois só poderão amar e preservar aquilo que conhecem e convivem.

Nesse sentido, considerando as crianças como protagonistas no seu processo de socialização e aprendizagem, uma vez que elas são exploradoras, investigativas, criativas e anseiam por desvelar o mundo ao seu redor, escolhendo os ambientes externos para suas interações e vivências dentro da instituição escolar, e tendo como pergunta orientadora: Como vem sendo construído o "desemparedamento da infância" em uma creche da Rede Municipal de São Caetano do Sul?

Metodologia:

Frente aos objetivos desta investigação, optamos pela pesquisa qualitativa, uma vez que ela possui caráter descritivo e como finalidade explicar uma situação. As necessidades emergentes desse tipo de pesquisa presume a inserção do(a) pesquisador(a) no contexto e nas circunstâncias presentes em que acontecem o problema, assim, o(a) pesquisador(a) é indispensável no processo de

Endereço: Rua Santo Antonio, 50

Bairro: Centro

CEP: 09.521-160

UF: SP

Município: SÃO CAETANO DO SUL

Telefone: (11)4239-3282

Fax: (11)4221-9888

E-mail: cep.uscs@adm.uscs.edu.br

Continuação do Parecer: 4.325.212

conhecimento, pois precisa compreender o fenômeno e interpretar seus valores atribuindo-lhes um novo significado.

Segundo Chizzotti (2010), nessa abordagem, o(a) pesquisador(a) deve manter uma relação íntima com o objeto pesquisado para apreender, observar e analisar as interações entre os sujeitos e suas manifestações, o foco está na percepção de crenças, valores e significados e no esclarecimento da dinâmica das relações entre os sujeitos envolvidos em uma mesma realidade que não pode ser quantificada, apenas descrita. Em seus estudos, o autor observa que:

O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. (CHIZZOTTI, 2011, p. 82)

Assim, usar a pesquisa qualitativa para investigar como vem sendo construído o "desemparedamento da infância" em uma creche da Rede Municipal de São Caetano do Sul, pressupõe que a pesquisadora participe deste contexto em interação com os sujeitos (professoras e gestoras), para, ao acompanhar o universo de emoções, percepções, sensações e sentimentos, poder analisar, refletir, interpretar e, assim, ter uma compreensão mais elaborada do fenômeno, isso porque, quando nos relacionamos com a realidade observada e sentida construímos outras compreensões.

Bogdan e Biklen (1994, p. 51) destacam que:

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências e ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os receptivos sujeitos, dado estes a serem abordados por aqueles de forma neutra.

Compreenda-se "forma neutra" como a premissa que os(as) investigadores(as) devem esforçar-se intelectualmente por abolir qualquer tipo de preconceitos e evitar qualquer hipótese previamente formulada sobre as ações, emoções e comportamentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O método da pesquisa será um estudo de caso, que tem como objetivo compreender como vem sendo construído o "desemparedamento da infância" em uma creche. O foco do estudo de caso é investigar um fenômeno contemporâneo em profundidade, em vez de um fenômeno histórico (YIN, 2015).

Nesta investigação, o caso será uma creche da Rede Municipal de São Caetano do Sul. Um fator

Endereço: Rua Santo Antonio, 50

Bairro: Centro

CEP: 09.521-160

UF: SP

Município: SÃO CAETANO DO SUL

Telefone: (11)4239-3282

Fax: (11)4221-9888

E-mail: cep.uscs@adm.uscs.edu.br

Continuação do Parecer: 4.323.212

Importante pela decisão da metodologia ser um estudo de caso está relacionado ao fato das professoras realizarem os contextos de aprendizagem e algumas ações da rotina em meio à natureza nos espaços externos da creche, em que as crianças vivem, interagem, investigam, brincam e constroem seus conhecimentos e produzem suas culturas através das experiências em meio aos ambientes e elementos naturais.

Segundo André (2008), o estudo de caso deve ser examinado cuidadosamente pela observação participante, para que se busque conhecer, em profundidade, algo particular, algo que seja digno de ser pesquisado. Nesta mesma linha de pensamento, Gil (2002) define o estudo de caso como uma investigação exclusiva que requer uma análise profunda e exaustiva de um ou poucos objetos, a fim de que permita um amplo e detalhado conhecimento, entendendo seu contexto e suas diferentes dimensões.

Yan (2015) destaca que a escolha pelo estudo de caso advém da pergunta de pesquisa buscar explicar alguma circunstância presente "como" e "por que" em algum fenômeno social ou quando as questões demandarem uma descrição extensa e profunda do fenômeno social. Nesse sentido, esta pesquisa tem como pergunta orientadora: como vem sendo construído o "desemparedamento da infância" em uma creche da Rede Municipal de São Caetano do Sul?

Os procedimentos metodológicos a serem utilizados serão: a análise da documentação pedagógica e documentos oficiais da creche e entrevistas com as cinco professoras e duas gestoras da creche, tendo a documentação pedagógica (fotos, filmagens e relatórios reflexivos) dos anos anteriores como disparadores para a coleta dos dados.

De acordo com Ludke e André (1986), a escolha dos documentos para análise de seu conteúdo e obtenção de dados tem o propósito de aumentar o conhecimento sobre o tema pesquisado, se tornando uma fonte rica de informação. A partir de uma análise sistemática dos dados recolhidos é necessário organizar através de categorias a fim de examinar minuciosamente o material de cada categoria descobrindo novos ângulos, aprofundando a visão, refletindo sobre o que relevante e significativo para pesquisa.

A entrevista é um instrumento importante de coleta de dados que, quando criteriosamente planejado e executado, possibilita valiosas contribuições para as investigações científicas, pois viabiliza a interação e o diálogo entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. "A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos." (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 39).

Para a execução das entrevistas será adotado o modelo semiestruturado, "[...] que se desenrola a

Endereço: Rua Santo Antonio, 50

Bairro: Centro

CEP: 09.521-160

UF: SP

Município: SÃO CAETANO DO SUL

Telefone: (11)4238-3282

Fax: (11)4221-9888

E-mail: cep.uscs@adm.uscs.edu.br

Continuação do Parecer: 4.323.212

partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça necessárias adaptações." (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 40).

O roteiro que norteará a entrevista será elaborado com base na problemática da pesquisa. Os dados coletados serão registrados por meio das anotações da pesquisadora frente as respostas das entrevistadas e filmagens para posteriores transcrições e análises, de modo a não perder detalhes importantes e ter maior acuidade. "É indispensável que o entrevistador disponha de tempo, logo depois de finda a entrevista, para preencher os claros deixados nas anotações, enquanto a memória está quente" (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.44).

A partir do delineamento da pesquisa, tendo como embasamento o objeto da investigação, farei encontros virtuais com as professoras participantes para a realização das entrevistas semiestruturadas no período entre os meses de agosto e setembro. Análise de dados:

Para a análise dos documentos oficiais, a documentação pedagógica e as entrevistas serão criadas categorias à luz do referencial teórico, dialogando o que está explícito nos documentos oficiais e na documentação pedagógica com as falas das professoras e gestoras, a fim de entender como vem sendo construído o "desemparedamento da infância" na creche pesquisada.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como vem sendo construído o "desemparedamento da infância" em uma creche da Rede Municipal de São Caetano do Sul.

Objetivo Secundário:

- Identificar e analisar as possibilidades e desafios de desconsiderar as paredes de cimento das salas convencionais, tendo os espaços externos aliados à natureza como ambientes brincantes;
- Identificar quais as compreensões dos(a) educadores(a) da creche acerca das interações e do brincar na e com a natureza;
- Verificar de que modo as interações e o brincar na e com a natureza potencializa o agir das crianças evidenciando novas aprendizagens e contribuindo para uma educação para a liberdade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco foi adequadamente apontado, conforme descrito a seguir: "Os riscos são mínimos, podendo haver algum desconforto durante a realização da entrevista".

Benefícios:

Os benefícios foram adequadamente apontados, conforme descrito a seguir: "Reflexão sobre a prática pedagógica tendo como foco a relação das crianças na e com a natureza, o que poderá

Endereço: Rua Santo Antonio, 50	CEP: 09.521-160
Bairro: Centro	
UF: SP	Município: SAO CAETANO DO SUL
Telefone: (11)4239-3282	Fax: (11)4221-9888
	E-mail: cep.uscs@adm.uscs.edu.br

Continuação do Parecer: 4.325.212

acarretar em uma revisão do cotidiano da creche no sentido de "desemparedar" a infância".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide item "Conclusões ou pendências e lista de inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória apresentados contemplam a Resolução CNS/MS 510/16.

Recomendações:

Vide item "Conclusões ou pendências e lista de inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1. Quanto ao TCLE

1.1. Solicita-se que os procedimentos adotados estejam explicitados de forma clara (Resolução CNS no. 510 de 2016). O TCLE, em seus diferentes formatos, deverá conter esclarecimentos suficientes sobre a pesquisa, incluindo a justificativa, os objetivos, os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre os métodos a serem utilizados, em linguagem clara e acessível, aos participantes da pesquisa, respeita a natureza da pesquisa. Ou seja, o TCLE deve conter as informações necessárias para o participante compreender sua participação, com linguagem que ele possa entender – não deve ser uma cópia do projeto de pesquisa.

ESTA SOLICITAÇÃO FOI ATENDIDA.

1.2. O TCLE apresentado não deixa claro para quem será submetido, se para professoras e gestoras ou para os pais das crianças da creche. Se for para os pais, deve ser refeito, direcionando as informações a eles.

ESTA SOLICITAÇÃO FOI ATENDIDA.

2. Apresentar o Termo de Uso de Banco de Dados e TCLE dos responsáveis pelas crianças.

ESTA SOLICITAÇÃO NÃO FOI ATENDIDA, MAS FOI JUSTIFICADO O NÃO ATENDIMENTO.

3. Apresentar carta de anuência da Creche ou da Secretaria da Educação.

ESTA SOLICITAÇÃO FOI ATENDIDA.

4. Atualizar o cronograma.

ESTA SOLICITAÇÃO FOI ATENDIDA.

5. Corrigir a Folha de Rosto, quanto à Resolução 510/16.

ESTA SOLICITAÇÃO NÃO FOI ATENDIDA, MAS FOI JUSTIFICADO O NÃO ATENDIMENTO.

6. Solicita-se que as respostas sejam enviadas de forma ordenada conforme os itens das considerações deste parecer, destacando a localização das possíveis alterações realizadas nos documentos do protocolo, inclusive no TCLE.

Endereço: Rua Santo Antonio, 50

Bairro: Centro

CEP: 09.521-160

UF: SP

Município: SAO CAETANO DO SUL

Telefone: (11)4239-3282

Fax: (11)4221-9888

E-mail: cep.usca@adm.uscs.edu.br

UNIVERSIDADE MUNICIPAL
DE SÃO CAETANO DO SUL -



Continuação do Parecer: 4.323.212

ESTA SOLICITAÇÃO FOI ATENDIDA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Encaminhar ao CEP os relatórios parciais e final em forma de notificação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1608833.pdf	02/10/2020 11:12:37		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLÉcriancas.docx	02/10/2020 11:11:57	VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLÉadulto.docx	02/10/2020 11:11:42	VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	02/10/2020 11:09:40	VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO	Aceito
Outros	anuencia.pdf	02/10/2020 11:07:52	VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO	Aceito
Outros	pendencias.docx	02/10/2020 11:05:43	VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO	Aceito
Folha de Rosto	plataforma.pdf	12/08/2020 13:06:53	VIVIANE GRACIELE DE ARAUJO VALERIO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Santo Antonio, 50
Bairro: Centro **CEP:** 09.521-160
UF: SP **Município:** SAO CAETANO DO SUL
Telefone: (11)4239-3282 **Fax:** (11)4221-9888 **E-mail:** cep.uscs@adm.uscs.edu.br

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convite para participação em pesquisa

Eu, Viviane Graciele de Araujo Valerio, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Educação, 2020, orientada pela Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva, venho convidá-lo(a) a participar do projeto intitulado “As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche”, que tem como finalidade a elaboração de uma dissertação de mestrado, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

O tema desta pesquisa versa sobre a importância do contato das crianças com a natureza, tendo como foco as interações e o brincar, sendo esses os eixos de trabalho na Educação Infantil. A perspectiva é da construção de uma narrativa sobre como vem ocorrendo esse trabalho na creche, o que temos chamado de “desemparedamento da infância”. A participação de todos e todas envolvidos nesta narrativa será muito importante para esse estudo. Ao aceitar este convite, pedimos que leia o termo de consentimento livre e esclarecido, apresentado a seguir.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância “desemparedada” na creche.

Nome da pesquisadora responsável: Viviane Graciele de Araujo Valerio

Esta pesquisa intenta compreender como vem sendo construído o “desemparedamento da infância” na creche, ou seja, como tem sido realizado no interior da creche um trabalho que prime pela relação das crianças com a natureza, através de suas interações e do brincar. Ela surge de inquietações, estudos e reflexões acerca das crianças pequenas passarem seus dias em espaços fechados por longos períodos, muitas vezes com pouco, ou nenhum, tempo e espaço para brincar e interagir com liberdade em contato com a natureza, o que vem provocando o distanciamento desta relação criança-natureza. O método a ser utilizado é o estudo de caso, tendo por procedimentos metodológicos: análise da documentação pedagógica, do currículo do município de São Caetano do Sul e o projeto político-pedagógico da creche; entrevistas com cinco professoras e duas gestoras da creche.

A sua participação será através de entrevista, que ocorrerá através do aplicativo meet.google.com, com dia e horário agendado anteriormente com você, e terá uma duração prevista de aproximadamente 1 (uma) hora. A entrevista será gravada, transcrita e depois de dois anos passados a pesquisa, a mesma será descartada.

Esta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Seus riscos são mínimos, podendo haver algum desconforto durante a realização da entrevista, mas caso isso ocorra, você deverá comunicar à pesquisadora para que sejam tomadas as medidas necessárias.

Como benefícios, observa-se a possibilidade de reflexão sobre a prática pedagógica, tendo como foco a relação das crianças na e com a natureza, o que poderá acarretar em uma revisão do cotidiano da creche no sentido de “desemparedar” a infância.

Os procedimentos adotados obedecem aos critérios de ética em pesquisa conforme a Resolução no. 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

Você tem a liberdade de se recusar a participar ou a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo para você. Sempre que quiser você poderá pedir informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto que consta no final deste documento e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da USCS que é (11) 42393282, de segunda a sexta das 8h às 12h, situado na Rua Santo Antônio, 50, Centro de São Caetano do Sul, CEP 09521-160.

As informações desta pesquisa são confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação da sua participação, exceto para as responsáveis pelo estudo. Os resultados obtidos nessa pesquisa poderão ser publicados com fins científicos, mas sua identidade será mantida em sigilo.

Não haverá nenhum custo ou benefício financeiro para você. Você terá direito a buscar indenização ou ressarcimento caso você se sinta prejudicado em decorrência desta pesquisa.

Estando de acordo com este termo pedimos o seu consentimento para participar da pesquisa.

Nesse sentido, por favor, assinale em “concordo”.

Concordo com tudo o que foi escrito acima e me declaro maior de idade (idade igual ou superior a 18 anos).

Agradecemos desde já sua participação. Você tem interesse em receber os resultados deste estudo?

Sim Não

E-mail: _____

Nome do(a) Pesquisador(a): Viviane Graciele de Araujo Valerio	
Telefone de contato: 11 9416-04609	
Email: vivianegracieledearaujo@yahoo.com.br	
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa	Profª Drª Celi de Paula Silva
Vice Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa	Prof. Dr. Arquimedes Pessoni
Telefone do Comitê: (11) 42393282	
Endereço do Comitê: Rua Santo Antônio, 50, Centro – São Caetano do Sul	
Email do Comitê de Ética em pesquisa: cep.uscs@adm.uscs.edu.br	

APÊNDICE C

Roteiro de entrevista – Gestoras/Professoras

PERFIL DAS GESTORAS/PROFESSORAS:

- 1) Nome (não será divulgado):
- 2) Unidade Escolar:
- 3) Faixa Etária:
 - () 20 a 30 anos
 - () 31 a 40 anos
 - () 41 a 50 anos
 - () 51 a 60 anos
 - () Acima de 60 anos
- 4) Gênero: () Feminino () Masculino () Outro () Prefere não dizer
- 5) Formação Acadêmica:
 - () Magistério
 - () Graduação em Pedagogia
 - () Outras Graduações. Qual: _____
 - () Pós -Graduação Latu Sensu. Qual curso: _____
 - () Mestrado. Área: _____
 - () Doutorado Área: _____
- 6) Tempo de atuação como gestora/docente no Município:
- 7) Tempo de atuação na área de educação:

PERGUNTAS:

1. Conte um pouco sobre como é ser gestora/professora da creche.
2. Quem são as crianças?
3. O que é a infância para você?
4. Como as crianças vivem a infância na creche?
5. O que é a brincadeira para você?
6. Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?
7. Como as brincadeiras acontecem aqui na creche?
8. Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?
9. O que você pensa sobre a relação criança e natureza?

10. O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?
11. Na sua prática pedagógica, há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza? Poderia contar um pouco como se dá este trabalho? (apenas para as professoras)
12. O que você entende por “desemparedamento da infância”?
13. O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?
14. Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento? Por quê?
15. Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:
 - O que te chama a atenção?
 - O que as crianças estão fazendo?
 - O que as crianças estão aprendendo?





16. Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação crianças, natureza, creche?

APÊNDICE D

Transcrição das entrevistas

Entrevista: Cristal

V - Oi bom dia, tudo bem com você?

C - Sim, tudo bem sim.

V - Primeiro gostaria de te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

C - Você sabe que eu adoro discutir os assuntos da natureza com você, porque sempre aprendo um pouco.

V - Que bom

C - Eu vejo e reflito sobre os desafios desta prática tão linda e rica na natureza com os bebês do berçário.

V - Sim

V - Gostaria que você falasse seu nome completo.

C - Cristal

V - Qual é a sua idade?

C - Eu sou a caçula da creche (pausa/pensamento).

V - Com certeza

C - Eu tenho 27 anos de idade.

V - E qual é a sua formação acadêmica?

C - Eu tenho a graduação em Pedagogia e estou cursando uma Especialização em Educação de 0 à 3 anos, com fundamentos em Emmi Pikler, que tem como base três pilares: o cuidado, o movimento e o brincar.

V - Sim

C - Lembra que sempre conversamos sobre os movimentos, ações e expressões dos bebês?

V - Claro que eu lembro

C - Acredito ser muito importante essas trocas de experiências e esses diálogos que temos sempre que possível. (pausa/pensamento)

V - Sim

C - Você falando da relação das crianças na natureza e eu falando dos bebês. É um alimento para nossas ações diárias com as crianças.

V - Exato

C - São inspirações

V- Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

C - 3 anos.

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

C - 3 anos também, (risos)

V - Legal

C - Tenho aprendido muito nesses 3 anos com realidades diferentes na mesma rede de ensino

V - Que bom

C - Sim com certeza, no meu primeiro ano aqui na Rede eu circulei por muitas escolas substituindo professoras de licença médica.

V - A tá

C - Então conheci bastante EMI e EMEI

V - Entendi

C - Aqui na creche estou a dois anos e me descobrindo, me entendendo e me constituindo neste papel de professora de bebês.

V - Sim.

C - Nestes dois anos tenho ficado sempre com os berçários

V - Conte um pouco sobre como é ser professora da creche?

C - Como eu disse anteriormente (pausa) para mim é tudo muito novo.

V - Sim

C - Percebo que aprendo todos os dias, inclusive com as crianças (pausa) com essas diferentes linguagens dos bebês que falam com o corpo, as expressões, movimento, choros, sorrisos, emoções e muito mais.

V - Sim.

C - Porque quando estão sorrindo é sinal de bem estar, que estão bem, felizes, que está agradável a situação, já quando choram é sinal de algum desconforto, alguma coisa não está bem com os bebês, algum mau estar (pausa), o que pode ser fome, sede, dor, a situação em que eles estão oferece risco, medo.

V - Entendi

V - Quem são as crianças?

C – Criança é aquela que chega com toda aquela potência de agir, aquela potência de vida, tamanha a intensidade de vida pulsando e a infância é a fase das experiências do tempo presente e não fase de preparação para a vida adulta.

V - Sim

C - Quando começam a andar, a comer, a falar parece que nos mostram como a humanidade evoluiu. (pausa) nos mostram como cada um de nós evoluímos em nossa trajetória como humanos.

V - Entendi

C - É muita potência na nossa frente.

V - Sim

C - É uma responsabilidade muito grande, porque se eu estímulo demais eu posso prejudicá-los e se eu não organizar contextos com desafios, parece que eles não evoluem ou melhor que elas não avancem.

V - Sim

C - Espero deixa eu me explicar, pois acho que não fui clara (pausa) eles estão sempre aprendendo, evoluindo (pausa) mas com os estímulos nos diferentes contextos que eu proponho, organizo, eles superam desafios motores com cada vez mais autonomia e segurança, eu estímulo a continuidade da aprendizagem dos bebês.

V - Entendi

V - O que é a infância para você?

C - Eu acho (pausa) é um momento único em nossas vidas (pausa), uma fase de experiências.

V - Sim

C - E nesse momento único “infância” acontecem muitas coisas (pausa). As experiências da infância nos marcam, pois muito do que sou hoje é reflexo da minha infância. Por isso quando eu digo que é um período da vida muito importante e que temos que ter cuidado e responsabilidade, pois como acolhemos, respeitamos e tratamos a criança hoje trará impactos futuros, tanto positivos quanto negativos na sua vida adulta.

V - Exato

C - Por isso o cuidado com nossas falas, atitudes e ações com as crianças integralmente, diariamente, constantemente

V - Sim

C - E outra coisa, infância não é preparação para a vida adulta, como era vista no passado (pausa, assim espero (risos)) a infância é a fase do agora, da experiência do tempo presente, é no agora que toda essa potência de agir e de vida está acontecendo, por isso temos que ouvir a criança agora e não esperar que cresça para ser ouvidas em suas diferentes linguagens.

V - Concordo

C - E ouvir essa criança é (pausa/pensamento) mesmo sendo professora é passar a conviver com aquilo que não sabemos, ou seja, passamos a conviver com a dúvida, com a pergunta, pois percebemos que não temos todas as respostas frente a esse universo de potência infantil

V - Sim

C - Posso falar da minha infância?

V - Claro que sim

C - Minha infância foi muito boa e brincante com os meus irmãos (pausa) também brincávamos com a natureza (pausa) na casa da minha avó tinha bastante natureza e nós adorávamos ficar lá

V - Sim

C - Unia duas coisas muito boas da infância (pausa) carinho, afeto e amor dos avôs e grandiosidade e plenitude da natureza

V - Que legal

C - Sim, era muito bom (pausa) aquele brincar genuíno e pleno com terra, barro, lama, areia, água. Eu também, gostava de experimentar tudo no meu corpo todo, nas pernas, pés, mãos, rosto

V - Que delícia

C - Sim, muito bom (pausa) por isso eu gosto tanto e me encanto com a relação criança e natureza, pois lembro da minha infância na companhia dos meus irmãos e primos (as)

V - Como as crianças vivem a infância na creche?

C - Eu acho que as crianças têm o privilégio de ter muitos espaços bons aqui na creche, muita natureza, as salas são grandes arejadas e muitos espaços externos para o interagir, brincar, experimentar enfim, ser criança.

V - Com certeza.

C - As crianças precisam ser criança, não dá mais para ter escolarização dentro da creche com horários precisos sem flexibilidade, currículo sem sentido para as crianças com projetos, sequencias que não sejam do interesse das crianças.

V - Sim.

C - Por isso as crianças devem ter seus direitos garantidos, em serem ouvidas e respeitadas nos seus interesses (pausa) e eu acho que isso, vem acontecendo aqui na creche.

V - Exato

C - Isso já o começo para ter uma infância feliz e com respeito e o principal, (pausa) com liberdade

V - O que é a brincadeira para você?

C – Brincadeira é algo indissociável de infância e criança (pausa/pensamento). E o principal o brincar é um direito, está em várias leis, como na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Indicadores de Qualidade na Educação Infantil e no Critérios para um Atendimento em Creche que respeite os Direitos Fundamentais das Crianças, além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e a Base Nacional Curricular Comum

V – Sim

C - Os bebês brincam em sua liberdade e inteireza para conhecer o mundo, o brincar permeia todas as ações dos bebês na creche, pois eles aprendem brincando, interagindo e explorando o mundo ao seu redor, o brincar é algo indissociável da criança e é um direito que consta em várias leis.

C - O brincar permeia todas as ações dos bebês, eles experimentam o mundo brincando, eles descobrem o mundo brincando

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

C - O brincar e as interações são premissas para qualquer ação pedagógica na educação infantil (pausa), acho que porque em todos os momentos da creche, eles estão brincando.

V - Sim

C - Eles brincam sempre, mesmo que eu não organizo contextos brincantes eles estão brincando. (pausa) o brincar é a sua linguagem né.

V - Exato

C - Para os bebês tudo é exploração e brincadeira, eles brincam e se socializam, compartilham informações da brincadeira com o olhar (pausa) é lindo de se ver, trocam informações pelos olhares (risos)

V - Imagino

C - Eles conhecem o mundo brincando

V - Sim

C - Eu escutei em um curso que fiz, uma frase que me marcou muito, de tão linda (pausa), diz assim: Quando a criança brinca, ela busca um equilíbrio entre a cabeça e o coração.

V - Lindo mesmo

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

C - Aqui nós temos bons espaços, diria que excelentes, as salas são amplas e os espaços externos são ricos em possibilidades com muita natureza. (pausa) e na natureza nós temos as gramas, a areia, a terra que oferecem diferentes texturas, nós temos as árvores que fazem sombras e sol

V - Sim

C - Pensando em espaços bons aqui na creche (pausa) a organização dos espaços é fundamental para as brincadeiras e aprendizagens (pausa). É o que a Carla Rinaldi chama de terceiro educador

V - Exato

C - O espaço é tão importante que convida, inspira e ensina, pois permite a criança expressar sua criatividade, imaginação e curiosidades. Por isso a importância dos contextos com tempo, espaço e materiais disponíveis ao alcance da criança para ela interagir, brincar e aprender com autonomia.

V - Sim

C - No berçário essa questão dos espaços é um desafio para mim

V - Por quê?

C - Porque eu acredito que as crianças precisam ter referência de espaço e no berçário isso é difícil (pausa)

V - Explique melhor

C - Eu organizo os cantos de aprendizagens e também contextos brincantes, mas na hora do descanso eu preciso desmontar tudo para distribuir os colchões e quando as

crianças acordam o contexto com a mobília não são mais os mesmos (pausa) e isso parece que a brincadeira poderia ter uma continuidade que não tem.

V - Entendi

C - E com isso parece que as crianças não têm referência de espaços para o brincar e dar uma continuidade a sua brincadeira (pausa) alimentar essa brincadeira.

V – Sim

C - Porque o contexto para o brincar nunca é o mesmo

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

C – O encontro com a natureza é um encontro desejado pelas crianças e por isso é um encontro “mágico”, pois não tem como prever de antemão qual será a realidade vivida e sentida: qual será a intensidade do sol, para que lado o vento soprará, em que parte do parque terá sombra, quais as mudanças de temperatura que ocorrerá durante o dia, é tudo uma surpresa vivida intensamente e diariamente.

V - Sim

C- Acredito que essa relação é muito importante, precisamos urgente valorizar esses contextos com áreas naturais (pausa) porque parece que nós perdemos esse contato com a natureza, tudo é plástico, tudo é artificial até a luz que chega até nós é artificial, porque não aproveitar a luz do sol nos espaços abertos, o vento, a sombra das árvores, os sons da natureza?

V - Exato

C - Até o brilho nos olhos diante a investigação do sumiço do gafanhoto na grama do parque e a surpresa seguida da curiosidade e descoberta sobre paradeiro dele é mágico e divertido para as crianças e para nós adultos.

V - Sim

C - Conheço uma frase do Tolstói que diz: há quem passe por um busque e só vê lenha para sua fogueira, ou seja, neste mundo capitalista, não percebemos e sentimos as maravilhas da natureza, o frescor da brisa do vento, os perfumes e cores das flores, a água. Já a criança se maravilha e se encanta com tudo isso, com essas coisas tão simples e tão essenciais

V - Né!

C - Por que não aproveitar os elementos que a natureza nos oferece gratuitamente? como as folhas, pinhas, gravetos, pedras, sementes diversas e frutos como o abacate que temos aqui na nossa creche para o experimentar, explorar, brincar e aprender?

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

C - Eu observo que elas fazem muitas coisas, observam os pequenos animais que ali vivem, coletam sementes, pedras, folhas e flores. Elas exploram e experimentam a natureza com o corpo todo.

V - Sim

C - Exploram com os olhos, as mãos, pés, boca, nariz, orelha, bumbum (pausa) com o corpo todo e em tudo precisam tocar, parece que tem olhos pelo corpo todo, nas mãos, pés, braço, boca (risos)

V - Exato

C - Quando organizamos os ambientes de aprendizagem na natureza, criamos inúmeras possibilidades experienciais para exploração, comunicação e criação de significados, assim, as crianças não ficam confinadas em um único ambiente e consegue comunicar através do brincar e de suas linguagens e dar significado a sua experiência brincantes.

V - Sim

V - Na sua prática pedagógica, há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza? Poderia contar um pouco como se dá este trabalho?

C – como eu fico com os bebês nós vamos as vezes, gostaria de sair muito mais, porque muitas vezes as rotinas rígidas em ambientes com pouco espaços para os movimentos e expressões mais amplas são capazes de minar as potencialidades criativas das crianças e minimizar suas expressões livres através de suas cem linguagens.

V - Como eu fico com os bebês eu tenho um pouco de insegurança de sair da sala todos os dias com os bebês para ir até a natureza (pausa) na verdade vamos todos os dias no solário, que não é bem natureza, porque é fechado e o chão emborrachado.

V - Entendi

C - Na natureza vamos as vezes.

V - Por quê?

C - Temos que nos organizar melhor para levarmos os bebês na natureza (pausa)

V - Explique melhor, por favor.

C - Temos que forrar o chão com lençol ou tapetes, escolher os elementos naturais que não oferecem risco e estarmos bem atentos.

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

C – Desemparedar tem haver em ter um olhar acolhedor e sensível para com os momentos de rotina das crianças pequenas na creche, desde alimentação, troca, descanso realizados de maneira respeitosa e não realizadas de forma mecânica e repetidas. Porque eu posso levar meus alunos para o espaço externo e continuar emparedando-os com minhas regras, ações, imposições, minhas opiniões, meus saberes, meu controle e disciplina.

Entendo como desemparedar (pausa) ouvir e respeitar as crianças em suas leituras de mundo

V - Sim

C - Emparedamento são rotinas rígidas em ambientes com pouco espaços para os movimentos e expressões mais amplas são capazes de minar as potencialidades criativas das crianças e minimizar suas expressões livres através de suas cem linguagens, por isso quero sair mais com meus alunos.

V - Sim

C - Acredito que desemparedar não é somente sair dos espaços fechados e de cimento, é muito mais que isso, é ter um olhar acolhedor e sensível para com os momentos de rotina das crianças pequenas na creche, desde alimentação, troca, descanso realizados de maneira respeitosa e não realizadas de forma mecânica e repetidas.

V - Exato.

C – Eu posso dizer que saio todos os dias da sala de aula e fico muito tempo do lado de fora com as crianças, (pausa) mas se não dou autonomia para meus alunos escolherem e dizerem o que gostam, o que querem, quais os seus interesses, vontades (pausa) eu continuo emparedando, sufocando, por que estou impondo a minha vontade, a minha lógica

V - Exato

C - Essa questão é muito mais interior e profunda do que simplesmente estar do lado de fora, do que desconsiderar as paredes de cimento sem acolher, escutar e respeitar as escolhas e vontades das crianças.

V – Sim, quanta verdade nesta fala

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

C - Volto a dizer, respeitar e colher a criança em toda a sua potência, reconhecê-la como sujeito de direito, social e cultural como realmente ela é, mas além do simples discurso.

V - Exato!

C - E só tendo esta escuta eu reconheço o que é o melhor para ela (pausa) e eu tenho certeza que elas estão sempre dizendo através de suas diferentes linguagens que gostam de brincar livremente, interagir e aprender na e com a natureza, já que temos o privilegio desses espaços aqui na nossa creche.

V - Sim

C - Esse aprendizado sobre o desemparedamento da infância e relação criança e natureza me trará além dos ensinamentos, respaldo para os diálogos com os pais e familiares, e me trará segurança para abordar esse assunto.

V – Sim, com certeza

C – Tenho que estar sempre embasadas teoricamente

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento? Por quê?

C - Acredito que sim, pois em reuniões e encontros pedagógicos, uma das discussões entre gestores e professoras é sobre as concepções de criança e infância e a crianças vem sendo reconhecida como sujeito de direito, sujeito social e o principal sobre a importância da escuta sensível para entendermos essa criança que chega até nós em suas diferentes linguagens.

V - Sim.

V - Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:

O que te chama a atenção?

C - Eu quero brincar também (risos), porque dá vontade de brincar com todas essas delícias (risos). Me chama atenção que as crianças estão felizes, potentes e isso é lindo.

V - Sim

C - E eu quero muito que meus alunos vivam isso, que eles interajam e brincam assim tão livres e tão felizes na e com a natureza.

V - Com certeza

C - Eu preciso estudar e aprender muito para proporcionar essas vivências para os meus bebês.

V - O que as crianças estão fazendo?

C – As crianças estão brincando e aprendendo com o mundo, brincando com as cores, texturas, cheiros, temperaturas e estão felizes, potentes e é isso que eu observo quando elas estão livres interagindo e brincando nos espaços naturais.

V - Sim

C - E além de brincar estão manifestando suas próprias culturas, porque ela brinca com as brincadeiras do mundo adulto (comidinha) e criam suas próprias comidinhas, com cardápios variados, ou seja, criam suas culturas infantis.

V – Com certeza

V - O que as crianças estão aprendendo?

C - Elas estão aprendendo o mundo através da brincadeira, (pausa) aprendendo com as texturas, cores, sabores, aromas (pausa)

V - Sim

C - Olhando a casca do coco eu acho que eles pensam, quanto barro ou lama cabe aqui dentro.

V - Exato

C - Acho que eles colocam as quantidades de terra, areia e água até conseguir a textura exata da culinária.

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

C – Eu sei da importância do interagir, brincar e aprender em espaços abertos, na natureza para o desenvolvimento das crianças pequenas e como elas desejam esses momentos, mas o maior desafio é vencer a preocupação de que os bebês caiam, se machuquem e se sujem, porque as mães reclamam muito.

São muitos os desafios, acredito que as reflexões sobre o que é o verdadeiro desemparedamento da infância é o primeiro desafio.

V - Sim.

C - Depois vamos aos poucos saindo com as crianças das salas e dando a elas autonomia e o protagonismo que elas merecem para escolher quais espaços da creche elas querem ocupar.

V - Sim, com certeza.

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

C - Esse trabalho ou essa pesquisa é linda e esse estudo é urgente em todas as creches e instituições de ensino, porque as crianças de todas as idades merecem

viver esse contato com a natureza e esse desemparedamento da infância. Já que merecem ser protagonistas nos seus processos de aprendizagens dentro das instituições de ensino, porque as creches não podem ser lugares que disciplinam e controlam o corpo (pausa). Devem ser lugar com espaços em que as crianças movimentem seus corpos com liberdade desenvolvendo habilidades para um pensar criativo.

V - Sim

C - Assim a creche deve ser um lugar onde a criança possa falar, ouvir, sentir, ver, pensar, brincar, se movimentar, experimentar através da múltiplas linguagens e expressões com espaços e tempos privilegiados para o brincar livre em todos os espaços da creche.

V - Com certeza

V - MUITÍSSIMO obrigada por participar desta entrevista.

C - Eu é que agradeço por toda aprendizagem

V - Gratidão!

V - Tchau!

C - Tchau.

Entrevista: Rubi

V - Oi bom dia, tudo bem? Quero te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

R - Bom dia Vivi, tudo bem, sim.

V - Vamos lá então...(pausa) primeiro gostaria que você falasse seu nome completo.

R - Rubi.

V- Qual é a sua idade?

R - A minha idade? (pausa/pensando)

R - 42 anos (risos).

V - E a sua formação acadêmica?

R - Eu sou pedagoga e estou pensando em fazer uma pós graduação, estou pensando e escolhendo ainda.

V - Sim, com certeza, é sempre muito bom estudar.

V- Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

R - Deixa eu pensar...é o tempo total?

V - Sim.

R - Tempo total, 15 anos.

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

R - Estou aqui na Rede desde 2014.

V - 6 anos aqui em São Caetano né?

R - Sim, 6 anos já e três aqui no Alfredo Rodrigues.

V - Tá certo!

V - Conte um pouco sobre como é ser professora da creche?

R - É...(pensando)... ter nas mãos a melhor e mais importante fase do ser humano. É estar em um mundo de fantasia, alegria e de muita responsabilidade... (pausa).

Acredito que...(pausa) o professor da creche auxilia o desenvolvimento global das crianças, por isso temos que ter cuidado com nossas ações, pois podemos ajudar, auxiliar ou prejudicar as crianças.

V - Como assim, explique melhor, por favor.

R - Desenvolvimento geral (social, cognitivo, motor etc.)

V - Entendi!

R - E através das brincadeiras, interações e escuta sensível contribui para as capacidades infantis. Ser professora aqui na creche é muito bom, pois temos uma equipe muito boa e o melhor, temos muitos espaços bons ao ar livre para fazer as atividades com as crianças além das salas de aula.

V- Mas, me diga, quem são as crianças?

R - São seres humanos (pausa/pensamento).

V - Não entendi, explique melhor, por favor.

R - Seres humanos como nós, que merecem respeito, carinho, amor e compreensão, afinal estão aqui o dia inteiro sem seus familiares, precisamos acolher essas crianças com respeito.

V - Ah, sim.

V - O que é a infância para você?

R - A infância não é preparação para nada, a infância é vida acontecendo no presente, é vida agora. A criança vive e se expressa no tempo presente, descobrindo o mundo com os olhos, as mãos, a boca, a imaginação.

V - Como as crianças vivem a infância na creche?

R - Eu espero que vivam felizes (risos) já que ficam aqui o dia inteiro. Eu tento dentro da minha rotina e das minhas possibilidades proporcionar espaços lúdicos,

interessantes e desafiadores para que elas vivam suas experiências infantis com alegria e liberdade.

V - O que é a brincadeira para você?

R - O brincar é algo próprio da infância, é um direito, as crianças brincam o tempo todo com tudo que os seus olhinhos podem ver, suas mãos tocar e a imaginação criar e a natureza é um convite para a brincadeira livre, pois os elementos não estruturados como pinhas, gravetos, sementes, folhas, pedras não dizem o que fazer como quando brincam como os brinquedos industrializados. Tudo vira brinquedo nas mãos da criança.

V - Sim

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

R - É muito importante, diria que a atividade principal da criança, é sua forma de comunicação e o que a deixa feliz. Aqui na creche, na minha sala, o brincar tem lugar garantido sempre, estamos a todo momento organizando espaços e materiais para o brincar, seja nos cantos de aprendizagens, nas brincadeiras simbólicas (casinha, escritório, pista e garagem de carros, salão de beleza, mercadinho etc.), nos circuitos com obstáculos e no parque livre.

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

R - Sim, claro...aqui na creche temos muitos espaços externos e muita natureza, tudo aqui é natureza. As crianças adoram brincar livres na natureza. Eu acho que é o espaço preferido das crianças, então acho ser um espaço muito privilegiado para as crianças e para nós adultos também (risos) quem não gosta de ficar e sentir a natureza né, (pausa) o sol, o vento, a temperatura, a luz natural, as árvores. Temos aqui na nossa creche toda essa riqueza, então temos que aproveitar, porque não é toda escola que tem o que temos aqui.

V - Exato.

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

R - O interagir e brincar com a natureza é um encontro com o inusitado, o não habitual, como novo, as crianças ficavam ali frente as sementes, gravetos, pedras, folhas, flores, olhando, pensando, sentindo com as mãos, cheirando, ouvindo, experimentando e conhecendo.

V - Sim

R - A natureza é também importante espaço de socialização porque ali tudo é compartilhado e dividido, nada é meu ou seu, é tudo da natureza, tudo nosso (pausa) as pinhas, sementes, gravetos, pedras, folhas, flores tudo é da natureza e como somos a natureza então é nosso

V - Entendi

R - Já nas salas de aulas as crianças têm mais apego aos brinquedos, tanto dos cantos de aprendizagem: carrinhos, bonecos(as), panelinhas, frutinhas, roupinhas, como das oficinas de convívio, como dos brinquedos disponíveis na brinquedoteca (maker) e sempre há disputas e brigas pelos mesmos objetos, seja carrinhos, bonecas o que não acontece com os elementos da natureza

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

R - O brincar na natureza é muito desejado pelas crianças, elas exploram e experimentam tudo porque estão livres.

V - Sim

V - Na sua prática pedagógica, há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza? Poderia contar um pouco como se dá este trabalho?

R - Sim, tento deixar as crianças bastante em contato com a natureza, no começo foi difícil perceber o quanto a criança aprende livre e com autonomia na natureza, porque aprendemos nas universidades a sermos professores e trabalharmos com conteúdo e não experiências, não aprendemos a respeitar o protagonismo infantil e sim transmitir conhecimento e a dificuldade é mudar isso, pois aprendemos que na sala de aula que o professor dirige as aulas, dita as ordens, dá os comandos do que fazer e a hora de fazer, já na natureza parece que os contextos com intenções pedagógicas deixam as crianças mais livres, pois liberta o corpo para explorar, investigar, interagir, construir e aprender a partir de suas curiosidades, vontades e desejo de conhecer, porque o adulto não diz o que e como fazer, como na sala de aula e isso vamos aprendendo dia a dia.

V - Entendi.

R - As mães não gostam que eles se molhem, se sujem e se machuquem, tratam as crianças como bebês, já no Grupo 3 as mães não reclamam tanto, acho que porque eles são maiores né.

V - Talvez

R - Eu confesso que quando comecei fazer as atividades na natureza com você, no começo foi difícil perceber o quanto a criança aprende livre e com autonomia na natureza, porque aprendemos nas universidades a sermos professores e trabalharmos com conteúdo e não experiências, não aprendemos a respeitar o protagonismo infantil e sim transmitir conhecimento.

V - Sim

R - Mas depois foi percebendo como essa relação com a natureza é prazerosa e sadia para a criança.

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

R – Desemparedar é a educação, a escola, o ensino, a nossa prática nos espaços abertos, ou, longe das paredes de cimentos das salas de aulas, refeitório, ateliê, da brinquedoteca. É deixar as crianças livres para escolher onde preferem ficar, aprender, viver sua infância dentro da creche, poder olhar tudo ao seu redor sem as paredes e sem teto, ouvir o cantar dos pássaros, cheirar as folhas e flores, sentir a terra, areia, lama, barro, argila, pedrinhas e sementes nos pés. Tem uma questão do controle dos corpos, da disciplina das crianças, é como se nos ambientes fechados temos mais controle da sala e na nossa sociedade o adulto adora ter controle de tudo.

R - Sim

A - Tem uma questão do emparedamento da infância ligado ao controle dos corpos, da disciplina das crianças, é como se nos ambientes fechados temos mais controle da sala e na nossa sociedade o adulto adora ter controle de tudo.

V - Sim

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

R - Acredito que...trazer as crianças mais para os ambientes externos longe das paredes, talvez...dar a elas a oportunidade de interagir e brincar muito mais do que o momento de parque com a natureza, já que elas nos mostram através de suas ações, sorrisos, expressões, movimentos, de suas diferentes linguagens que gostam tanto desse encontro.

V - Sim!

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento? Por quê?

R - Acredito que sim. Ainda estamos caminhando, engatinhando (risos). Eu confesso que preciso aprender muito mais sobre o “desemparedamento da infância”. Mas estou me esforçando para que as crianças sejam mais livres e felizes para aprender

brincando aqui na creche, com ações como ficar cada vez mais ao ar livre, brincar com terra, areia, água

V - Sim.

R - Na sala de aula parece que o professor dirige as aulas, dita as ordens, dá os comandos do que fazer e a hora de fazer, já na natureza parece que os contextos com intenções pedagógicas deixam as crianças mais livres para explorar, investigar, interagir, construir e aprender a partir de suas curiosidades, vontades e desejo de conhecer, porque o adulto não diz o que e como fazer, como na sala de aula.

V - Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:

O que te chama a atenção?

V - O que as crianças estão fazendo?

R - Eu percebo que na natureza as crianças brincam livremente e felizes, tudo é compartilhado e dividido, nada é meu ou seu, tudo é da natureza e nosso, diferente da sala de aula que tem mais disputas e brigas pelos objetos e brinquedos. Elas aprendem também sobre os diferentes ciclos da vida (nascer, crescer e morrer) porque observam as plantas e os animais. Assim, banhos de chuva, brincadeiras com água, lama, terra, areia são ações muito desejadas pelas crianças.

V - O que as crianças estão aprendendo?

R - Elas aprendem muito, aprendendo o tempo todo com cheiros, cores, tamanhos, texturas, sons, sensações (pausa) e aprendendo com o corpo todo e os sentidos, porque eles gostam de sentir as texturas pelo corpo, não só com as mãos, mas com braços, pernas, pés, rosto.

V - Sim

R - Elas aprendem também o ciclo da vida (nascer, crescer e morrer) porque observam as plantas e flores e até os pequenos animais que existem naquele lugar (formigas, minhocas, tatuzinhos, lagartas e borboletas) e também aprendem muito fazendo o uso da brincadeira simbólica para fazer comidinhas com a areia, terra, barro, água, folhas, sementes, gravetos.

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

R - Eu já trabalhei com o grupo 3 e esse ano estou com o grupo 2, e percebo que as mães das crianças menores reclamam mais quando as crianças caem ou se machucam no parque. Me parece que como é aberto as crianças correm mais e caem

mais também, as mães também não gostam muito quando as crianças brincam com água, pois ficam doentes

V - Sim.

R - Acredito que quando reconhecemos a necessidade de deixar as crianças viverem suas infâncias em contato com a natureza, já é uma vitória. Porque as crianças merecem o contato com a natureza, porque nos mostram que gostam muito de estar, brincar e interagir com a natureza.

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

R - Essa relação é muito boa (risos). As crianças tanto adoram que na hora de entrar, elas nunca querem e aí temos que buscá-las. Por elas brincam, comem, dormem, criam, aprendem tudo na natureza. A natureza é um laboratório de vivências e experiências.

V - Muito bem!

V - MUITÍSSIMO obrigada, por participar desta entrevista.

A - Imagina, sempre que precisar pode contar comigo.

V - Muito obrigada!

V - Tchau!

A - Imagina, bom dia!

V - Excelente dia para nós!

Entrevista: Pérola

V - Oi bom dia, tudo bem com você?

P - Sim.

V - Primeiro gostaria de te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

P - Sim.

V - Gostaria que você falasse seu nome completo.

P - Pérola.

V - Qual é a sua idade?

P - 36 anos.

V - E qual é a sua formação acadêmica?

P - Eu tenho a graduação em Pedagogia e uma segunda licenciatura em Letra e estou cursando Pós Graduação em Alfabetização e Letramento.

V - Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

P - 6 anos.

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

P - 2 anos.

V - Conte um pouco sobre como é ser professora da creche?

P - Essa foi a primeira e única escola que trabalho aqui na Prefeitura de São Caetano do Sul (pausa). Eu gosto muito (risos) só conheço aqui. A equipe gestora, professoras e demais funcionários me acolheram muito bem e tenho aprendido bastante com o grupo.

V - Que bom

P - Sim, venho aprendendo muito a cada dia com todas vocês, a realidade aqui é muito diferente da escola particular em que trabalhei.

V - Sim

P - A oficina de convívio foi uma novidade, no começo eu fiquei preocupada de misturar a minha turma do Grupo 2 com a turma do Grupo 3, pensei (pausa) as crianças maiores irão machucar as menores e alertei as auxiliares para ficarem bem de olho nas crianças.

V - Entendi

P - Mas com o passar do tempo percebi que era um momento de muito aprendizagem e que diferente do que pensei, os maiores cuidam dos menores, no caso os seus alunos cuidam dos meus alunos com carinho e afeto e com essa troca eles aprendem muito, pois os maiores ajudam nos desafios dos menores.

V - Exato!

P - Como eu disse eu vim de uma escola particular em que a realidade é muito diferente daqui, (pausa) a escola era muito tradicional, muitos exercícios de prontidão e repetição, material apostilado mesmo para os pequenos, muita disciplina nas salas, refeitório e espaços coletivos da escola.

V - Nossa

P - Sim, as crianças tinham que andar em filas para se locomover pelos espaços da escola e bagunça, correria e gritaria só no momento de parque, muito cuidado para as crianças não se machucarem

V - Entendo

P - Misturar as salas jamais, era cada professora com sua turma na sua sala, nem na hora do parque eles se encontram e se misturam. (pausa/tenso) É muito zelo porque os pais cobram demais, porque eles pagam as mensalidades que são bem caro né, então não querem ver as crianças machucadas.

V - Entendi

P - A direção, gestão da escola também cobravam demais, principalmente quantidade de atividades e as atividades apostiladas, todas iguais para todas as crianças.

V - Nossa!

P - Porque tem aquela ideia de que quanto mais atividade melhor a professora, quanto mais disciplina e silêncio melhor a professora.

V - Sim

P - E tem a questão dos pais que estão pagando o ensino e querem ver o resultado e o resultado é avaliado pela quantidade de papel de lição que entregamos na reunião de pais e a disciplina é essencial para que aprendizagem ocorra.

V - Entendi

P - Lá a disciplina, o controle das crianças são essenciais, porque na visão deles a criança aprende melhor com o corpo parado e criança obediente é muito melhor para ensinar para transmitir conhecimento

V - Sim

P - E tem as comparações com as outras escolas né. As mães comparam porque aqui em São Caetano tem muitas escolas particulares. (pausa) lá parece que as professoras concorrem umas com as outras, (pausa) não é como aqui que nos ajudamos o tempo todo.

V - Sim

P - Quando eu não entendo algum conceito vocês me ajudam (pausa) como as propostas da oficina de convívio que eu tinha que organizar, as oficinas de arte, que são as oficinas de percurso criador artístico.

V - Sim

P - Eu estou adorando trabalhar aqui, estou tendo uma outra visão sobre ensino, creche e educação infantil com mais respeito a autonomia da criança e seu tempo e momento de aprendizado.

V - Que bom que está gostando

P - E também, a importância da escuta (pausa) os textos, livros que estamos sempre estudando sobre como escutar a criança, no caso os bem pequenos como meus alunos (pausa)

V - Sim

P - Que é uma escuta além da fala né (pausa) escuta dos gestos, movimentos, expressões e muito mais

V - Exato

P - Hoje eu consigo compreender melhor a criança como um sujeito de direito e social (pausa) para além apenas do discurso (pausa) que ela é responsável pela sua interação e socialização com os grupos de amigos, tanto da sala quanto das outras turmas, tanto os menores, quanto os maiores

V - Sim

P - Hoje eu consigo observar melhor as peculiaridades de cada criança, seus gostos, preferência, sua singularidade (pausa) e acompanhar melhor as conquistas e aprendizagens de cada um

V - Sim

P - Antes eu tinha apenas uma visão geral e superficial do grupo de crianças (pausa), mas (pausa) com os exercícios de reflexões sobre nossas observações e ações vamos nos aperfeiçoando e melhorando a cada dia

V - Exato

P - E estou me constituindo enquanto equipe, construindo uma identidade com todos vocês e me constituindo como professora desta creche.

V - Que bom.

P - As experiências na outra escola, em que eu trabalhei foi um contraste entre a organização e ocupação dos contextos brincantes em espaços externos em meio a natureza aqui da creche, na outra instituição de ensino a ocupação dos parques seguia uma lógica de controle do tempo ou se dava como prêmio para um bom comportamento em sala de aula.

V - Quem são as crianças?

P - São esses seres humaninhos com a qual convivemos, esses pequenos que nos encantam todos os dias com sua espontaneidade, curiosidade, traquinagem, criatividade e experimentação. (pausa) Eles exploram e experimentam tudo com as mãos, boca, pés. Eles experimentam o mundo.

V - Exato

V - O que é a infância para você?

P - Infância é um período de vida pela qual todos os seres humanos passam. É uma fase encantadora, de muitas aprendizagens e grande descobertas. (pausa) Eu lembro das descobertas da minha infância, vejo as descobertas da minha filha pequena de 4 anos e presencio as descobertas das crianças na creche.

V - Sim

P – A criança durante sua infância vive a fase das experiências, porque para criança o único tempo que existe é o agora, não existe depois, tudo é vivido intensamente como se não houvesse o amanhã e a infância é a fase das curiosidades, espontaneidade, explorações e descobertas.

V - Como as crianças vivem a infância na creche?

P - Acho que feliz (pausa/pensamento) porque elas brincam bastante, na outra escola que eu trabalhava as crianças não brincavam tanto, não tinha tempo, na verdade eu sempre soube da importância do brincar para a criança, mas lá não era dada a verdadeira importância, (pausa) no contexto institucional erámos engolidos pela rotina escolarizada (pausa/pensamento) O brincar ficava em segundo plano, ou seja, se desse tempo depois das atividades propostas e organizadas pelas professoras, se não, brincavam só em casa

V - Sim

P - E tinha também o brincar como ferramenta pedagógica (pausa) brincadeira para ensinar, como por exemplo: brincadeira cantada, jogo de boliche, dominó, brincadeira dirigidas e com regras, isso já era considerado brincadeira e já estava muito bom.

V - Entendi

P - Aqui o brincar tem que ser garantido ou melhor (pausa) o brincar e as interações são premissas para toda e qualquer ação pedagógica, ou seja, as crianças aprendem brincando.

V - Com certeza.

P - E isso é muito bom, porque o brincar faz parte da rotina e permeia todas as nossas ações e intenções com as crianças (pausa) não é tido como um prêmio ou recompensa para quem se comporta.

V - Sim

V - Falando em brincar, o que é a brincadeira para você?

P - O brincar é um direito e não pode ser uma recompensa de bom comportamento, pois o brincar é sua forma de viver e conhecer o mundo. Brincar é algo libertador porque a criança brinca por prazer e para ser feliz e não por obrigação.

V - Sim.

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

P - É importante porque as crianças aprendem muito brincando, por isso deve ser garantido o brincar na creche. (pausa) Brincar quando o adulto organiza contextos e principalmente o brincar livre e espontâneo em que a criança decide os papéis dos personagens da brincadeira, se quer brincar ou não, quando quer parar.

V - Sim

P - As crianças têm direito à liberdade e ao brincar, isso não pode ser uma recompensa de bom comportamento, pois o brincar é sua forma de viver o mundo.

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

P - Esta creche é privilegiada pois possui uma área externa bastante ampla, cercada de muito verde. Considero esse espaço muito rico, de infinitas possibilidades brincantes. As crianças podem explorar todos os espaços livremente construindo assim suas aprendizagens fazendo muitas descobertas. Além de internalizar conceitos, como por exemplo o respeito e cuidado ao meio ambiente e aos pequenos seres que habitam esse lugar.

V - Com certeza.

P - Eu converso muito com outras professoras que entraram na Rede comigo e trabalham em outras escolas e nenhuma escola tem esse espaço externo tão cheio de natureza e com tantos espaços ao ar livre, algumas relatam que até tentam levar um pouco da natureza para dentro da sala, mas, muitas vezes a natureza é vista como sujeira.

V - Que triste

P - Acho que a maioria das escolas estão acostumadas com materiais e objetos de plástico e colorido (pausa) e não dão tanta importância aos elementos naturais, como fazemos aqui

V - Pode ser

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

P - A natureza é o lugar desejado pelas crianças e no contato e nas interações com a natureza as crianças aprendem muitas coisas, ela é um laboratório de vivências,

experiências e exploração para as crianças que aprendem também a respeitar e amar a natureza.

V - Sim

P- Acredito que o contato com a natureza é essencial para o desenvolvimento saudável das crianças que estão cada vez mais afastadas dentro de suas casas, prédios, escolas e assim cada vez mais emparedada

V - Sim.

P - É deixá-la manifestar suas curiosidades e inventividade nesta relação brincante com a natureza e isso foge um pouco dos modelos pré-estabelecidos das nossas organizações educacionais, porque essa vivência atravessa os conteúdos curriculares e não determina o resultado, porque não obedece às técnicas dos conteúdos tão bem programados por nós.

V - Sim

P - Eu mesmo, sempre que posso levo minha filha nos parques e praças que tem natureza, para ela crescer convivendo com o mundo natural, porque no contato e nas interações com a natureza as crianças aprendem muitas coisas, ela é um laboratório de vivências, experiências e exploração para as crianças que aprendem também a respeitar e amar a natureza.

V - Legal

P - Porque é importante para a criança saber que ela convive com diferentes formas de vida, tanto animal quanto vegetal e que precisamos respeitar todas essas formas que fazem parte do nosso ecossistema (pausa)

V - Com certeza

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

P - Fazem muitas coisas, observam as folhas, o colorido das flores, o caminho das formigas, a borboleta que pousa nas flores, as minhocas que ficam na terra após a chuva, recolhem as sementes caídas no chão, coletam e brincam com as pedras exploram a areia, terra, lama, água e muito mais.

V - Isso!

P - Uma vez fomos passear com as crianças pela escola, (pausa) elas encontraram o pé de abacate, foi muito legal e divertido

V - Na sua prática pedagógica, há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza? Poderia contar um pouco como se dá este trabalho?

P – Sim, porque o interagir e o experimentar livre da criança na natureza, é deixá-la manifestar suas curiosidades e inventividade e a dificuldade é que isso foge um pouco dos modelos pré-estabelecidos das nossas organizações educacionais, porque essa vivência atravessa os conteúdos curriculares e não determina o resultado, porque não obedece às técnicas dos conteúdos tão bem programados por nós.

V - Sim.

P - Os contextos de aprendizagens na natureza são momentos também para olhar, sentir, viver e se encantar com o mundo natural. Porque a natureza nos toca nos inquieta nos sensibiliza por ser um espaço diferente dos ambientes escolarizados.

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

P – Desemparedar é acolher, respeitar, escutar e valorizar a criança como um ser capaz, uma criança competente, para que ela possa avançar nos seus processos de aprendizagens.

V - Sim

P - Acredito que, nesta escola já ocorre o desemparedamento da infância, pois as crianças não seguem material apostilado, são livres para brincar e aprender e na maioria, os contextos de aprendizagens são de acordo com seus interesses e desejos (pausa) muito diferente da outra realidade que vivenciei em outra escola

V - Sim

P - Geralmente nós chegamos às instituições de ensino, no encontro com as crianças, formatados com técnicas, informações e conteúdos organizados e programados que ditam passo a passo as nossas ações e interações junto às crianças já determinando de antemão o tempo, o espaço e o que as crianças devem experimentar, fazer, construir, aprender, sentir e ser, pois, é o que aprendemos nas universidades.

V - Sim

P - Aqui na natureza não tem como prever o que e como as crianças irão experimentar, fazer e aprender, temos que deixá-la manifestar suas curiosidades e inventividade nesta relação brincante com a natureza e isso foge um pouco dos modelos pré-estabelecidos das nossas organizações educacionais, porque essa vivência atravessa os conteúdos curriculares e não determina o resultado, porque não que não obedece às técnicas dos conteúdos tão bem programados por nós.

V - Exato

P - E desemparedar é isso, permitir que a criança explore o ambiente externo além das salas de referências. (pausa) Deixar as crianças estarem mais com a natureza

não só no momento de parque, mas no almoço, jantar, lanche, descanso, deixá-las livres para observar, explorar e descobrir o mundo. Não deixar as crianças tão fechadas, emparedadas, controladas.

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

P - Explorar e vivenciar mais os espaços externos aliados a natureza. Aproveitando o que a natureza nos oferece generosamente como ferramenta pedagógica.

V - Exato!

P - Desemparedar tem haver com acolher, respeitar, escutar e valorizar a criança como um ser capaz, uma criança competente, para que ela possa avançar nos seus processos de aprendizagens.

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento? Por quê?

P - Acredito que sim, pois vejo bastante ações das professoras usando os ambientes externos com suas ações e intencionalidades pedagógicas e isso me inspira bastante a sair da sala. (pausa/pensamento)

V - Que bom.

P - Como sou a professora mais nova na escola estou aprendendo e sinto que preciso aprender cada vez mais para lidar melhor com as reclamações e críticas dos familiares a importância de estar na natureza. Eles precisam saber como as crianças aprendem com essa relação e se encantar também (risos)

V - Sim

V - Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:

O que te chama a atenção?

O que as crianças estão fazendo?

O que estão aprendendo?

P - Dá vontade de ser criança novamente para poder brincar, eu penso que gostaria que minha filha de 4 anos também tivesse oportunidade para vivenciar essas experiências, ela iria amar.

V - Com certeza

P - Elas estão brincando livremente e aprendendo com toda a diversidade e riqueza que a natureza oferece, elas estão felizes. E estão aprendendo também a amar e respeitar a natureza, é isso que eu vejo que elas aprendem com esse contato.

As crianças estão brincando livremente, que momento rico e precioso, parece que estão muito felizes pela expressão corporal e pelas explorações.

P - Elas estão brincando e aprendendo muito com os elementos naturais com toda a diversidade que a natureza nos oferece.

V - Sim

P - Mas o principal que estão aprendendo é que desde muito pequenas estão aprendendo a amar e respeitar a natureza que é nossa grande casa.

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

P – Os contextos de aprendizagens na natureza são momentos também para olhar, sentir, viver e se encantar com o mundo natural. Porque a natureza nos toca nos inquieta nos sensibiliza por ser um espaço diferente dos ambientes escolarizados, porém acredito que o maior desafio para desemparedar as crianças, ficar mais do lado de fora são as rotinas com trocas, alimentação e descanso que consomem muito o tempo dentro da creche.

V - Sim.

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

P - Estou adorando fazer parte desta pesquisa e aprender cada vez mais (pausa)

V - MUITÍSSIMO obrigada, por participar desta entrevista.

P – Eu que agradeço, porque para mim, foi aprendizado total

V - Gratidão!

V - Tchau!

P - Tchau!

Entrevista: Safira

V - Oi, bom dia, tudo bem?

S - Sim, tudo.

V - Primeiro quero te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

S - Imagina e bom dia.

V - Gostaria que você falasse seu nome completo.

S -Safira.

V- Qual é a sua idade?

S - Tenho 52 anos

V - E a sua formação acadêmica?

S - Eu sou pedagoga e tenho Pós Graduação em Supervisão de Ensino.

V - Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

S - 33 anos

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

S - Estou aqui na Rede 33 anos.

V - Sim.

V - Quantos anos como professora e como gestora?

S - Como professora 22 anos. (pausa/pensando)

V - E de gestão?

S - 11 anos que estou na gestão

V - Tá certo!

V - Conte um pouco sobre como é ser gestora da creche?

S - Aqui é muito bom por conta dos excelentes espaços que temos, o que não existe em outras escolas por onde passei nesses 33 anos. De todas que passei como professora ou gestora, essa creche é com certeza a que tem o melhor espaço externo e muita natureza.

V - Sim, aqui tem muita natureza

S - A equipe também é boa, as professoras são unidas e conversam bastante sobre a exploração e utilização dos espaços externos, nas oficinas de convívio, circuito com percurso e até mesmo nas propostas pedagógicas. (pausa). Claro, que tem umas que usam mais o espaço externo e outras que usam menos, pois tem professoras que tem mais facilidade em organizar seus contextos de aprendizagem no lado de fora, utilizando a natureza também como ferramenta pedagógica e outras que se sentem mais seguras dentro das salas de aula.

V- Quem são as crianças?

S – As crianças são sujeitos de direitos, sociais e culturais, portanto, merecem respeito, carinho, amor e acolhimento. Precisamos quebrar cada vez mais essa concepção de infância em que a criança é vista como alguém que não sabe nada, que temos que educar, ensinar, disciplinar e a infância é a fase das descobertas, das brincadeiras, da curiosidade.

V - Exato

S - E além de respeito temos que ter uma escuta sensível para acolher o mundo da criança e das famílias. Porque na educação infantil recebemos e acolhemos não só

a criança, porque a criança não pode ser separada de sua família (pausa) é tudo meio que integrado.

V - Sim

S - E nos questionarmos sobre como acolhemos essa criança, que muitas vezes nem fala, no caso os berçários (pausa) acredito que com uma escuta sensível muito além das falas, mas, a partir de suas diferentes linguagens (choro, silêncio, sorriso, expressões, movimentos, etc) uma vez que trabalhamos com crianças bem pequenas e bebês.

V - Concordo

V - O que é a infância para você?

S - Infância é uma palavra doce, suave, que me remete boas lembranças da minha própria infância. (pausa/respiro profundo). É um tempo muito bom que não volta mais.

V - Sim!

S - Sabe Vivi, eu tive uma infância muito brincante e, também com muita natureza com meus irmãos.

V - Que legal!

S - Eu subia em árvores, colhia fruta do pé, brincava na terra, lama, areia, água, banho de chuva e era muito divertido brincar com esses elementos naturais. Eu frequentei a escola a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental (pausa) o que seria a educação infantil eu fiquei brincando e aprendendo no âmbito familiar. Fico bem feliz em ver que aqui na creche tem bastante espaços ao ar livre com muita natureza e que as crianças têm a oportunidade de desfrutar disso, vivendo, interagindo e brincando com liberdade.

V - Com certeza!

V - Na sua opinião como as crianças vivem a infância na creche?

S - Eu percebo através das minhas observações (pausa) que as crianças aproveitam bastante esses espaços naturais. Alguns brincam mais outros menos, mas todos brincam no parque e com a natureza.

V - Sim

S - Sempre que caminho pela escola, percebo as crianças encantadas com as formigas ou com a borboleta com a minhoca ou com a joaninha, minhoca (pausa). Sabe, tudo aquilo que passa despercebido por nós adultos, pois geralmente

estamos sempre correndo e com pressa, escravos do relógio, já para a criança nada passa despercebido.

V- Exato

S - Acho que a única pressa que as crianças têm é em aproveitar o momento presente, o momento do agora com toda sua potência infantil (pausa) e a pressa é em ser feliz

V - Sim

V - O que é a brincadeira para você?

S – O brincar é algo próprio da infância e é por excelência um momento de socialização, interações e produção cultural, onde as crianças se encontram com frequência no mesmo ambiente diariamente, elas aprendem umas com as outras e com os adultos e o brincar é premissa para toda e qualquer ação pedagógica na educação infantil.

V - Sim

S - É um momento livre e é por excelência um momento de socialização, interações e produção cultural, onde as crianças se encontram com frequência no mesmo ambiente, elas aprendem umas com as outras e com os adultos

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

S - É muito importante para a criança, pois é sua forma de dizer o mundo e está no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e reafirmado na Base Nacional Curricular Comum como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil, porque as crianças brincando elas convivem, participam, exploram, expressam, conhecem-se cada vez mais desenvolvendo suas potencialidades criativas.

V - Sim

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

S - Aqui temos muitos bons espaços, principalmente nos ambientes naturais e externos.

V - Exato.

S - Então quando falamos de aprender do lado de fora, assusta, porque crescemos, cursamos a universidade e toda nossa formação acadêmica em salas com paredes e teto

V - Sim

S - Aprendemos a ser professora para trabalharmos com conteúdo dentro das salas de aulas em que a disciplina e o controle são muito importantes para aprender melhor

V - Sim

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

S - Acredito ser uma relação muito boa, como já disse anteriormente eu brinquei bastante com a natureza na infância e tenho excelentes lembranças desta relação, acho que muito do que eu sou hoje é parte da minha infância na natureza (pausa). Como, por exemplo gostar de plantas, flores e animais e sempre que possível estar próxima da natureza.

V - Sim

S - As crianças se encantam com as formigas, borboletas, minhocas, joaninhas, com os brotos que rompem os ganhos das árvores e os caules das plantas, é o milagre da vida acontecendo

V - Sim

S – Os espaços brincantes na natureza da creche, surge como fonte de aprendizagem, no sentido em que a natureza traz muitas aprendizagens para as crianças, muito além daquilo que as professoras organizam e planejam com suas intencionalidades pedagógicas, porque ela vai além, tudo se modifica e se transforma o tempo todo e lá está a curiosidade daquilo que a criança quer aprender, quer decifrar, quer descobrir, quer desvendar, porque a natureza propõe muitos convites a olhar, tocar, cheirar, contemplar, ouvir, colher, se encantar e convite à ação, sem contar que o encontro com a natureza é algo desejado e que alegra a criança, percebemos através de suas linguagens a potência deste encontro.

V - Sim

S - Natureza no contexto da creche surge como mais uma ferramenta pedagógica no sentido em que a natureza traz muitas aprendizagens para as crianças, muito além daquilo que as professoras organizam e planejam com suas intencionalidades pedagógicas, porque ela vai além, tudo se modifica e se transforma o tempo todo e lá está a curiosidade daquilo que a criança quer aprender, quer decifrar, quer descobrir, quer desvendar, porque a natureza propõe muitos convites a olhar, tocar, cheirar, contemplar, ouvir, colher, se encantar e convite a ação.

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

S - A criança é curiosa por natureza, pois tenta o tempo todo desvendar o mundo ao seu redor e a natureza é um convite para potencializar toda essa curiosidade da criança, a natureza vai além, tudo se modifica e se transforma o tempo todo e lá está a curiosidade daquilo que a criança quer aprender, quer decifrar, quer descobrir, quer desvendar, porque a natureza propõe muitos convites a olhar, tocar, cheirar, contemplar, ouvir, colher, se encantar e convite a ação.

V - Entendi.

S - A natureza é um universo de possibilidades brincantes

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

S – Desemparedar é as salas de aulas convencionais não possuir a centralidade dos espaços escolar, pois temos muito bons espaços externos para os contextos brincantes para as interações e aprendizagens. Esses espaços devem também contar com intenção pedagógica desde as escolhas dos materiais, elementos, objetos, espaços para que a criança experimente, interaja, brinque e construa suas aprendizagens.

V - Sim

S - E que os educadores percebem que todos os espaços são educativos, que não precisamos das paredes para que a aprendizagem ocorra.

V - Sim

S - E que é possível organizar contextos brincantes para as aprendizagens em todos os espaços da creche e fora dela também.

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

S - Utilizar os diferentes espaços da creche como ambientes para as interações, explorações, experiências e o brincar.

V - Exato!

S - Na creche, as salas de aulas convencionais não devem possuir a centralidade dos espaços escolar, pois temos muito bons espaços externos para os contextos brincantes para as interações e aprendizagens. Esses espaços devem também contar com intenção pedagógica desde as escolhas dos materiais, elementos, objetos, espaços para que a criança experimente, interaja, brinque e construa suas aprendizagens.

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento?

Por quê?

S - Acredito que sim. Estamos caminhando, às vezes dando passos mais lentos, às vezes mais rápidos, mas estamos caminhando (pausa)

V - Sim.

S – Essa interação é bem importante, deve ser garantida na creche, mas a dificuldade é mudança de paradigma, pois nosso sistema ou modelo educativo ainda na maioria das vezes é baseado na transmissão e reprodução de conhecimento, não permitindo as manifestações corporais como a espontaneidade, criatividade e a liberdade, por isso alguns professores preferem as salas de aula.

V - Sim

S - Aqui nós temos muita natureza e essa natureza tem estado ausente da realidade das outras instituições de educação infantil em que passei e as crianças que estudam período integral ficam cada vez mais confinadas dentro das salas e em casa também dentro e presas em apartamentos e aqui temos que desconfinar e libertar as crianças para que vivenciem suas experiências de aprendizagens em espaços abertos aliados à natureza, já que aqui temos tanta natureza e podemos permitir e oferecer isso às crianças.

V - Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:

O que te chama a atenção?

S – As crianças estão brincando e aprendendo com o corpo e os sentidos. Eu percebo que na natureza elas aprendem de forma prazerosa e significativa, pois desejam esse encontro, se encantam com essa relação e cuidam da natureza.

V - Sim

S - Nestas fotos fica claro o tanto que a criança aprende livre nas interações com a natureza e como isso é importante.

V - O que as crianças estão fazendo?

S - Interagindo, descobrindo, explorando, experimentando, criando, brincando, e aprendendo com essa relação “criança e natureza”

V - Sim.

S - E o melhor, estão aprendendo de forma prazerosa e significativa, pois estão livres para explorar, não é nada imposto pelo adulto e não existe apenas um jeito de experimentar e aprender porque é livre e é com o corpo todo.

V - O que as crianças estão aprendendo?

S - Elas estão aprendendo muitas coisas e aprendendo com o corpo todo e com os sentidos com cheiros, cores, sabores, tamanhos, sons, texturas e sensações. É aprendizagem de corpo inteiro

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

S - O primeiro desafio é que todo o corpo docente da creche entenda e reflita sobre a necessidade do desemparedamento da infância e de sua importância para a criança que fica na creche o dia inteiro.

V - Sim

S - Reconhecendo a criança mesmo que pequena como um sujeito de direitos, potente, criativa e que é protagonista no seu processo de aprendizagem

V - Sim.

S - Porque desemparedar tem a ver com escutar a criança, dar visibilidade as vozes infantis sobre seus desejos, curiosidades valorizar suas ações e conquistas diárias aqui dentro da creche

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

S - Quando as crianças estão na natureza elas se alegram pois percebemos através de suas diferentes linguagens a potência deste encontro e isso influencia sua capacidade de aprender de forma prazerosa e significativa.

V - Sim

S - Vamos aos poucos enquanto equipe escola construindo esse desemparedamento da infância aqui na creche

V - Com certeza!

V - MUITÍSSIMO obrigada, por participar desta entrevista.

S - Imagina, eu adorei participar e aprender sobre a relação da criança na natureza.

V - Muito obrigada!

V - Tchau!

S - Tchau, bom dia!

Entrevista: Esmeralda

V - Oi bom dia, tudo bem?

E - Sim.

V - Primeiro quero te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

E - Imagina é um prazer fazer parte desta pesquisa tão necessária no cenário atual em que vivemos.

V - Gostaria que você falasse seu nome completo.

E – Esmeralda

V- Qual é a sua idade?

E - Tenho 53 anos

V - E a sua formação acadêmica?

E - Eu sou pedagoga e tenho Pós Graduação em Psicopedagogia

V - Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

E - Tempo total na educação (pausa/pensamento) 34 anos

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

E - Estou aqui na Rede há 34 anos.

V - Sim.

V - Quantos anos como professora e como gestora?

E - Como professora eu tenho 28 anos. (pausa/pensando)

V - E como gestora?

E - 16 anos

V - Ok

V - Conte um pouco sobre como é ser gestora da creche?

E - Ser gestora desta creche está sendo muito bom apesar de ser uma experiência nova e desafiadora na minha vida profissional

V - Sim

E - Eu fui diretora do Ensino Fundamental por anos e fui diretora de EMEI que são crianças maiores (pausa), agora gestora de EMI que são crianças bem pequenas e bebês é uma experiência nova

V - Entendi

E - O universo dos bebês é fascinante, seus olhares, movimentos, expressões, enfim suas diferentes linguagens me encantam cada dia mais

V - Sim

E - Mas, voltando a pergunta, é muito bom também ser gestora de uma creche com tantos espaços excelentes, externos e natural

V - Sim

E - Os espaços da natureza trazem beleza, estética e poesia com suas cores, as assimetrias, os cheiros, texturas e os sons que desfilam sobre nossos olhos, ouvidos, nariz e epiderme fazendo parte do cenário de vivências, interações, experiências brincantes e aprendizagens das crianças aqui da creche, isso é um privilégio para nós educadores, para as crianças e famílias.

V - Exato

E - Aqui na creche também diferente da pré-escola, eu percebo mais a aproximação e participação das famílias, talvez por eles serem menores, as mães são mais presentes.

V- Quem são as crianças?

E - As crianças são, principal objetivo da escola (pausa) estamos aqui por elas, para fazer o melhor para elas.

V - Sim

E – Todas as nossas ações, objetivos, reflexões é para planejar o melhor para as crianças.

V - Sim

E - E nos questionarmos sobre como acolhemos essa criança, que muitas vezes nem fala, no caso os berçários (pausa) acredito que com uma escuta sensível muito além das falas, mas, a partir de suas diferentes linguagens (choro, silêncio, sorriso, expressões, movimentos, etc) uma vez que trabalhamos com crianças bem pequenas e bebês.

V - Concordo

V - O que é a infância para você?

E – A infância é a fase das explorações, curiosidades e descobertas, pois as crianças são curiosas, investigativas, criativas, espontâneas e competentes para aprender e se socializar, porque elas exploram tudo ao seu redor.

V - Sim

E - Elas exploram e investigam tudo como se não houvesse amanhã

V - Sim

E - Posso falar da minha infância?

V - Claro que sim

E - Infância é uma fase que nos deixa marcas e minha infância foi muito brincante com meus irmãos (pausa/pensamento) tudo era brincadeira e alegria, já dormíamos

pensando na brincadeira do dia seguinte, por isso a importância do brincar na infância e principalmente o brincar na creche

V - Com certeza!

V - Na sua opinião como as crianças vivem a infância na creche?

E - Eu espero que vivam felizes, o que depender de mim enquanto gestora, será uma infância feliz e prazerosa

V - Sim

E - Pelo que observo vejo as crianças felizes, como eu disse anteriormente o brincar é muito importante na infância, mas a criança ser acolhida e respeitada pelos adultos (professoras e auxiliares) em seus desejos, inseguranças (pausa) é também garantir uma infância com respeito e cuidado.

V- Exato

E - É isso que eu quero como gestora, que as crianças tenham o direito ao brincar livre e, também sejam respeitadas como sujeitos de direitos e social.

V - Sim

V - O que é a brincadeira para você?

E - O brincar é o que as crianças fazem de mais sério, por isso vemos tanta atenção, intensidade e concentração enquanto estão se dedicando a brincadeira, sem contar que o brincar é um direito, pois é a linguagem da criança, é sua maneira de dizer sobre o mundo, é sua linguagem.

V - Sim

E - É a forma como ela diz o mundo

V - Exato

E - Então brincadeira é isso (pausa) o mundo da criança, além de ser um excelente momento de socialização e interação com as outras crianças

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

E - Por ser a linguagem da criança, por ser seu modo de ler, dizer e descobrir o mundo, é extremamente importante (pausa) visto estar previsto em Leis como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e agora na Base Nacional Curricular Comum sendo um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil.

V - Sim

E - Eu como gestora da creche, prezo que o brincar seja a base para qualquer ação pedagógica das professoras e não apenas um discurso, afinal, como foi falado anteriormente o brincar é um direito

V - Ótimo!

E - Eu acredito que a educação infantil não prepara para nada, é a fase do presente, do agora, da exploração (pausa) mas tenho certeza que a criança que brinca é mais feliz e por isso aprende muito melhor

V - Sim

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

E - Os espaços da creche são muitos bons, as salas são amplas e temos muitos espaços externos e muita natureza.

V - Sim.

E - A natureza surge como uma ferramenta pedagógica ela traz beleza, estética e poesia com suas cores, as assimetrias, os cheiros, texturas e os sons que desfilam sobre nossos olhos, ouvidos, nariz e epiderme fazendo parte do cenário de vivências, interações, experiências brincantes e aprendizagens das crianças aqui da creche, isso é um privilégio para nós educadores, para as crianças e famílias.

V - Sim

E - Assim, acredito que os espaços externos são privilegiados para as brincadeiras da infância (pausa) brincadeiras estas regadas de natureza

V - Sim

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

E - Essa relação é muito boa, quando vejo as crianças brincando com e na natureza aqui na creche, presencio a plenitude da infância

V - Sim

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

E - Ela explora, investiga, experimenta, interage, brinca e aprende muito na natureza (pausa) com as cores, texturas, sons, cheiros, sabores e muito mais

V - Entendi.

E - A natureza convida a criança a exploração, investigação e ao aprendizado prazeroso e significativo

V - Sim

E - E nessa relação íntima com a natureza ela aprende a amar e respeitar esse espaço de vida porque a natureza é um rico espaço para as interações e experiências brincantes, pois nela há uma explosão de sensações, texturas, cheiros, sons e sabores se tornando um lugar propício para as investigações e invenções infantis. Ela cria repertório de convivência e socialização.

V - Exato

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

E - Desemparedar é termo para descrever o fato das crianças pequenas estarem dentro da creche em espaços fechados, aprisionadas, confinadas, condicionadas por longos períodos. Acredito que esse emparedamento seja essa uma característica do nosso sistema de ensino, ainda muito escolarizado, (pausa) em que muitas vezes ainda se acredite que a criança aprende melhor presa dentro de uma sala e aprisionada, sendo ensinada e supervisionada pelo adulto.

V - Sim

E - Acredito que seja essa uma característica do nosso sistema de ensino, ainda muito escolarizado, (pausa) em que muitas vezes ainda se acredite que a criança aprende melhor presa dentro de uma sala e aprisionada, sendo ensinada e supervisionada pelo adulto

V - Sim

E – Devemos entender que as crianças podem aprender também fora da sala de aula ou sala de referência (pausa) e que todos os espaços quando bem organizados com intencionalidade pedagógica são também espaços educativos, espaços para viver, brincar e aprender

V - Exato

E - Eu espero que todas as professoras da creche utilizem todos os espaços, principalmente os externos como ambientes educativos, porque as crianças precisam e merecem viver, brincar e aprender com liberdade.

V - Sim

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

E - Acho que já respondi anteriormente (risos). Explorar todos os ambientes da creche como potencializador para as aprendizagens

V - Exato!

E - As creches e pré-escolas devem promover cada vez mais contextos, ambientes, espaços e ações em seu planejamento possibilitando o desemparedamento da infância tão urgente no contexto atual em que vivemos.

V - Sim

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento?

Por quê?

E - Vejo algumas boas práticas nos espaços externos e na natureza. Acredito que todas as professoras fazem sim, algumas mais outras menos, mas (pausa) aos pouquinhos vamos conseguindo desemparedar.

V - Sim.

V - Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:

O que te chama a atenção?

E - Eu vejo muita felicidade, muita alegria.

V - Sim

E - As fotos são a prova viva de como as crianças aprendem em contato com a natureza, como se encantam.

V - Sim

V - O que as crianças estão fazendo?

E - Estão além de brincando, interagindo, explorando, experimentando o mundo no quintal da creche

V - Sim.

V - O que as crianças estão aprendendo?

E – Estão aprendendo com alegria e liberdade através da brincadeira, explorando, investigando, experimentando as texturas, cheiros, quantidade e nessa relação a criança aprende a amar e cuidar da natureza.

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

E - Os desafios são conscientizar todas as professoras, auxiliares, e funcionários da creche sobre a importância de desemparedar a infância.

V - Sim

E - Acredito que já temos algumas ações para a construção do desemparedamento da infância aqui na creche e com ações de todas as professoras, auxiliares, merendeiros e serventes, vamos aos poucos construindo, efetivando esse desemparedamento

V - Entendi

E - Claro que o desemparedamento nunca será concluído, pois vamos com nossas ações diárias alimentando essa nova proposta de educação (pausa) uma educação que respeita a criança, seu tempo, seu espaço e seus saberes.

V - Sim.

E - Mas, as creches e pré-escolas devem promover cada vez mais contextos, ambientes, espaços e ações em seu planejamento possibilitando o desemparedamento da infância tão urgente no contexto atual em que vivemos.

V - Com certeza

E - Que as crianças possam viver sua infância de forma plena em contato com a natureza.

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

E - Que eu acredito muito nesta relação, na potência deste encontro, pois as crianças exploram brincam e aprendem muito

V - MUITÍSSIMO obrigada, por participar desta entrevista.

E – Eu é que agradeço.

V - Muito obrigada!

V - Tchau!

E – Tchau

Entrevista: Jade

V - Oi tudo bem com você?

J - Sim, tudo bem sim.

V - Primeiro gostaria de te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

J - Imagina.

V - Gostaria que você falasse seu nome completo.

J - Jade.

V- Qual é a sua idade?

J - Eu tenho 46 anos.

V - E qual é a sua formação acadêmica?

J - Eu tenho a graduação em Pedagogia e uma segunda licenciatura em Artes Visuais e uma Pós Graduação em Artes Visuais.

V- Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

J - Deixa eu pensar...18anos.

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

J - Desde 2007.

V - 13 anos aqui em São Caetano né?

J - Sim

V - Exato

J - E temos 4 anos aqui no Alfredo Rodrigues.

V - Sim, entramos juntas né.

V - Conte um pouco sobre como é ser professora da creche?

J – É muito bom, essa é uma excelente escola também, não saiu daqui por nada (risos), pois é pequena, acolhedora, com muitos espaços legais para as crianças brincarem. (pausa) Ser professora aqui é bem tranquilo pois temos uma boa parceria com a gestão e todas as professoras são unidas, planejamos e organizamos muitas ações juntas e sempre dá certo.

V - Sim.

V- Quem são as crianças?

J - As crianças são o motivo por estarmos aqui, sempre estudando, aprendendo para fazer o melhor para elas. (pausa) As crianças são o que tem de melhor na vida, inocentes, feliz, sem maldade...é muito bom trabalhar com as crianças que estão sempre nos dando abraços nas pernas. Como eu fico com os menores, acho eles mais carinhosos, estão a todo momento nos mostrando suas descobertas.

V – Sim

V - O que é a infância para você?

J – Infância é a fase das curiosidades sem fim, e descobertas, a criança é aquela que cava buracos na terra, procura tesouros atrás das árvores da creche, enfim, aquela que procura segredos, que procura desvendar o mundo.

V - Sim

J- Eu lembro de muitas coisas da minha infância na companhia do meu irmão, nós brincamos muito e aprontamos muito também (risos). Nossa preocupação era, do que vamos brincar depois do café da manhã, almoço, jantar, depois da escola, depois das lições de casa. (pausa e suspiro). Nossa, era muito bom, era um tempo

mágico que infelizmente não volta mais. (pausa) dá muita saudade quando lembramos né, até uma nostalgia (risos).

V - Sim, dá saudade mesmo.

J – Criança e infância é a fase das experiências e curiosidades sem fim

V - Como as crianças vivem a infância na creche?

J - (pensando)...nunca pensei nisso...boa pergunta, acho que temos que nos perguntar todos os dias quando chegamos para trabalhar, deve ser uma reflexão constante e diária: como elas vivem a infância na creche e como deveriam viver. Devemos nos organizar (professoras, auxiliares, equipe gestora) para que elas vivam sua infância da melhor maneira possível na creche, já que estão aqui o dia inteiro.

V - Com certeza.

J - Talvez colocar como tema ou disparador, das nossas reuniões e encontros: “Como as nossas crianças estão vivendo suas infâncias aqui na creche?”, acredito que essa reflexão frequente poderia melhorar muito nossas ações e propostas de ensino.

V- Exato

J - Porque por mais que temos que dar conta de um currículo institucional ou o currículo do nosso município, teríamos que refletir sobre como nossas propostas garantem uma infância feliz aqui na creche.

V - Sim.

V - O que é a brincadeira para você?

J – O brincar está intimamente ligado a infância, sendo a linguagem da criança, sua atividade principal é sua forma de ler e dizer o mundo, além de ser um direito.

Brincando elas dizem suas verdades, seus segredos, seus medos, inseguranças e desejos, por isso o brincar deve ter lugar e tempo garantido na creche.

Brincadeira é algo muito ligado a infância a criança (pausa). Quando falamos em criança em infância o brincar já aparecem na nossa cabeça né, (pausa) é algo próprio da criança, brincar e criança combinam.

V - Sim.

J - É uma coisa inseparável, o brincar está intimamente ligado a infância, sendo a linguagem da criança é sua forma de ler e dizer o mundo. Brincando elas dizem suas verdades, seus segredos, seus medos, inseguranças e desejos.

V - Exato.

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

J - É (pausa) a atividade principal da criança, tanto em casa quanto na creche, por isso que na escola temos que garantir espaço, tempo e materiais para o brincar, a criança tem que brincar muito, ainda mais as crianças bem pequenas da creche que passam o dia inteiro aqui.

V - Sim

J - E não esquecer que o brincar é um direito que deve ser assegurado, (pausa) porque nos estudos que fazemos sobre a Base Nacional Curricular Comum, o brincar entra como eixo estruturante para qualquer ação na educação infantil.

V - Sim

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

J - Nesta creche nós temos muitos espaços bons para o brincar e temos também bastante natureza, temos o parque, a sala maker, o pátio, o solário, a quadra. Aqui é uma creche com lugares privilegiado, pelos bons espaços externos que temos

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

J - As crianças encontram na natureza um motor propulsor de possibilidades e sonhos e caminham entre seus elementos brincando, fantasiando criando e inventando porque gostam e querem estar neste lugar e experimentam a sensação de liberdade ao correr, pular, saltar e dançar nos espaços abertos, é um lugar desejado por elas.

V - Muito bem!

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

J - Eu observo que elas fazem muitas coisas, brincam, pulam, correm, rastejam, engatinham, exploram todos os espaços, nós eu e as auxiliares temos que correr atrás delas, porque elas, não ficam só em um lugar. (pausa) Mesmo que nós orientamos que eles têm que ficar perto de nós educadores, não adianta, (risos) parece que eles querem e precisam explorar tudo ao redor da escola, por isso correm, pulam, saltam tudo ao mesmo tempo.

V - Sim

V - Na sua prática pedagógica, há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza? Poderia contar um pouco como se dá este trabalho?

J – Eu acredito ser importante essa relação porque é muito desejada pelas crianças, mas como eu fico com os pequenos é mais difícil sair da sala, a dificuldade é organizar todos os contextos fora, na sala é mais fácil.

V - Sim

J - As crianças tem as trocas e são muitas, geralmente 12 trocas para cada auxiliar, tem o leite, o almoço, lavar as mãos e temos que dar conta de tudo. Então é assim a nossa rotina para você entender (pausa/pensamento): as crianças chegam e brincam nos cantos de aprendizagem, depois tem o leitinho no refeitório, depois vamos para sala, neste momento eu canto ou conto uma história, as auxiliares vão olhando as mochilas para ver agendas, se tem bilhetes, recados, remédios e depois começam as trocas de fraldas. Eu fico sozinha com as crianças na hora da troca, então não dá para ficar sozinha do lado de fora (no parque ou na natureza). Após as trocas é a hora do parque aí sim estamos nós três (eu e as duas auxiliares).

V - Entendi a rotina.

J - Às vezes eu consigo fazer algumas atividades na natureza, mas não é sempre, até gostaria de fazer mais, muito mais, mas, muitas vezes não é possível mesmo, porque sozinha com 25 alunos é bem difícil, eles fogem, correm para o lado de trás da escola e eu tenho que correr atrás (risos), mas não tenho com quem deixar os outros e outra, não dá para dar atividade para todas as crianças sozinha, é impossível.

V - Sim!

J - Mas, a rotina nos engoli né, (pausa) temos que dar conta do pedagógico, almoço, leite, soninho e tudo mais.

V - Sei

J - E tem a questão que os meus alunos são bem pequenos e temos receio de que se machuquem.

V - Sim

J - Ah e a relação com a natureza fica dificultada em dias de frio e chuva.

V - Sim

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

J – Desemparedar, seria um termo pensando em deixar as crianças mais livres e menos fechadas brincando e interagindo nos espaços externos, parque, natureza, solário, pátio, quadra, ao redor da escola e também as crianças não ficarem sempre

sob o nosso controle, nós controlando suas ações, movimentos, falas, atitudes e decidindo tudo por ela.

V - Entendi

J - Seria um termo pensando em deixar as crianças mais livres e menos fechadas brincando e interagindo nos espaços externos, parque, natureza, solário, pátio, quadra e até ao redor da escola.

V - Exato.

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

J - Explorar mais todos os espaços da escola e não só os espaços fechados como as salas de aulas, refeitório, ateliê, espaço maker. (pausa) Usar o parque, a quadra, os espaços do lado de fora aliado a natureza não só no momento previsto de parque livre, mas também para interagir, brincar, explorar, ensinar e aprender com a natureza.

V - Exato!

J - Eu sei como é importante para as crianças estarem na natureza e como elas gostam deste contato, (pausa) vou ter uma parceria melhor com os pais explicando essa importância para ver se eles reclamam menos da sujeira, da importância de brincar com água, porque eles reclamam se as crianças se molham, reclamam que se machucam.

V - Sim

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento? Por quê?

J - Espero que sim, pois conversando com você eu percebo como esse “desemparedamento da infância” é importante e necessário para as crianças e como tudo isso faz sentido e precisa ser feito na nossa creche, não só com os maiores que são as crianças do Grupo 3, mas, também com os menores.

V - Sim.

J - É que ficar do lado de fora, representa ter mais dificuldade para manter o controle das crianças, pois elas têm mais espaço para correr, pular, interagir, experimentar e sozinha é bem difícil de dar conta

V - Ao observar essas fotos das crianças em interações com a natureza:

O que te chama a atenção?

V - O que as crianças estão fazendo?

J – O que me chama atenção é que elas estão felizes brincando, se divertindo e o melhor aprendendo sobre cheiros, texturas, consistências, formas, tamanhos e muito mais, é isso que as crianças aprendem na e com a natureza. É tudo tão lindo, tão criança, que dá vontade de brincar também (risos). Me chama atenção que as crianças estão sendo criança, brincando, explorando, interagindo e aprendendo né, sobre cheiros, texturas, consistências, formas, tamanhos e muito mais.

V - Exato

J – E essa relação também é muito importante para as crianças terem respeito e carinho pela natureza e seus elementos.

V - Sim, com certeza

J - Se divertindo e muito (risos). As crianças adoram essas brincadeiras com água, terra, areia, lama. (pausa). Eu confesso que não deixo meus alunos brincarem e se sujarem desse jeito.

V - Por quê?

J - As mães não gostam da sujeira e fica difícil para as auxiliares trocar as roupas de todas as crianças e outra as crianças se machucam muito no parque, porque correm muito e são pequenos e as mães reclamam por qualquer coisa.

V - Entendo.

V - O que as crianças estão aprendendo?

J - Elas estão aproveitando, brincando e aprendendo muito, como já disse anteriormente estão aprendendo com as texturas das experiências, com as variedades das cores e tamanhos. (pausa) enfim aprendendo com a água, a terra, a areia, o barro etc.

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

J – Desafio enfrentado para o desemparedamento é que do lado de fora as crianças têm mais espaço para correr, pular, interagir, experimentar e fazer descobertas sozinhas sem a intervenção do adulto, o que dificulta manter o controle das crianças sozinha e, também, que nos dias frio e de chuva, as mães não querem que as crianças saiam da sala para não ficarem doentes, não gostam que se sujem.

V - Sim.

J – Temos que conscientizar todo mundo, sobre estar na natureza os pais e a equipe escolar toda, porque não fazemos nada sem as auxiliares.

V - Isso.

J – Temos que ir aos poucos com pequenas atitudes diárias tirando as crianças das salas de aula para contar histórias, pintar as folhas, gravetos, pinhas, sementes, cantar músicas, fazer nossas propostas com desafios motores utilizando os próprios elementos e texturas da natureza.

V - Sim, com certeza.

J - Cada passinho é um avanço né!

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

J - Acho que já disse tudo né (risos) falo demais. Só enfatizar que acho muito importante esse desemparedamento da infância.

V - MUITÍSSIMO obrigada, por participar desta entrevista.

J - Imagina eu é que agradeço, pois sempre aprendo um pouco desta relação da criança e natureza com você

V - Gratidão!

V - Tchau!

J - Tchau!

Entrevista: Ágata

V - Oi bom dia, tudo bem?

A - Sim, tudo.

V - Primeiro quero te agradecer por participar da minha pesquisa de mestrado, respondendo às perguntas desta entrevista.

A - De boa.

V - Gostaria que você falasse seu nome completo.

A - Ágata.

V - Qual é a sua idade?

A - Tenho 32 anos

V - E a sua formação acadêmica?

A - Eu sou pedagoga e estou cursando uma Pós Graduação em Educação Cognitiva e Valores Éticos.

V - Qual é o seu tempo de atuação na área de educação?

A - 7 anos

V - E o tempo de atuação no Município de São Caetano?

A - Estou aqui na Rede há 5 anos.

V - Sim.

V - Conte um pouco sobre como é ser professora da creche?

A - Ser professora aqui é muito bom por conta da equipe gestora ter muito respeito com a nossa prática (pausa)

V - Sim

A - Cada professora tem autonomia para organizar seus contextos de aprendizagem em suas salas

V - Entendo

A - O diálogo também é bem importante, pois mostra uma escola, uma creche democrática

V - Sim

A - Os espaços aqui são muito bons, temos muitos bons espaços externos na creche com muita natureza

V - Temos bons espaços sim

A - As auxiliares também são muito boas, muito prestativas e atenciosas e ajudam muito com as crianças.

V - Sim

V- Quem são as crianças?

A - As crianças são seres humanos no qual convivemos dia a dia (pausa/pensamento).

V - Sim

A - Hoje com todos os estudos da sociologia e antropologia reconhecemos as crianças como sujeito de direitos, sociais e culturais, portanto, merecem respeito, carinho, amor e acolhimento. Precisamos quebrar cada vez mais essa concepção de infância, em que a criança é vista como alguém que não sabe nada, que temos que educar, ensinar, disciplinar.

V - Exato

A – A criança, é aquela que tem sede, pressa de descortinar o mundo, pressa de viver o mundo e descobrir como o mundo e as todas as coisas funcionam.

V - Sim

V - O que é a infância para você?

A - Infância é a fase das experiências, curiosidades e descobertas

V - Sim!

A - A criança quer descobrir o mundo e ela tem pressa para descortinar o mundo

V - Na sua opinião como as crianças vivem a infância na creche?

A - Eu percebo através das minhas observações (pausa) que as crianças aproveitam bastante esses espaços naturais. Alguns brincam mais outros menos, mas todos brincam no parque e com a natureza.

V - Exato

V - O que é a brincadeira para você?

A - O brincar é uma ação natural, espontânea e livre da criança, ela decide se quer ou não brincar, como, quando e, com quem brincar e, também, quando parar. O brincar é sua forma de entender o mundo ao seu redor.

V - Sim

V - Qual é a importância do brincar na educação das crianças na creche?

A - É muito importante para a criança pois permeia toda ação e intenção na educação infantil.

V - Sim

V - Como as brincadeiras acontecem aqui na creche?

A - As brincadeiras acontecem em momentos distintos, têm os cantos de aprendizagem, as oficinas de convívio, o brincar planejado e o brincar livre e espontâneo.

V - Há algum espaço na creche que você julga ser privilegiado para que as brincadeiras das crianças aconteçam? Por quê?

A - Temos excelentes espaços aqui na creche, inclusive nos ambientes naturais.

V - Exato.

A - As brincadeiras são também bons momentos de socialização entre as crianças das diferentes faixas etárias.

V - Sim

V - O que você pensa sobre a relação da criança e natureza?

A - O interagir e brincar na e com a natureza na creche é desejado pelas crianças, é descobrir o encontro inesperado com outros seres como formigas, minhocas, joaninhas, borboletas, gafanhotos.

V - Sim

A - Relação muito boa, pois desenvolve na criança o cuidado e o respeito com o meio ambiente, com as outras formas de vida, porque o interagir e brincar na e com

a natureza é descobrir o encontro inesperado com outros seres como formigas, minhocas, joaninhas, borboletas, gafanhotos

V - Sim

V - O que você observa que as crianças fazem quando estão em espaços onde haja natureza?

A - São muitas experiências ao mesmo tempo, cores, texturas, tamanhos

V - Sim

A - Parece que a natureza é multável, ela se transforma constantemente e muitas vezes rapidamente

V - Em suas práticas pedagógicas, há momentos em que as crianças estão em contato com a natureza, como acontece essa interação e quais as dificuldades enfrentadas?

A - Tento na minha rotina deixar as crianças em contato com a natureza, mas o desafio é diário, pois nós professores chegamos às instituições de ensino, no encontro com as crianças, formatados com técnicas, informações e conteúdos organizados e programados que ditam passo a passo as nossas ações e interações junto às crianças já determinando de antemão o tempo, o espaço e o que as crianças devem experimentar, fazer, construir, aprender, sentir e ser.

V - Você pode me contar o que entende por “desemparedamento da infância”?

A - Desemparedamento da infância é algo ao contrário do sistema escolarizado em que ainda vivemos.

V - Sim

A - Nós professores chegamos às instituições de ensino, no encontro com as crianças, formatados com técnicas, informações e conteúdos organizados e programados que ditam passo a passo as nossas ações e interações junto às crianças já determinando de antemão o tempo, o espaço e o que as crianças devem experimentar, fazer, construir, aprender, sentir e ser. Desemparedar tem a ver com desconstruir isso que está posto.

V - Sim

A - Desemparedar é desconstruir isso que está posto

V - Exato

V - O que seria esse “desemparedamento” pensando na creche?

A - Eu diria que desconstruir essa visão de que se aprende apenas nas salas de aula.

V - Entendi

A - Porque não ocupamos mais os espaços externos por conta da preocupação, segurança e o cuidado para que as crianças não caiam, se machuquem e se sujem, porque as mães reclamam

V - Sim

V - Você diria que a creche em que atua vem construindo este desemparedamento?

Por quê?

A - Acredito que sim. Talvez a rotina com as crianças maiores de Grupo 2 e 3 sejam mais fáceis ocupar os espaços externos, mas eu também tento sair bastante com as crianças

V - Sim.

A - Penso que com uma organização interna melhor, com mais auxiliares daria para sair muito mais da sala de aula e fazer mais atividades nos espaços externos

V - Ao observar as fotos das crianças em interação com a natureza: o que te chama a atenção?

A – Elas estão felizes interagindo e brincando com a natureza e aprendem muitas coisas nesta relação, porque a natureza é cheia de possibilidades e descobertas.

V - Sim

V - O que as crianças estão fazendo?

A - Brincando, explorando, descobrindo, experimentando,

V - Sim.

V - O que as crianças estão aprendendo?

A - Aprendendo com o corpo e os sentidos, aprendendo sobre o mundo

V - Pensando nesse “desemparedamento” na creche, quais são, na sua opinião, os desafios a serem enfrentados?

A – Diferentemente da sala de aula, na experimentação brincante na natureza, não existe certo ou errado porque não determina de antemão as experiências que vivenciarão e os resultados e isso contribui para estabelecer um campo de confiança o que estimula a criatividade e espontaneidade, porém o desafio a ser enfrentado é o superar o perigo de que as crianças se machuquem, e se sujem também, pois os familiares reclamam muito na saída.

V - Sim

A - Depois o desafio é conscientizar os familiares sobre a importância de desemparedar.

V - Exato!

A - Importância de estar do lado de fora, dar voz as crianças, ouvir suas vontades, desejos, inseguranças

V - Sim.

V - Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre esta relação criança, natureza, creche?

A - É uma relação muito importante e que deve incentivada aqui na creche, pois temos espaços com natureza

V - Sim

V - MUITÍSSIMO obrigada, por participar desta entrevista.

A - Imagina.

V - Muito obrigada!

V - Tchau!

A - Tchau